

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
POSGRAP – PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PPGS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MARA RAISSA SANTOS SILVA E FREITAS

JOVENS MULHERES, HIP-HOP, ESTILO DE VIDA E FEMINISMO

São Cristovão-SE

Agosto

2018

MARA RAISSA SANTOS SILVA E FREITAS

JOVENS MULHERES, HIP-HOP, ESTILO DE VIDA E FEMINISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, linha de pesquisa em **Minorias Sociais: Diferença, Desigualdades e Conflitos Sociais**, como requisito para à obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon.

São Cristovão

Agosto

2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Freitas, Mara Raissa Santos Silva e

F866j

Jovens mulheres, hip-hop, estilo de vida e feminismo / Mara Raissa Santos Silva e Freitas ; orientador Frank Nilton Marcon. – São Cristóvão, SE, 2018.
116 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Sociologia. 2. Mulheres - Identidade. 3. Jovens - Aracaju. 4. Hip-hop (Cultura popular). 5. Identidade social. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 316.346.2-055.2(813.7)

CDU 316.346.2-
055.2(813.7)

MARA RAISSA SANTOS SILVA E FREITAS

JOVENS MULHERES, HIP-HOP, ESTILO DE VIDA E FEMINISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, linha de pesquisa em **Minorias Sociais: Diferença, Desigualdades e Conflitos Sociais**, como requisito para à obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Frank Nilton Marcon
Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a Patricia Rosalba Salvador Moura Costa- PPGA
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Paulo Sergio da Costa Neves - PPGS
Universidade Federal de Sergipe

São Cristovão-SE

Agosto

2018

*Dedico este trabalho às
Mulheres da cultura Hip Hop
em Aracaju que diretamente
foram responsáveis por esta
pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria para trilhar um caminho que embora decidido por vezes foi angustiante mas que representou para além de um conhecimento a ser adquirido, defendido e publicado, se tornou mais uma vez um encontro comigo mesma! Nessa trajetória agradeço a Glaucya Otton por me ajudar a conduzir esse encontro pessoal.

A minha família pelo apoio em especial aos meus pais Glória e Ulisses, aos meus irmãos Eduardo e Rebecca, muito obrigada por acreditarem sempre no meu potencial e me darem a segurança e o conforto necessário para que esse objetivo fosse alcançado.

A minha avó Maura pelo carinho e preocupação de sempre. A Alessandra Souza mais que amiga, quase uma irmã, muito obrigada por estar comigo em todas as horas. Aos meus colegas de profissão e mestrado, pelos momentos ímpar de diversão, aprendizado e apoio em especial a Jonatha, Francisco, Verônica, Cristina, Guatamonzi, Yara, Cristiano e Baruc. Aos colegas do Gertz e ao meu orientador Frank Marcon pelas diversas contribuições e incentivos.

A Beth, Binha, Maria, May e Elisa por suportarem a minha ausência mas sobretudo por sempre estarem ao meu lado em minhas decisões. A Ary Andrade, a Jamille Santana e Natália Borges, novos amigos com quem tive o prazer de desfrutar momentos de acolhimento e compreensão, vocês foram meu porto seguro em todas as horas de angústia me fazendo lembrar sempre das minhas características mais positivas. A todos do CEMM em especial aos meus queridos alunos que me fazem uma profissional melhor a cada dia.

A Jesana Batista, aos professores do PPGS e a banca avaliadora pela riqueza das suas contribuições.

RESUMO

A presente pesquisa consiste em analisar os significados da participação de mulheres ligadas ao Hip-Hop na região metropolitana de Aracaju/SE e tem o intuito de compreender como se constroem as identidades femininas neste contexto. Para tanto, essa temática está inserida no campo teórico dos estudos de gênero e juventudes e tem como referencial analítico os debates ligados aos processos identitários. Considerado como movimento juvenil contemporâneo e de grande visibilidade o Hip-Hop conta com um público majoritariamente masculino. No entanto, observa-se um crescimento significativo de mulheres seja no rap, no grafite ou no break. Através da pesquisa de campo, buscou-se realizar observações das atividades promovidas por cinco grupos femininos, assim como utiliza-se duas modalidades de entrevistas, uma com foco nas trajetórias das possíveis lideranças destes grupos e outra com temática específica ligadas as relações de gênero que incluíram ainda análises sobre as narrativas de três jovens do sexo masculino. Desta forma, foi possível pensar a participação feminina nessa cultura a partir das identificações, dos discursos e das práticas que se constroem nesse espaço, mas também compreender como se dão atualmente as relações de gênero e as sociabilidades estabelecidas nas práticas culturais que envolvem esse universo.

Palavras-chave: Identidades, jovens, mulheres, hip-hop.

ABSTRACT

The present research consists of analyzing the meanings of the participation of women related to Hip-Hop in the metropolitan region of Aracaju/SE and aims to understand how women's identities are constructed in this context. Therefore, this theme is inserted in the theoretical field of studies of gender and youths and has as analytical reference the debates related to the identity processes. Considered a contemporary youth movement with great visibility, Hip-Hop has a mostly male audience. However, there is a significant growth of women in rap, graphite or break dance. Through the field research, it was sought to make observations of the activities promoted by five female groups, as well as using two modalities of interviews, one focusing on the trajectories of the possible leaderships of these groups and another with specific themes linked to the gender's relations that also included analyzes on the narratives of three young men. In this way, it was possible to think about the female participation in this culture based on the identifications, discourses and practices that are built in this space, but also to understand how the gender relations and the sociabilities established in the cultural practices around this universe are currently being given.

Key words: Identities, youth, women, hip-hop.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Ponte Construtor João Alves	44
Imagem 2: Abertura da Semana de Hip Hop na Câmara Municipal de Aracaju	46
Imagem 3: Integrantes após abertura da Semana Municipal de Hip Hop	47
Tabela 1: Perfil das entrevistadas	56
Imagem 4: Apresentação do grupo Flor Marias no projeto Sescção	62
Imagem 5: Integrantes do grupo La Femina no ato contra Pec 241	65
Imagem 6: Dupla Aninha e Negratcha MC no Festival de Cultura Negra	66
Imagem 7: Participação do grupo Arteiras Crew no evento “Sopa de letras”	67
Imagem 8: Grafite produzido na orla de Aracaju	68
Imagem 9: Alerquina Galerosa	69
Imagem 10: Crew Flow Minas na Semana de Luta contra a violência à mulher	72
Tabela 2: Eventos e atividades organizadas por Mulheres do Hip Hop –SE	77
Imagem 11: Integrantes da FNMH ² e convidadas no evento Rima D’ Mina	79
Imagem 12 e 13: Participantes do Fórum Estadual de Mulheres	81
Imagem 14: Roda de poesia realizada durante o evento Mulheres de Luta	82
Imagem 15: Roda de conversa realizada por integrantes de coletivos feministas	83
Imagem 16: Apresentação do grupo Guerrilheiras na 3ª edição do Mulheres de Lutas	83
Tabela 3: Participação em eventos e atividades promovidas por coletivos	84
Imagem 17: Mulheres reunidas para gravação da Cypher “Conto do Vigário”	85
Tabela 4: Participação em eventos organizados por grupos ligados ao universo Hip Hop	86
Imagem 18: Debate sobre Cultura de estupro no evento Salve Favelas	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPV – Associação Sergipana de Hip Hop Aliados Pelo Versos

CCCS – Centro Contemporâneo Cultural de Estudos

CYPHER – Grupo de rappers apresentando novas rimas escritas previamente

CREW – Tripulação / grupo.

EUA – Estados Unidos da América

GERTS – Grupo de Estudos Culturais Identidades e Relações Inter étnicas

DJ – Disque Jôquei

FNMH2 – Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop

MC – Mestre de Cerimônia

ONG'S – Organizações Não-Governamentais

PIBID – Programa de Iniciação a Docência

PT – Partido dos Trabalhadores

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I CAPÍTULO	
1. ENTRE A VISIBILIDADE E A INVISIBILIDADE: A PRESENÇA FEMININA NAS CULTURAS JUVENIS	19
1.1 Revisando os estudos sobre juventude	20
1.2 O hip hop enquanto movimento cultural juvenil	25
1.3 Juventude, hip hop e a presença feminina	28
1.4 Os estudos de Gênero e a Interseccionalidade	36
II CAPÍTULO	
2. AS MINAS E O HIP HOP NO CENÁRIO LOCAL:.....	42
2.1 O hip hop na grande Aracaju	43
2.2 As trajetórias femininas.....	48
2.3. Os significados de ser jovem e hip hop.....	54
III CAPÍTULO	
3. ATUAÇÃO POLITICA E AS IDENTIDADES FEMININAS	59
3.1 As experiências femininas a partir dos grupos	60
3.2 O quinto elemento: a consciência política e as redes sociais	71
3.3 Eventos das Minas	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
---------------------------------	----

APÊNDICES	100
-----------------	-----

Apêndice 1. Termo de consentimento	101
--	-----

Apêndice 2. Roteiro de Entrevista (mulheres)	102
--	-----

Apêndice 3. Roteiro de Entrevista (homens).....	103
---	-----

ANEXOS	106
--------------	-----

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o presente tema, surgiu ainda no ano de 2013, quando fui apresentada a uma atividade organizada por jovens ligados ao hip-hop na cidade de Maceió/AL. O evento contou com a participação feminina e a partir daí vislumbrei um universo que até então era desconhecido para mim. Neste mesmo ano eu ainda cursava a graduação em Ciências Sociais pela UFS e também já era simpatizante das várias atividades políticas construídas por coletivos feministas em Aracaju. Neste sentido, tal experiência me possibilitou alguns contatos e as primeiras inquietações sobre o protagonismo das jovens que se encontravam naquele espaço.

Foi a partir de um encontro com Alyne Sakura¹ em Aracaju, em que estavam presentes também alguns membros da Associação Sergipana de hip hop Aliados pelo Versos – ALPV, que passei a vivenciar uma relação de maior proximidade com o universo. Mas a associação específica sempre contou com pouca participação feminina em suas atividades e, quando a questão era posta em raros momentos, a justificativa em geral que me era dada, era a falta de interesse por parte das mulheres em participar das atividades.

Uma situação interessante que me chamou a atenção, ainda durante a minha trajetória no conhecimento do universo hip-hop em Aracaju, foi quando estava observando a última edição do evento regional de break “*Battle for life*” em 2013. Durante o evento, ouvi rumores de um suposto conflito envolvendo uma das participantes presentes com o produtor. O fato teria ocorrido no alojamento e fez referência a participação desta em uma das modalidades. Após o término do evento, este conflito só foi à tona, para o conhecimento do público em geral, nas redes sociais.

Em 2014, decidida a estudar essas questões de gênero e já num primeiro contato com o campo teórico da sociologia da juventude, através da minha inserção enquanto bolsista no Programa de Iniciação à Docência - PIBID, observei um dos maiores eventos de hip-hop realizado embaixo da ponte que liga esta cidade ao município de Barra dos coqueiros/SE. O evento conhecido como “Nordeste me veste”, apontou alguns desafios para as jovens *b girls*². Partindo do pressuposto de uma perspectiva de avanços no que se refere à emancipação feminina em nossa sociedade, identifiquei nesse espaço específico de análise, limites no que se refere à efetivação da igualdade de gênero. Tal observação demonstrou, desta forma, que a

¹ MC no grupo Império Feminino, blogueira e produtora cultural na cidade de Maceió/AL.

² Dançarinas de break. O break é um dos elementos do hip hop que envolve a prática de movimentos corporais.

participação feminina neste evento foi constantemente negociada com o público masculino, se tornando um campo importante para a análise social.

Ao ingressar no curso de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na mesma universidade em 2016, me inseri no Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Inter étnicas – Gerts, coordenado pelo professor Dr. Frank Nilton Marcon, onde pude aprofundar leituras sobre processos identitários, juventudes, estilos de vida e ainda uma literatura específica sobre gênero, ligada aos grupos juvenis que ajudaram a compor as principais reflexões do presente trabalho.

O hip-hop é considerado um movimento cultural contemporâneo, que tem suas origens localizadas nos subúrbios da população negra dos Estados Unidos. Influenciado pela *soul music* como base musical do movimento dos direitos civis da década de 60 este, nasce como símbolo de consciência negra e passa a ser definido em diversos estudos, a partir da composição de elementos ligados a expressões de rua, como: a música rap, o *break dance*, e o grafite. Posteriormente, alcançou um caráter mundial, a partir da comercialização dos seus elementos acionados pelo processo de globalização, foi possível perceber a produção dos seus signos e emblemas, funcionando como um sinal de identificação dos sujeitos para além das fronteiras física, muito presentes também na indústria cultural.

Dayrell (2005) ressalta ainda que no Brasil, sua difusão remonta aos anos 70, quando aconteceu a proliferação dos chamados “bailes *blacks*” realizados nos grandes centros urbanos, onde milhares de jovens encontraram uma alternativa de lazer, que até então era inexistente. Nessa perspectiva, a presença feminina é considerada um fenômeno recente que se adensou a partir da década de 90. Entretanto, a sua ausência é muitas vezes justificada pela maneira ao qual o hip-hop está estruturado. Por ser considerado uma cultura de rua, sendo esta um lugar de perigo, violência e criminalidade, Novaes (2002) considera esse espaço associado ao mundo masculino, fato que teria afastado historicamente as mulheres, do movimento.

Ressalto aqui, que a “negociação” não se configura uma novidade, quando se trata da participação feminina neste espaço específico. Pois dessa forma, parece existir um consenso no tratamento dado sobre o tema, que as mulheres que buscam se inserir nesta cultura, ainda muito caracterizada pela forte presença masculina, precisam lançar mão de várias estratégias.

Sobre essa questão destaco um artigo importante, publicado pelas autoras Patrícia Souza e Julia Zannetti (2006) quando chamam a atenção para a criação de grupos específicos que, no elemento do rap por exemplo, podem chegar a questionar inclusive o lugar da mulher na sociedade, o uso dos meios de comunicação e ainda a relação que pode ser estabelecida entre essas integrantes com movimentos e ONG's feministas.

No decorrer da minha aproximação inicial com o campo em Aracaju, no ano de 2013, constatei a presença somente de dois grupos femininos que estavam atuando, o “Pretas de Fé”, na época recém-formado e o “Flor Marias”, ambos referentes ao rap. Neste sentido, apesar dessa limitação, notei que existiam várias jovens que se identificavam com o hip hop e os seus elementos, pois suas presenças eram visíveis nos eventos promovidos pela ALPV. Porém, essas apenas faziam parte do público que o assistia.

Dessa forma, a partir das indicações de contatos que pudessem me fornecer mais informações sobre o cenário feminino, surgiu um convite onde presenciei a formação de uma Frente Estadual de Mulheres do hip hop em Sergipe que, segundo suas integrantes, tinha o objetivo de unificar, fortalecer e inserir a presença de mulheres ligadas a essa expressão cultural. Essa formação era encarada ainda, como uma célula da Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop, cuja a sede se localiza em São Paulo.

Atualmente, tenho acompanhado um crescimento significativo de grupos femininos ligados aos elementos. E esse cenário produz diversas ações onde o objetivo tem sido o de divulgação do hip-hop sob a ótica das mulheres. Porém essa atitude não significa uma não integração, ou não formação em outros grupos em que o público masculino também se faz presente.

Outro fato que possui uma suma relevância é que nem todas se viam representadas pela bandeira feminista, sendo este um fenômeno que tem ocorrido recentemente. A hipótese é a de que a chegada de novas integrantes tem proporcionado o conhecimento dessa bandeira de luta, o que tem levado a uma aproximação também com coletivos feministas da cidade composto por jovens mulheres de classe média, universitárias, ligadas ao movimento estudantil, que no processo de interação com essas integrantes, também tem se utilizado do instrumento do hip-hop como base para suas manifestações políticas e em seus contextos específicos.

Para fins de pesquisa foi preciso fazer um recorte dos grupos analisados. Nesta perspectiva optamos por acompanhar quatro grupos restritamente femininos, ligados aos elementos rap, break e grafite atuantes em Aracaju que adquirem visibilidade por suas integrantes serem consideradas as primeiras no presente contexto e possuírem por um lado, influências políticas que traz implicações em suas práticas, posicionamentos, por outro lado, ganho de recursos econômicos e simbólicos.

O tema da juventude tem acompanhado um crescimento significativo em vários setores da sociedade e também na academia, em particular. Porém, nem sempre esta visibilidade vem acompanhada de uma consideração, partindo dos significados e dado as suas ações, ou seja: enquanto sujeitos que possuem suas próprias demandas sociais. O problema ainda é duplo, quando se trata do conhecimento sobre mulheres, nesta condição.

Pais (1990) em suas considerações teóricas sobre o fenômeno, considera que a sociologia tem se visto cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações sociais correntes, sobre a juventude, principalmente quanto ao tratamento enquanto problema social.

Em contrapartida, se prevê o desenvolvimento de estudos que tomem a realidade socialmente construída sobre os jovens, a partir dos significados que esses próprios dão as suas ações, apontando para o modo como vivenciam esse período e dando destaque aos estilos de vida e gostos pessoais. Por outro lado, enfatizando como eles constroem identidades a partir da dimensão simbólica de suas práticas culturais e de sociabilidades. Dessa forma, esse campo teórico traz também a importância de explorar, não apenas as possíveis semelhanças, mas também as diferenças que podem existir entre os jovens.

Assim, quando busco uma compreensão sobre essas integrantes, quero ressaltar que estou tratando de mulheres que estão produzindo e consumindo as expressões culturais do hip hop a partir de um intervalo etário comumente atribuído à juventude. Mas ao mesmo tempo a partir dos seus protagonismos, busco entender como essas podem também acionar uma representação social dessa condição juvenil para além da idade.

Ao ser encarado enquanto movimento político que trouxe à tona uma série de protagonismos das mulheres, a partir de lutas, pautas e reivindicações, o feminismo foi um avanço no tocante à emancipação feminina em nossa sociedade no que se refere à contestação dos papéis e espaços sociais construídos em torno da diferenciação sexual. Posteriormente, este fenômeno possibilitou à inserção feminina em vários espaços, marcando uma transgressão social que se projetou na esfera pública, historicamente, para além do espaço privado onde socialmente se atribuiu até então, o lugar da mulher.

Nesta perspectiva, também destaco a importância dos estudos de gênero que foram gerados para pensar esse movimento, além das teorias feministas que dele surgiram e acabaram tendo grande difusão acadêmica. Essas, fornecem bases para compreensão de concepções que ainda permeiam a sociedade nas relações de gênero e, sobretudo, várias reflexões teóricas em relação ao rumo tomado pelo movimento feminista contemporâneo, ao

qual vem cada vez mais se ampliando a partir de novas pautas e na identificação de várias adeptas.

Ressalto também, que a participação de jovens mulheres no universo do hip-hop é ainda um tema considerado pouco pesquisado, apesar de atualmente alcançar um crescimento significativo nas pesquisas dos últimos anos. Ao tomar a literatura existente como critério de análise, ainda é comum nos estudos sobre juventude, pesquisas que, ou não fazem distinção de gênero, ou tomam somente os integrantes masculinos como protagonistas nas chamadas culturas juvenis ou subculturas, reforçando esses espaços como lugar para esse público específico.

Neste sentido, já nos anos setenta, as autoras McRobbie e Garber (1975) em um artigo intitulado “Garotas e subculturas” chama atenção para que, mesmo considerando as poucas pesquisas daquele período, quando estas ocorriam eram geralmente realizadas a partir de uma abordagem clássica de temas como a afetividade ou sexualidade e como essas jovens eram representadas nas relações de gênero das chamadas galeras ou gangues. Por outro lado, quando se tratava de pesquisas sobre o âmbito da vida no espaço privado, as autoras indicam que tais pesquisas alcançam maior visibilidade, principalmente sobre o consumo e o lazer em casa e no espaço dos quartos.

Ainda em uma breve pesquisa nos bancos de teses e dissertações de programas ligados às áreas das Ciências Sociais e Humanas, também pude constatar um número consideravelmente pequeno de trabalhos que buscavam entender as relações estabelecidas por jovens mulheres e a produção cultural do hip-hop, a partir de uma investigação especificamente ligada as identidades, os estilos de vida e as relações de sociabilidades. Desta maneira, tal proposta tem também o objetivo de contribuir com as reflexões sobre essas questões.

De uma forma geral, tais observações confirmam que as mulheres se configuram como minoria em culturas juvenis. Além disso, também constatei que quando presentes existe uma negociação em relação a suas participações perante o público masculino. Porém, quero chamar atenção para a busca de significados que podem estar em questão em relação à suas inserções, essas podem ser motivadas por vários sentidos.

A literatura sobre gênero aponta o espaço hip-hop, como cultura de reprodução de normas e valores que são construídos socialmente, relacionados aos papéis de gênero. Neste sentido, é interessante compreender as possibilidades políticas de transgressão, resistência, das jovens quando se deparam com esses limites na inserção dessa expressão, mas também

como essas constroem significados, sentidos de identificação a partir de suas trajetórias de vida, além das experiências femininas que podem ser estabelecidas neste espaço.

Desta maneira, pretendo responder as seguintes questões de pesquisa: Como as relações de gênero são experimentadas no cenário hip-hop e quais os reflexos destas relações em Aracaju? Como se manifestam as sociabilidades nas percepções das jovens mulheres neste cenário? Quais as trajetórias destas jovens no que se refere a sua inserção no hip hop? Como elas elaboram as suas impressões sobre suas inserções nas cenas locais? Quais as estratégias de inserção engendradas neste espaço? Quais as articulações entre os discursos e as práticas de posicionamentos feministas e o envolvimento de mulheres com o hip-hop?

O objetivo principal é compreender como se manifestam as práticas e discursos de jovens mulheres com relação à identidade de gênero e como estas são acionadas nas atividades do hip-hop, no recorte geográfico conhecido como a grande Aracaju³. Assim, entre os objetivos específicos estão: 1) Reconhecer como estas identidades acionam o cotidiano de suas ações. 2) Compreender como as integrantes dão sentidos às suas expressões. 3) Investigar possíveis estratégias de organização feminina a partir da formação e da inserção em grupos, coletivos, frentes, partidos e associações. 4) Verificar como se dá as relações de gênero pelo contato com o público masculino. 5) Compreender como são construídos os posicionamentos políticos, e as relações de sociabilidade a partir das experiências com o grafite, o rap, o *break dance* e a realização de eventos.

Desde a minha aproximação com o universo do campo, também tenho adotado algumas estratégias metodológicas como forma de levantar questões relevantes que envolvem o objeto em questão. Assim, além de um afastamento enquanto militante e do exercício de estranhamento sobre um universo que pra mim é muito familiar ao mesmo tempo, tenho refletido sobre o que a mim é também apresentado como estranho. Neste sentido, utilizo os seguintes instrumentos : observação múltipla e multi-situada, entrevista, técnica de registro em caderno de campo, referências bibliográficas e registros fotográficos .

Inicialmente, procurei realizar recortes dos espaços de observação a partir de informações iniciais, que foram apresentadas como relevantes. No primeiro momento, observei eventos organizados pelas jovens e tentei localizar os principais meios de divulgação de suas atividades. Nessa descoberta, o universo virtual se apresentou como espaço crucial, para além de um instrumento de divulgação, mas também onde práticas e discursos têm sido colocados como forma de fortalecer o movimento. José Alberto Simões (2010) em um estudo

³ é composta pelos Municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão principais locais de atuação das integrantes do hip hop.

realizado sobre sujeitos ligados à chamada cultura hip hop, ressalta não só o espaço virtual como importante para as suas análises, mas enfatiza a interligação com a rua como estratégia de observação.

Em suas considerações, a observação *in loco* e virtual se completaram, na medida em que cada lugar funcionava como um módulo de rede e essa lógica apontou para a multiplicidade de lugares nos quais se podem estruturar as práticas existentes. Desta forma, seguindo o conselho metodológico dado pelo autor, também busco o acesso a esse espaço como uma possibilidade de interpretações importantes sobre o mundo dessas interlocutoras, para além de um instrumento de recolha de informação.

Para Becker (1997), o método de observação tem sua importância na medida em que no trabalho de campo se tem a necessidade de coletar dados do grupo ou organização, na observação dos indivíduos em seu comportamento em situações de sua vida cotidiana. Neste sentido, a partir do uso desse método, observo os eventos e atividades organizadas pelas jovens e mais aquelas em que essas participam enquanto convidadas. Ainda, segundo o autor, por ser considerada vantajosa pela possibilidade de obter a informação no momento em que os fatos ocorrem, a observação também funciona como meio de comprovação dos relatos dos sujeitos.

Para apresentar os resultados desta pesquisa, dividi esta dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Entre a visibilidade e a invisibilidade: a participação feminina nas culturas juvenis”, busco trazer à tona o debate central que envolve a questão de gênero nos estudos sobre juventude. Inicialmente, a partir de uma revisão da literatura sobre o tema, apresento como a questão do gênero foi sendo trabalhada e compreendida por tais estudos. Em seguida, analiso o hip-hop enquanto movimento cultural e político produzido e consumido por jovens. A partir daí, apresento ainda a reflexão recente sobre a participação feminina no contexto deste estilo de vida.

No segundo capítulo, intitulado “As minas e o Hip Hop no cenário local: em busca de uma trajetória”, reconstituo o percurso desse movimento em Aracaju. A partir da análise das entrevistas com jovens do sexo feminino, trago a compreensão dos significados da inserção feminina nessa cultura, nos elementos como *break dance*, grafite, rap e o sentido da formação de grupos especificamente de mulheres no cenário local.

No terceiro capítulo, intitulado “Atuação política, e as relações de gênero e sociabilidades: explorando identidades”, analiso o significado da atuação dessas jovens no que concerne a constituição de identidades femininas. Tendo em vista, essas questões, procuro

destacar as relações estabelecidas por elas com os homens e suas experiências a partir das práticas e das relações de sociabilidades.

**I CAPÍTULO:
ENTRE A VISIBILIDADE E A INVISIBILIDADE: A PRESENÇA FEMININA
NAS CULTURAS JUVENIS**

O principal objetivo desde quando eu comecei a cantar acho que nunca foi aparecer pra mídia porque não era o mundo que eu visualizava (...) mas o que eu visualizava era: Por que só temos nós três aqui? Por que não tem outras mulheres? (Mariah Médiçi, *La Femina*, 2017).

Desde o momento em que decidi estudar a temática de gênero no hip-hop, entendi que seria conduzida para um universo além do comumente conhecido, como um cenário de quase inexistência feminina. Por outro lado, quando as mulheres se fazem presentes, elas atuam quase sempre como coadjuvantes dos homens. Assim, para elas, mais que um estilo de vida ou uma atividade de lazer em que o consumo e a sociabilidade ganham uma valorização, suas presenças neste universo têm sido acompanhadas de resistência, do forte desejo de visibilidade e reconhecimento.

Aqui, tenho como objetivo apresentar uma revisão sobre a questão de gênero nos estudos sobre juventudes a partir das Ciências Sociais. É notório na literatura disponível, que há carência de estudos que abordam a presença feminina, principalmente a partir de uma bibliografia referente aos grupos juvenis. Assim, realizo uma revisão bibliográfica sobre como as juventudes, bem como o hip-hop, vêm sendo discutidos nas Ciências Sociais para entender o percurso teórico – metodológico adotado na composição destas primeiras incursões e como essa relação se dá quando se trata de analisar questões de gênero.

A primeira etapa deste capítulo é uma revisão da literatura dos estudos juvenis, que tem o intuito de tratar sobre sua construção social e sociológica. Para tanto, trago as reflexões sobre o surgimento dessa categoria e como foi sendo moldada no discurso acadêmico por principais áreas de conhecimento. Essa discussão possibilitou ainda um mergulho nos termos, conceitos e contextualizações de autores específicos como: Helena Abramo (1997; 2005), Pierre Bourdieu (1983), José Machado Pais (1997), Guerra e Quintela (2016), Elmir Almeida (2004), Freire Filho (2005) e Michel Maffesoli (2000).

Ao me aproximar das construções teóricas que abordam o hip-hop, busco refletir sobre tal expressão cultural, reconhecendo suas principais abordagens, mas tratando-o como movimento juvenil contemporâneo a partir das construções analíticas de Tavares (2010), Souza (2015), Simões (2010), Silva (2006), Guimarães (1988) e Silva (2016). Originário dos subúrbios da população negra dos Estados Unidos, seus signos e emblemas foram difundidos globalmente, o que faz com que essa expressão cultural seja presente principalmente nas periferias das grandes cidades e assumam sentidos diversos. Assim o rap, o *break dance* e o grafite se tornam significativos entre os jovens e passam a ser construídos, reconhecidos e ressignificados quando permeiam o universo urbano.

Se o hip-hop é polêmico em relação à sua origem histórica, econômica e racial, as questões de gênero também surgem enquanto repercussão enfocada pela literatura existente, quando relacionada aos diversos contextos analíticos. Ao mapear as questões relativas à presença feminina neste universo, busquei nos bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação, a existência de trabalhos que pudessem fornecer um panorama desta questão. Assim, os dados relacionados às jovens mulheres ainda deram espaço para o uso das teorias de gênero e interseccionalidade que surgem no ambiente acadêmico, servindo como ponto de reflexão teórico-metodológico para pensar as participações femininas neste universo.

1.1 REVISANDO OS ESTUDOS DE JUVENTUDES

“Na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão (...). No entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (Abramo, 1997, p.25).

Ao buscar uma compreensão sobre as expressões juvenis, que apresentavam visibilidade nos espaços públicos no final da década de oitenta e início da década de noventa, no Brasil, as análises desenvolvidas por Helena Abramo (1997; 2005) de modo paralelo, já chamavam atenção para o crescimento significativo, no qual os jovens aparecem enquanto objeto de interesse social. Na presente citação, é inevitável notar que o tema Juventudes tem sido tratado sobre diferentes pontos de análise. Entretanto, o que chama atenção são os

diagnósticos feitos sobre os jovens, que em geral, dizem respeito à situação em que eles vivem, sem levar em consideração suas próprias percepções sobre o mundo que os cerca.

Segundo Abramo (2005), a juventude se configura como uma pauta de discussão, sendo um assunto a respeito do qual a sociedade tem algo a dizer. Deste modo, ao tomar as concepções sobre o fenômeno no ambiente acadêmico, a autora alerta para os deslizos, as encobertas e as mistificações que o conceito encerra. Não diferente, as políticas públicas no Brasil também apontam a presença dessa tensão. O termo nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas políticas, porém, ainda permanecem uma grande indeterminação e muitas indagações, a respeito do que está sendo designado por ele.

A tematização da juventude enquanto problema social é histórica. Deste modo, a autora lembra que até os anos de 1960, a visibilidade da juventude ficou restrita aos jovens escolarizados pertencentes à classe média. Assim, representados como uma geração dotada de valores próprios, esses jovens se tornaram ameaçadores da ordem social, nos âmbitos políticos, culturais e morais. Algum tempo depois, o foco nos jovens da classe média se modificou. A preocupação social, passa então a ser centrada na questão das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, que ao emergir como tema de extrema gravidade no período, desencadeou tanto ondas de pânico social como, por outro lado, trouxe mobilizações em torno da defesa dos direitos deste segmento.

Nas considerações de Abramo (2005), a tematização da juventude para além dos jovens escolarizados, ligados a classe média e, por outro lado, para além da adolescência em situação de risco é considerada recente e surge a partir da intensificação dos comportamentos juvenis. Entretanto, também é fruto da emergência de novos atores sociais, em evidência no espaço urbano, principalmente por meio de expressões ligadas aos estilos culturais.

“A juventude é apenas uma palavra” como afirmou Bourdieu (1983) em uma entrevista célebre, e o reflexo do sociólogo é lembrar que a divisão entre as idades é arbitrária. Segundo o autor, a fronteira entre a juventude e a velhice, tem se configurado como objeto de disputas em todas as sociedades. Deste modo, tal estrutura é reencontrada conforme exemplos elencados pelo autor, que lembra na divisão entre os jovens e os velhos, o poder e as classificações por idade, impondo limites onde cada um deve se manter em seu lugar.

A juventude e a velhice não são simples processamento de dados, mas construções sociais consideradas por Bourdieu (1983), ao enfatizar a relação entre a idade social e

biológica, no âmbito cultural de cada sociedade. Assim, cada campo empírico possui suas leis específicas de envelhecimento, cabendo ao pesquisador desmistificá-las. O que significa que o fato de falar dos jovens enquanto uma unidade social homogênea, constitui uma manipulação social evidente.

Nos anos noventa, Pais (1990) evidencia o confronto estabelecido entre a teoria sociológica, no que se refere às rupturas com as representações correntes feitas sobre a juventude para, tentar em contrapartida, desenvolver a realidade socialmente construída. Deste modo, o autor enfatiza ainda, que o objetivo da sociologia tem sido o de explorar, não apenas as semelhanças que podem existir entre os jovens, mas também as diferenças encontradas entre estes.

O foco na juventude enquanto uma representação social é ainda associada por Pais (1990), a uma fase de vida ligada a uma consciência geracional, distinta de outras gerações, se os jovens se reconhecem como parte desta. Do contrário, haveria o reconhecimento de que ser jovem é uma experiência distinta daquelas que indivíduos na mesma condição vivenciam. Essas análises, por sua vez, levam a diferentes teorias agrupadas em duas correntes, que o autor passa a explorar.

Na corrente geracional, a noção de juventude refere-se a uma fase de vida que se relaciona a continuidades e descontinuidades das normas e valores sociais, quando se analisa os grupos juvenis. Segundo Pais (1990) os jovens, por se encontrarem num estado de disponibilidade e de aprendizagem da vida social, viveriam esses processos de uma maneira muito própria. Já para a corrente “classista”, o olhar sobre os jovens é tido, por outro lado, sobre a reprodução social que teria nas classes seu elemento agregador. Neste sentido, a transição dos jovens para a vida adulta, encontra-se pautada pelos mecanismos das classes, fazendo com que as culturas juvenis apresentem um significado político onde os seus rituais acabariam por manifestar um sentido de “resistências”, a partir da criação de espaços culturais, identificados socialmente.

Na tradição dos estudos de juventudes, as chamadas culturas juvenis têm sido constantemente associadas ao fenômeno do pós-guerra. Desta forma, a importância que elas adquirem na sociedade inglesa da década de 50, em suas primeiras aparições, serviu para um reequacionamento das investigações, que se sucederam nas décadas seguintes, possibilitando uma tradição sólida de estudos. Nessa perspectiva, Almeida (2009) lembra que o movimento elementar que caracterizou a produção sobre os agrupamentos juvenis emergentes, estava

articulado a partir de perspectivas ligadas a compreensão das dinâmicas sociais em jogo, no bojo dos problemas enfrentados pela sociedade da época, a contribuições que tais entendimentos, adquiriam na formulação das teorias sociológicas.

Guerra e Quintela (2016), ao reconhecerem a existência dessas diversas abordagens, apontam duas consideradas marcantes: a norte-americana, pioneira nos estudos realizados pelos pesquisadores da Escola de Chicago nos anos 30, e por outro lado, a linha investigativa dos chamados “*Cultural Studies*”, iniciada na década de 70 pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies*, de Birmingham (CCCS). Nessa perspectiva, a Escola de Chicago ao assumir um modelo de investigação, calcado no equilíbrio social, associa a emergência dos grupos juvenis a organização e o desenvolvimento da urbanização nas cidades. Deste modo, os autores evidenciam que esses primeiros estudos focalizaram no comportamento desviante dos jovens, através do conceito de *gang*, como agregador das explicações recorrentes as patologias sociais uma vez que essas são reconhecidas como subsistemas de um sistema social mais amplo.

A partir da década de 1960, o conceito de contracultura é proposto por alguns sociólogos. Segundo Guerra e Quintela (2016), trata-se de uma imersão na ótica do desvio dos grupos juvenis, que passam a ser vistos enquanto “problemas sociais”, tendo em vista a vivência à margem da sociedade, bem como a partilha de valores distintos da cultura dominante. Tais grupos, ainda apresentam outras diferenças no que se refere a organização, o que significa que, para além da faixa etária, são ligados a classe social ao estilo de vida, aos gostos musicais, a ocupação, entre outros aspectos.

Após essas premissas, outros enquadramentos passaram a ser feitos pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies* na década de setenta, ao evidenciar os jovens e suas formas de associação a partir do conceito de *subculturas* e dos chamados “*estilos juvenis*”, como produtos das relações sociais. Segundo Freire Filho (2005), essa perspectiva buscava se manter distante dos estereótipos atribuídos pela escola de Chicago que, na crítica desses teóricos, visualizava o comportamento dos indivíduos nas subculturas juvenis, como razoável e coerente, bem como a alguns estudos britânicos que trouxeram a noção de consumo, como elemento que teria transformado os jovens da classe trabalhadora no pós-guerra.

Ao contrario, Freire Filho (2005) enfatiza que os pesquisadores da Escola de Birmingham, entendiam que os estilos emergentes simbolizavam respostas ou soluções culturais dos jovens aos problemas ocasionados pela experiência de classe.

A proposta do CCCS era em síntese, desconstruir e destronar o conceito mercadológico de cultura juvenil, e em seu lugar, erigir um retrato mais meticuloso das raízes sociais, econômicas e culturais das variadas subculturas juvenis e de suas vinculações com a divisão do trabalho, e as relações de produção, sem negligenciar as especificidades de seu conteúdo e de sua posição etária e geracional (Clarke et al., 1976:16). Não se tratava meramente, pois, de produzir inventários de padrões de consumo e estilos de vida subculturais; era impreterível avaliar que função o uso (criativo, insólito, espetacular) de artefatos da cultura de consumo, do tempo e de espaços territoriais assumia perante as instituições dominantes hegemônicas da sociedade (Filho, 2005, p.141).

Para Guerra e Quintela (2016), os investigadores do CCCS vão privilegiar uma abordagem a parte as subculturas juvenis da Escola de Chicago, em que o poder se configura enquanto um elemento central em suas análises. Esta abordagem por sua vez, alicerça-se do ponto de vista teórico, no conceito de resistência cultural a partir do qual os investigadores do CCCS, vão sublinhar um comportamento juvenil baseado no uso dos significados e símbolos constantemente elaborados, face a cultura dominante. Aqui, o estilo ganha relevância devido aos componentes como: vestuário, roupa, música, rituais e linguagens, para servirem como elementos utilizados contra o sistema dominante.

Enquanto isso, a presença e as práticas juvenis que estavam emergindo nos grandes centros urbanos, também recebem uma nova nomenclatura. As “tribos urbanas” são alvo de uma perspectiva teórica e metodológica pensadas por Michel Maffesoli (2000), ao enfatizar as atividades cotidianas pelos sujeitos, em um contexto em que o individualismo tem estado em declínio. Neste sentido, as reflexões teóricas do autor possibilitam pensar os jovens em uma busca por conexões afetivas e o interesse em comum. As tribos urbanas, são definidas enquanto grupos sociais que, vinculadas ao processo de massificação da sociedade moderna, estão em constante transformação. Considerada como centro do trabalho desenvolvido por Michel Maffesoli (2000), o tribalismo enquanto organização social é precedido por noções como: comunidade emocional, sentimento coletivo, sociabilidade e consumo.

A partir da década de noventa, as contribuições vinculadas ao CCCS da Universidade de Birmingham, passaram a ser reformuladas resultando no estabelecimento de uma nova área investigativa, conhecida como “estudos pós- subculturais.” A nova investigação, apesar de baseada em contribuições teóricas já existentes, trouxe inovações a partir do entendimento de que os fluxos proporcionados pela globalização, foram rearticulados a esferas locais e proporcionavam hibridismo as práticas culturais ligadas às identidades e os estilos de vida que não necessariamente assumem um caráter de resistência, quando atribuídos a juventude.

1.2. O HIP HOP ENQUANTO MOVIMENTO CULTURAL JUVENIL

Historicamente, o hip-hop tem sido considerado um movimento cultural ligado aos jovens negros e latinos, surgido dos subúrbios dos Estados Unidos no final dos anos 1960. Segundo Tavares (2010), a influência *dub*⁴ que chegava aos EUA trazida pelos imigrantes foi central para a difusão de suas práticas artísticas e culturais como a música, composta pelo rap; canto dos MC's sobre uma base de batidas marcadas pela figura do(a) DJ; a dança conhecida como *break*, e praticada pelos(as) b.boys e b.girls; e a expressão gráfica, conhecida como grafite (ZANETTI E SOUZA, 2008, p.05)

Assim, desde sua emergência, por ser associado aos grupos excluídos presentes nos espaços urbanos, o hip hop se apresentou como um instrumento de respostas a questão subalterna imposta pela colonialidade de um sistema mundial de valores e produtos simbólicos centrados numa modernidade ocidental (TAVARES, 2010, p.312).

Tavares (2010), aponta ainda que o hip-hop se posiciona de modo divergente à perspectiva dos estudos culturais, que enfatizaram o comportamento juvenil nas subculturas frente a um posicionamento de vanguarda, no que se referia ao consumo de objetos disponibilizados pela indústria cultural. Em geral, são as músicas e os vídeos propagados pelos grupos norte-americanos, que delinearão o processo de identificação dos jovens ligados ao hip hop, a partir do estilo, do gosto e do consumo pelos bens culturais nas cidades brasileiras.

O hip hop emerge de um contexto de crise em que a instabilidade política, econômica e social do período é evidente. Entretanto, Souza (2015) enfatiza o caráter central com que a inovação tecnológica assumiu, para o desenvolvimento do movimento. Nessa perspectiva, os jovens passaram a reciclar os chamados toca-discos, descartados pela classe média para produzirem um dos seus elementos artísticos que apresenta atualmente maior difusão: a música rap. O rap foi central nas festas que passaram a se popularizar nos guetos de Nova York, representando lazer e entretenimento juvenil, como aponta Souza, (2015, p.30):

No auge da chamada *black music*, os jovens se interessavam pelo som de batidas repetitivas (beats), altamente mecanizadas, onde os instrumentos tradicionais coexistiam com sintetizadores e outros recursos tecnológicos que se sobressaíam nas músicas. Deste contexto agitado política e culturalmente, o movimento Hip Hop começa a pulsar pelos guetos de Nova York. As festas foram se popularizando, bem como as técnicas de produção de som, as mensagens transmitidas nas letras, e esses

⁴ Dub – Música instrumental com efeitos eletrônicos, de acordo com Tavares (2010)

eventos de lazer foram sendo transformados. Aos poucos, o movimento foi crescendo e as festas facilmente reuniam mais de 500 pessoas.

Tão logo, com os quatro elementos culturais já consolidados, o “conhecimento” considerado um quinto, de caráter político seria responsável por esclarecer sobre a história do hip hop. Neste sentido, é inegável a contribuição a figura do DJ Afrika Bambaataa, fundador da Universal Zulu Nation, como o precursor do que se conhece atualmente, como tendo em vista a atribuição do papel de idealizador na junção da música, da poesia e da performance do corpo em suas experiências culturais, nos guetos dos EUA.

Souza (2015), ao demonstrar as bases do movimento que, desde então, se estabeleceu, também evidencia aspectos mais específicos da relação existente entre hip hop e indústria cultural a partir dos primeiros registros fonográficos, que apareciam por intermédio da mídia televisiva, nos anos setenta e oitenta. Deste modo, a mídia televisiva, ao veicular diariamente videoclipes de seus principais representantes, chama atenção pelo modo paralelo, com que os artistas negros eram invisibilizados.

em outubro de 1979 surge o primeiro registro fonográfico de um rap norte-americano, que se tornou sucesso de vendagem. Dois anos depois da gravação de Sugarhill Gangs, em outubro de 1981, vai ao ar nos Estados Unidos o canal MTV (Music Television). Com transmissão via satélite, a emissora propunha veicular 24 horas de vídeos de música (videoclipes) por dia, intercaladas por entrevistas e notícias sobre o mundo da música. A maioria de seus apresentadores (VJ's) eram brancos. Artistas negros, que adquiriam sucesso na indústria fonográfica, não tinham seus videoclipes veiculadas pela emissora. (Souza, 2015, p.32)

Partindo do pressuposto de que, tanto a mídia quanto o hip hop partiram de seus locais de origem, para “colonizar” outros territórios a partir da globalização. Outra análise importante foi dada por Simões (2010), ao trazer aspectos específicos deste processo com o qual o hip hop passou de um fenômeno ligado a práticas de rua da juventude urbana, de bairros segregados nas cidades norte-americanas, a um fenômeno mais alargado, em virtude do reconhecimento e das potencialidades comerciais ligadas a indústria cultural.

Deste modo, Simões (2010) atribui um papel decisivo a comercialização, ao permitir a institucionalização do campo do hip-hop. Entretanto, tal abertura ao exterior não se configura de forma passiva. Assim, existe uma tensão desencadeada por um lado, na tentativa de

preservar o seu caráter histórico e, por outro, um cenário em que as estratégias de expansão se tornam cada vez mais visíveis. Portanto, o hip-hop produz convergência e, ao mesmo tempo, divergência pelo fato de seus signos e emblemas serem constantemente adotados e adaptados pelos seus praticantes.

Ao retratar o surgimento do hip hop na segunda metade dos anos oitenta no Brasil, Silva (2006) evidencia o caráter político com que os grupos de rap nacional tratavam a realidade social, em que os jovens negros e pobres das periferias estavam inseridos e, com isso, demonstra a inclusão do hip-hop dentro da ótica dos chamados novos movimentos juvenis.

Esse contexto histórico ocorre, devido às influências dos videoclips de *Michael Jackson* e dos filmes *Beat Street* (em vídeo “A loucura do ritmo”, de 1984), *Breakdance*, *Rock Steady Crew*, *Flashdance*, *New York City Breakers*, que explodiram no centro de São Paulo. Concomitante, o primeiro grupo de dança, Funk & Cia, depois surgiram as posses *Back Spin*, *Street Marriors*, *Crazy Crew*, *Hausa e Zulu Nation* e finalmente, emergiram os primeiros grupos de rap nacional: Thaíde e DJ Hum, Racionais MC’s, MC Jack, Código 13, Credo, e DMN(4P), conhecidos mundialmente. (SILVA, 2006, p.88)

Nessa perspectiva, não diferente do caráter discriminatório com que os artistas negros foram considerados pela mídia nos EUA. No Brasil, Guimarães (1988) enfatiza que as primeiras aparições do rap na imprensa tinham como ênfase a questão da violência pela qual os grupos foram constantemente associados e responsabilizados. Assim, os jovens periféricos, estarão sempre associados a violência por esta se configurar como um fenômeno constante nos grandes centros. Em paralelo, a distintiva do rap é fazer desta, um instrumento de comunicação das vivências ao qual esses mesmos jovens são acometidos.

Segundo Guimarães (1988), no Brasil o rap começou nas classes médias e altas na década de noventa, e assim transformou a periferia em centro de cultura. Desde então, a performance dos rappers cria um estilo que passa a ser identificado e copiado, a ponto de virar um modismo aos jovens brancos das classes médias. Em contrapartida, as contribuições de Souza (2015) enfatizam um movimento contrário quando argumenta que o hip hop teria chegado ao Brasil, por intermédio dos jovens da classe média e alta, que viajavam para os Estados Unidos e, ao retornarem, traziam a novidade que mais tarde se popularizava entre os jovens periféricos. Deste modo, por serem desprovidos de maiores recursos financeiros esses

jovens estariam mais próximos das inovações tecnológicas e estéticas do que os jovens negros da periferia.

Um outro elemento, não menos importante do que os já mencionados, é o caráter educativo. Assim, longe de assumir um sentido ligado a escolarização, a educação tem sido um fenômeno que tem transformado de um modo central, a organização política expressa tanto no uso dos seus elementos, quanto em atividades pensadas como uma forma de levar uma conscientização política, orientada para a cidadania. Silva (2016), ao estudar as características das posses, que se apresentaram no período de formação do hip-hop paulistano, tem focado no modo como os jovens entendiam o uso não espontâneo de suas expressões.

Assim, as Posses foram se configurando como locais de aprendizagem e experimentação das principais linguagens expressivas. Com a organização de festas e atividades artísticas os jovens reafirmavam o desejo de não sucumbir aos efeitos perversos dos fatores socioeconômicos, à violência, desemprego e às drogas. Nesse âmbito os jovens organizavam eventos por meio da ação direta. Em outros momentos, a política invadia o espaço e as relações com o movimento hip-hop ficam menos visíveis. De qualquer forma, foi sempre na busca do equilíbrio entre esses dois níveis que a maioria atuava. (Silva, 2016, p.50)

Assim, desde o processo de difusão, entende-se que o hip hop também elaborou meios alternativos para a preservação do caráter de resistência de sua mensagem. Nessa perspectiva, as posses como representantes do quinto elemento tornam-se primordial quando se pensa na determinação de novas ações.

1.3 JUVENTUDE, HIP HOP E A PRESENÇA FEMININA

É no rol que marca a trajetória do hip hop enquanto movimento cultural juvenil que, muito recente, as mulheres ganharam visibilidade. Isso porque a presença feminina se configura como uma minoria, ou exceções que na maioria das vezes são sempre consideradas pela literatura existente. Novaes (2001) corrobora com tal afirmação, ao chamar atenção para os eventos promovidos no Rio de Janeiro na década de noventa, onde as “Damas do rap” se configuram, enquanto único grupo feminino. Entretanto, essa ausência feminina é explicada a partir da associação feita do hip-hop à rua. Tal fato teria possibilitado, historicamente, o afastamento das mulheres.

Nesse contexto, a rua é associada à violência, à criminalidade, às brigas de turma, à discriminação policial. [...] A rua é associada ao perigo e está fortemente associada ao mundo masculino. Portanto, a chamada cultura da rua estaria mais associada aos meninos do que às meninas. (Novaes, 2001, p.116)

Nas considerações de Novaes (2001), outro fator que parece contribuir ainda mais para a questão da ausência feminina, estaria mais associado ao comportamento masculino e machista dos integrantes, que não passa despercebido, quando se observa as conversas e as letras de rap.

Mano Brown deu uma explicação que parece ir nesse mesmo sentido: “Para falar a verdade, a gente não tem mais mensagem para mandar pras mulheres. O mundo que a gente vive é outro. Mulher é a parte boa da vida. [...] Os Racionais compuseram Mulheres Vulgares [...] Indagado sobre o sentido da letra, Blue, dos Racionais, responde: “No nosso caso, do mesmo jeito que a gente aponta o negro limitado, aponta o traficante [...] se formos falar das minas tem que apontar a falha também.” (NOVAES, 2001, p.116)

Em geral, nos estudos de Juventude, a questão da invisibilidade feminina também não parece não se configurar de uma forma diferente. Assim, *McRobbie e Garber* (1975), já chamavam atenção para as investigações que denotavam pouco interesse, no papel que as garotas assumiam nos agrupamentos juvenis. Deste modo, as autoras afirmaram essa ausência feminina nos estudos etnográficos. As garotas eram realmente ausentes nas chamadas subculturas clássicas e a justificativa, por um lado, foi atribuída a questão da dominação do trabalho de campo produzido por homens e, por outro, atrelada a reação social com que as manifestações juvenis apareciam na representação social, na qual reforçaram esses espaços como especificamente masculinos.

Ainda Segundo *McRobbie e Garber* (1975), a emergência de uma subcultura feminina só foi possível a partir dos anos 1960. Deste modo, as autoras demonstraram em suas análises três imagens rotuladas, com a qual as garotas apareciam. A primeira, referente as chamadas “garotas motociclistas” que, ao anunciar a subcultura *pin-up*, apresentou suas primeiras aparições na imprensa, ao mesmo tempo que foram utilizadas em propagandas de pornografia suave.

Na metade dos anos 1960, *McRobbie e Garber* (1975), ao observar um aumento do trabalho em ocupações ligadas ao setor de serviços, particularmente nos grandes centros urbanos, as garotas que passaram até então a ocupar esses espaços, foram justamente esperadas para refletir a imagem das compras e, portanto, providenciam um novo protótipo ligado ao consumismo jovem. Assim, surge o estilo *mod*, que foi facilmente acomodado dentro da rotina associada a casa, a escola e o trabalho.

A cultura *hippie* também foi apontada como um estilo, que cobriu uma variedade de grupos e tendências. Entretanto, em tal caso, as autoras chamam atenção para as motivações com que as garotas entraram nesta subcultura, dado o comportamento juvenil neste período, que passou a ganhar visibilidade nas universidades, no final dos anos sessenta e início dos anos setenta.

Deste modo, o apartamento ou o quarto no corredor da residência, teria fornecido a estudante feminina, espaço para experimentar, tempo para elas próprias e, relativamente, lazer não supervisionado. Tal experiência foi apontada como central, para o desenvolvimento de um estilo pessoal único.

Ao analisar alguns dados do último Estado da Arte sobre juventudes, publicado no ano de 2009, sob a coordenação de Marília Sposito, que levou em consideração pesquisas desenvolvidas na pós-graduação brasileira, foram localizadas 133 teses e dissertações que investigaram o tema sobre sexualidade e/ou relações de gênero. No bojo desses trabalhos, ressalta-se que das áreas disciplinares investigadas, os programas de pós-graduação em Educação corresponderam a 57% desses estudos, seguido dos programas das Ciências Sociais (29%) e de Serviço Social (14%). A pesquisa ainda ressalta uma porcentagem correspondente a 11%, referente as teses de doutorado que mostraram algum interesse no tema.

Nessa análise, também se constatou um crescimento no número de trabalhos no período compreendido entre 1999-2006. Porém, o interesse não correspondeu a um aumento da proporção sobre tal temática, mesmo dentro da área da Educação, que até então ocupou a primeira posição. Assim, chama-se atenção que, mesmo incluindo as áreas de Ciências Sociais e Serviço Social, dos 1.458 estudos coletados apenas 9% foram agrupados neste tema. Porém, os trabalhos sobre “Jovens, sexualidade e gênero” estão em terceiro lugar em frequência, tanto nas Ciências Sociais quanto no Serviço Social, o que indica um aumento de interesse pela temática nessas áreas.

Após o conhecimento dessas teses e dissertações, os pesquisadores ainda avaliaram o grau de consolidação teórica em cada área acadêmica. Assim, o tema em questão ainda agrupou seis subtemas específicos: Parentalidade; Sexualidades; DSTs/AIDS; Educação sexual; Masculinidades e feminilidades; e Educação formal. Deste modo, o subtema sobre “Masculinidades e feminilidades” foi o que mais se aproximou do objeto de pesquisa desta dissertação, o qual analiso de um modo particular.

Agrupando 33 trabalhos que mesclaram entre teses e dissertações, a área de Ciências Sociais é majoritária e lidera com 57% dos estudos. Assim, a Educação seguiu com 33% e o Serviço Social com 10%. Todos os trabalhos abordaram jovens do sexo feminino, o que fez com que essa predominância chamasse a atenção dos investigadores, pelo fato do campo de estudos de gênero estar historicamente associado em dar visibilidade às mulheres. Entretanto, a participação de mulheres nos grupos juvenis, foram objeto de apenas quatro estudos, sendo três dissertações e uma tese, provenientes da área de Educação e defendidas após o ano de 2003.

A tese de Viviane Magro intitulada “Meninas do Grafitti” (2003) foi considerada pioneira pelo foco nos conceitos de gênero. Este trabalho, buscou uma imersão nas experiências vividas por grupos de adolescentes e jovens grafiteiras. Deste modo, buscou compreender as identidades acionadas no cotidiano, analisando as suas implicações nas práticas educativas desses grupos. Tais experiências educativas, resultam em estratégias privilegiadas de desenvolvimento, que ajudam as jovens a minimizar o impacto negativo da exclusão social em que estão inseridas, possibilitando vivências de si.

Lima (2005), ao demonstrar a presença feminina no Hip-Hop, mostra a importância de sua participação indiretamente, no papel de mães, irmãs e companheiras atuantes nos bastidores da vida dos homens. Deste modo, a análise concluiu ainda que as experiências familiares de matrifocalidade, vivenciada pelos jovens rappers e a ausência da figura paterna, fazem com que a mulher seja idealizada nesse espaço.

Matsunaga (2006), analisou letras de músicas produzidas por homens e mulheres e apontou sentidos desta participação, os quais questionam e, ao mesmo tempo, reforçam papéis sociais a elas atribuídos. Em especial, chama atenção a divisão entre público e privado, seja nos palcos, nas tarefas domésticas e no controle da sexualidade.

Assim, uma nova busca nos bancos de teses e dissertações da Capes, no período compreendido entre 2006-2017, localizei ainda um aumento significativo de 09 investigações, que corresponderam a 01 tese e 08 dissertações. Deste modo, nas Ciências Sociais esse número conta com 02 estudos. Por outro lado, chama atenção o modo como a presença das jovens ligadas ao hip hop, são abordadas em Programas de Pós-Graduação como: Psicologia (1); Educação, Cultura e Sociedade (1); Estudos interdisciplinares (1); História (1); Educação, Cultura e Comunicação (1); Comunicação Social (1) e Cultura e Sociedade (1), cujo o estado da arte não cobriu.

Neste sentido, Patricia Lânes (2006) ao investigar de que forma a categoria autoestima se fez presente, tanto nas representações e práticas das participantes, quanto nas definições dos projetos de identidade do grupo. O estudo realizado, permitiu concluir que a noção de autoestima opera para este grupo e suas integrantes, a articulação entre discriminações produzidas por relações raciais, de gênero e de classe, possibilitando a reelaboração de identidades subalternas e a transformação de símbolos de estigma em emblemas.

Tendo como referencial teórico os debates contemporâneos sobre a identidade e sobre as culturas juvenis, a dissertação de Said (2007) por outro lado, se propôs a compreender o(s) significado (s) que os grupos de rap assumem para jovens mulheres e quais seriam suas possíveis implicações, na construção das identidades femininas dessas jovens. Através de uma pesquisa qualitativa com enfoque etnográfico, realizada com dois grupos de rap, da cidade de Belo Horizonte, analisou-se a organização, a dinâmica e a atuação desses grupos no cenário hip-hop da cidade, em uma perspectiva sócio cultural.

Após a investigação de Viviane Magro, realizada em 2003, o grafite volta a ser objeto de estudo empreendido por Morena (2009), que apresenta como objetivo investigar a participação das mulheres grafiteiras nos espaços públicos, tomando como parâmetro a cidade de Salvador. Assim, em suas aproximações com o fenômeno, conclui-se que a questão da igualdade de gênero ainda não foi superada neste espaço. Ainda foi possível perceber que as jovens fazem do grafite, um instrumento para conquista de espaços que aparentemente não as pertencem.

Silva (2011), ao estudar as experiências vividas por mulheres negras, buscou discutir sobre a organização dos arranjos interativos e as relações de pertencimento, presença e empoderamento, tendo como elo central de suas análises a produção musical e as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (Tics). Entre os resultados, destaca-se o

fortalecimento das ações e de ícones na disseminação do hip-hop, nos modos de ativismo político e social das jovens envolvidas.

Rebecca Sobral (2011) discutiu questões em torno das convenções de gênero e feminismo no Hip-Hop em Salvador, a partir da perspectiva de jovens militantes, analisando a possibilidade de um hip-hop feminista soteropolitano, com vistas à compreensão do feminismo na sua pluralidade, como movimento social. Para tanto, considera-se as formas de apropriação dos discursos feministas e o engajamento em suas bandeiras na militância das interlocutoras da pesquisa. Ressalta-se a atenção à articulação entre os marcadores sociais de gênero, sexualidade e raça, na prática política investigada.

Rodrigues (2013), analisou os significados das vivências de juventude e gênero de jovens, a partir de elementos de igualdade e diferença. Os elementos de igualdade estão relacionados às experiências de ser mulher, cantar e participar da mesma manifestação político-cultural, o hip hop. Já as diferenças são dadas pelas condições de vida, pelas diferentes vinculações aos elementos do hip-hop e pelo modo como as desigualdades de gênero, de raça e de classe incidem sobre suas vivências.

Por fim, Ramos (2016) evidencia os resultados da pesquisa mais recente sobre a participação e as identidades de mulheres nas culturas juvenis do funk e do hip-hop em São Paulo, com foco nos marcadores sociais da diferença. Ao fazer uma retomada histórica, de como essas expressões culturais se desenvolveram no Brasil, trata da participação das mulheres nestes cenários. Neste sentido, também são abordados temas recorrentes, tais como a identidade periférica, a relação com os diferentes ativismos de mulheres e feminismos, e o modo como pensam a sexualidade, as relações de gênero e suas performances artísticas.

Para além da presença no cenário de atuação política na grande Aracaju o elemento do feminismo também tem alcançado visibilidade no que se refere ao crescimento das pesquisas relacionadas a participação feminina no Hip Hop. Nessa perspectiva, esses estudos tem demonstrado que o feminismo tem sido fundamental para pensar processos de transformações mais amplas nesses espaços, contribuindo também para o entendimento das identidades femininas emergentes.

Segundo Hall (2006) o feminismo entendido tanto como crítica teórica quanto como um movimento social é considerado um proponente do processo de descentramento dos sujeitos na modernidade tardia. Assim as reflexões construídas pelo autor permitiram

compreender elementos centrais ligados ao processo de deslocamento das identidades evidenciadas pela luta feminista quando:

(...) Ele questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “ privado” e “publico”. O slogan do feminismo era “ o pessoal é político”. Ele abriu, portanto, para a contestação política , arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças , etc... Ele também enfatizou, com uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados . Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/ mulheres, mães/ pais , filhos/ filhas). Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “humanidade” substituindo-a pela questão da diferença sexual. (HALL, Stuart, 2006, pg.12)

Com o processo de atualização das bandeiras de luta e a criação de outras proporcionadas por tal momento histórico e social a pesquisa desenvolvida por Zanetti e Souza (2008) ainda tem chamado atenção para as diferentes formas de protagonismo de uma nova e diversificada geração de mulheres jovens. Nessa perspectiva, o feminismo é considerado o movimento social que mais alcançou conquistas ao longo do século XX, porém, durante a sua trajetória as jovens sempre estiveram distantes, tal presença passa a ser notável a partir dos anos 1990.

Mesmo no contexto de emergência das múltiplas identidades como uma forma de contestação a generalização das pautas trazidas pelas mulheres brancas, heterossexuais e pertencentes à classe média , no Brasil as autoras ainda apontam que não houve o reconhecimento da identidade múltipla “feminista- jovem”, pois tal demanda não era apresentada pelas mesmas naquele momento.

Ao analisar a relação estabelecida entre jovens mulheres no Hip Hop e a prática política do feminismo podemos afirmar a existência de dois tipos de enfoque dados aos estudos encontrados . Primeiro entendo que existe um consenso no que se refere a uma parte desses estudos que ao versarem sobre a presença feminina tomam o Hip Hop como espaço público, masculinizado e por isso reconhecem que tal protagonismo já assume uma perspectiva feminista pelo caráter transgressor construído em torno da lógica social dos espaços e papéis pensados para os gêneros.

No entanto, outras perspectivas evidenciam essa relação a partir da aproximação dessas integrantes com coletivos feministas. Assim, ao perceberem os limites impostos as suas participações no universo dessa cultura urbana são inúmeras as estratégias políticas de resistência e visibilidade criadas para se manter em tal espaço, entre elas, destaca-se as experiências obtidas com outras mulheres fora do universo e a apropriação da bandeira do feminismo que cria um modo específico de identificação como já evidenciado anteriormente.

Os níveis de engajamentos, as discussões de gênero potencializadas por eles e a importância de instituições sociais a exemplo do Estado e das ONGs que de alguma forma vem favorecendo o protagonismo dessas mulheres desde a realização de editais de fomento a cultura até a disponibilização de espaços físicos para a realização das atividades, também foram alguns dos elementos apontados na pesquisa realizada por Samico (2013) ao identificar lideranças femininas, feministas e suas formas de organização e articulação no movimento hip hop na cidade de Recife:

As ações das líderes tem alcances individuais. Entretanto, as líderes de ações mais coletivas, provocam efeitos mais diretos, na medida em que articula e mobiliza outras mulheres a serviço de uma ação comum. (...) A identidade coletiva contribui para o fortalecimento das mulheres. (...) Os debates de gênero que elas tem promovidos contribuem para as delimitações de suas demandas (...) A presença de uma “autorreflexão” acerca das relações entre elas é fundamental para a construção de uma identidade política. (SAMICO, 2013. pg 120)

Neste sentido, apesar das líderes serem destacadas nesse cenário pelos seus diferentes posicionamentos e discursos. A autora ainda analisa que características que versam carismática, discreta e diplomática são as mais agregadoras em detrimento do posicionamento político mais firme comumente atribuído em uma corrente feminista.

Quando se trata da apropriação da bandeira do feminismo também evidencio que existe um consenso a respeito das identidades construídas pelas mulheres presentes no Hip Hop cujo marcador de opressão faz forte menção a questão étnico racial. Em geral, essas pesquisas se propõe oferecer uma contribuição acadêmica às discussões sobre o feminismo negro a partir das experiências e visões de mundo das jovens negras através do estudo do movimento (BARBOSA, 2011, Pg 01).

Nessa perspectiva, ao empreender um desses estudos Durans (2014) coloca que os significados construídos em torno da experiência de gênero não criam apenas ma reflexão em

torno de lugares de pertencimento, mas também permitem um entendimento relacionado a vivências de opressão sociais que passam ser enfatizadas no enfrentamento político dessas integrantes. Para além disso, a identidade coletiva construída em meio às experiências dessas mulheres ainda agrega interesses pessoais e o propósito do movimento criando um campo de ação no qual elas conseguem expressar e realizar tais projetos. (pg 78)

Em Aracaju a pesquisa realizada por Souza (2017) que buscou identificar formas de militância feminista no contexto das chamadas autorganizações e ciberativismo também traz contribuições a respeito da presença do discurso de opressão de gênero ligada ao racismo sendo enfatizado com alguma frequência em meio à atuação feminista de algumas integrantes dentro do universo hip hop, porém, ao chamar atenção para o contexto em que existe um movimento de disputa política em torno de um reconhecimento enquanto sujeitos legítimos incluindo outras mulheres fora do universo hip hop, ainda que as condições de opressão da “mulher negra” venha a tona, em Aracaju o termo “mulher periférica” tem se sobressaído e assume que a posição de classe também tem sido um aspecto importante para a construção das identidades de gênero dessas jovens.

Assim, a partir da análise dos discursos evidenciados entende-se que existe um reconhecimento as condições de ser mulher negra, porém, estas ainda estão abarcadas na categoria mulheres periféricas pelo entendimento de que outras mulheres também passam pelas mesmas opressões seja elas negras ou brancas, porém ainda assim estão imersas no contexto da periferia essa acompanhada de todos os significados que ela representa para essas jovens.

1.4 AS TEORIAS DE GÊNERO E A INTERSECCIONALIDADE

Atualmente, os estudos sobre gênero e feminismo tem estado em seu momento de maior produção. É certo que algumas reivindicações pontuais das décadas anteriores foram alcançadas. Entretanto, ainda muito discutido, o feminismo não chegou ao seu limite, tendo em vista a existência de inúmeros casos pertinentes às desigualdades de gênero que ainda são presentes nas relações sociais. Deste modo, uma análise sobre as teorias de gênero, podem fornecer base para a compreensão no entorno dessas questões e para além disso sobre os rumos tomados pelo movimento feminista contemporâneo, que vem apresentando nas últimas décadas, uma ampliação de temas, pautas e análises.

Assim, considerando tais características em seu momento de eclosão, Beauvoir (2009) publica o “Segundo Sexo” em 1949 e evidencia o seu objeto de investigação: a mulher, motivo pela qual hesitou muitos anos em tratar. Entretanto, mesmo no momento de efervescência do feminismo naquele período, a autora já observava muitas coisas que se falavam sobre a mulher e que, a partir de então, passam a ser o objetivo mais específico de suas análises.

Ao observar os diversos discursos produzidos que serviram de justificativa para sua condição subalterna, Beauvoir (2009) enfatiza que o comportamento da fêmea no reino animal, não basta para definir tal condição e recusa-se também a explicá-la pela teoria do “eterno feminino”. Assim, a autora observa que o homem se constituiu como absoluto, enquanto que a mulher sempre foi tomada como “o outro” nas relações sociais.

Beauvoir (2009), ainda chama atenção para o fato de que tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres até então, deve ser tomado como suspeito, pois estes sempre foram ao mesmo tempo “juiz” e “parte julgadora”, favorecendo sempre o seu próprio sexo. Dessa forma, legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios, empenharam-se em demonstrar que a condição de subordinação da mulher era algo desejado e, embora o movimento feminista tenha refutado tais explicações, muitos foram os fundamentos utilizados, a fim de provar tal inferioridade.

Nessa perspectiva, a autora enfatiza que os discursos que levam a essa condição de subjugo, não foram apenas utilizados pela religião, filosofia ou teologia: eles também partiram de outras áreas do conhecimento científico. Neste sentido, Beauvoir (2009) coloca a necessidade de ver a questão com clareza, tendo em vista as noções vagas que desvirtuaram toda a discussão. Sendo assim, a perspectiva adotada pela a autora é baseada no existencialismo e a reflexão se dá pelos pontos de vista da biologia, da psicanálise, e do materialismo histórico acerca da mulher.

No que se refere à biologia, a mulher é vítima de uma estratégia discursiva em que seu corpo, seu sexo e a sua reprodução são colocados como elementos que naturalizam sua própria condição de subalternidade. Nesse sentido, Beauvoir (2009, p.46) analisa:

Por provocante ou tolerante que seja, é o macho, de qualquer modo, quem possui: ela é possuída; ele pega, ela é pegada e a palavra tem, por vezes, um sentido muito preciso: ou porque tem órgãos adaptados, ou porque é o mais forte, o macho segura-a, imobiliza-a; efetua ativamente os movimentos do coito.

Com relação a psicanálise, observa-se que Freud por sua vez, não se preocupou com o destino da mulher. Deste modo, mesmo admitindo que a sexualidade feminina é tão evoluída quanto a do homem, ele não a estuda por si mesma. Entretanto, Beauvoir (2009) ressalta que o autor traz um fato novo em suas análises, que podem servir de parâmetro para elucidar a questão. Tal fato estaria relacionado ao erotismo.

Freud pôs em foco um fato cuja importância, antes dele, não se havia ainda reconhecido totalmente: o erotismo masculino localiza-se definitivamente no pênis, ao passo que há, na mulher, dois sistemas eróticos distintos: um, clitoridiano, que se desenvolve no estágio infantil, e outro, vaginal, que surge após a puberdade. (Beauvoir, 2009.p.60)

Assim, no estágio auto erótico, o menino se fixa na figura materna mãe em função do complexo de Édipo. Entretanto, apavora-se ao temer como punição paterna a mutilação do seu pênis. Tal pensamento faz o complexo desaparecer. A menina por outro lado, se identifica com o pai. Entretanto, ao se deparar com a diferença anatômica, reage a ausência de um pênis desenvolvendo o que Freud chama de “complexo de castração”.

Beauvoir (2009), também critica a psicanálise freudiana, por ela se basear não só em um modelo masculino de análise, mas pela localização do sentimento de inferioridade feminina, na infância. Tal fato não poderia nascer de uma simples confrontação anatômica, inclusive porque muitas meninas só a descobrem tardiamente. Ainda considerando o fato em que se entende o desejo da menina pelo pai, o qual irá lhe conferir um caráter soberano, a autora reconhece o fato. Porém, a soberania paterna muito antes já se configura como um fato social.

Na abordagem marxista, as relações humanas são vistas do ponto de vista da história. Neste sentido, a mulher não é apenas reconhecida como um organismo sexual, mas dependente da estrutura econômica da sociedade. A partir desta análise, Beauvoir (2009) traz à tona a perspectiva de Engels ao retratar “A origem da família”. Aqui é na divisão do trabalho, ainda na sociedade primitiva, que os dois sexos se constituíram como classes em igualdade. Porém, a propriedade privada ao emergir, adquire um caráter central

caracterizando assim, o que a autora entendeu como a “derrota das mulheres” nos manuscritos marxistas.

Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste “a grande derrota histórica do sexo feminino[...]Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos. “A mesma causa que assegurara à mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem (Beauvoir, 2009, p. 71).

Assim, Beauvoir (2009) compreende que apesar dos avanços teóricos empreendidos pelos estudos marxistas na abordagem do materialismo histórico, no que se refere as desigualdades de gênero, a questão não é tomada como esclarecida pois esses autores não esclareceram o caráter escravizador com que a propriedade privada escolhe, especificamente, a mulher para o âmbito privado.

No que se refere ao termo “gênero”, ao observar sua emergência histórica, ao longo da história do movimento feminista Scott (1989) pressupõe que este termo parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas, que insistiam no uso para demonstração do caráter social, com que as distinções sexuais eram baseadas. Assim, segundo tal perspectiva, se enfatiza que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos, e nenhuma compreensão poderia existir através do estudo separado de ambos. Em uma outra análise, o termo foi proposto por “aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina”. (SCOTT, 1989, p.03). Assim sendo, tal perspectiva dependeria de como o gênero poderia ser desenvolvido como categoria de análise e, neste sentido, como a classe e a raça eram explícitas.

Segundo Scott (1989), as historiadoras feministas utilizaram uma série de abordagens nas análises de gênero. Porém, essas podem ser resumidas a partir de três posições teóricas distintas: 1) nas origens do patriarcado; 2) na Tradição marxista e 3) no pós-estruturalismo francês e nas teorias anglo-americanas.

Deste modo, as teorias do patriarcado concentravam a atenção na subordinação das mulheres, e encontravam a explicação na chamada “necessidade” do macho em dominá-las como agentes de reprodução da espécie. Por outro lado, na tradição marxista “a reificação sexual é o processo primário da sujeição das mulheres” (SCOTT, 1989, p.9). No que diz respeito às abordagens pós estruturalistas e anglo-americanas, a crítica surge pela acusação de universalização das categorias “masculino” e “feminino”.

Assim, Scott (1989) enfatiza as preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise em emergência no final do século XX, entendido como um elemento constituinte das relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos, logo significando relações de poder.

Pateman (1993), ao observar o retorno do movimento feminista da década de 1960, desloca a sua atenção para os aspectos fundamentais com que o termo “patriarcado” tem sido inserido nos principais debates entre as feministas. Em tal uso, a consideração mais marcante estaria no fato com que pouco se menciona a “batalha” entre partriarcarlistas e os teóricos do contrato social durante o século XVII. Fato que teria excluído as mulheres da sociedade civil. Deste modo, Pateman (1993), defende que para uma compreensão do significado político do status atribuído às mulheres na concepção moderna do seu significado torna-se necessário desvencilhar-se dos pressupostos patriarcais que o próprio termo sugere.

Neste sentido, a fim de simplificar as complexidades do debate em torno desse termo. Pateman (1993) distingue três formas de argumentos patriarcais não excludentes entre si que perpassaram as relações de gênero. A primeira refere-se ao pensamento patriarcal tradicional, que enfatiza como a família durante séculos, sob o comando da autoridade paterna forneceu o modelo para as relações de poder e autoridade. Uma segunda por sua vez é atribuída a teoria clássica que desenvolveu sua importância exclusiva no desenvolvimento da teoria do direito e da obediência política. A partir dela, Pateman (1993) demonstra como os teóricos do contrato a transformaram numa terceira que se configura no patriarcado moderno caracterizado pela fraternidade e pelo contrato.

Nesta perspectiva, Pateman (1993) considera que a vitória do contrato assinalou diretamente o fim de uma ordem social, estruturada no parentesco e no governo do pai, tendo em vista a transformação da família, que passa a ter seu princípio e localização própria na esfera privada. Disto, decorre a relação existente entre o sustento econômico e proteção dados

pelo homem, em troca da subordinação, assistências sexuais e doméstica gratuitas pela mulher.

Diferença, diversidade, pluralismo, hibridismo também tem sido termos debatidos e contestados na atualidade, o que coloca as questões de diferença no centro de muitas discussões no que diz respeito as experiências de mulheres nos feminismos contemporâneos. Ao debater sobre esses termos Brah (2006) considera a importância de temas que podem ajudar a compreender a racialização do gênero e enfatiza, o uso do termo “negro” para referir-se a pessoas de ascendência africana-caribenha e sul asiática na Grã- Bretanha como objeto de considerável controvérsia.

Segundo Brah (2006), o conceito de “negro” surgia como um termo especificamente político envolvendo pessoas africanas-caribenhas e sul-asiáticas. Ele constituiu um sujeito político inscrevendo a política de resistência contra racismos centrados na cor transformando-o numa expressão confiante de uma identidade afirmativa de grupo. Além disso, o sinal “negro” era mobilizado também como deslocamento das categorias “imigrante” e “minorias étnicas” que, através dos anos sessenta e setenta, passaram a denotar redefinições racializadas de pertencimento e subjetividade.

Assim,o que Brah (2006) destaca com tal incursão no debate em torno do uso do termo “negro” é como a “diferença” é construída de maneira diferente dentro desses discursos por outro lado, como esse debate teve um certo eco dentro do feminismo. Em 1985, ao participar da Conferência Internacional de Mulheres em Nairobi em que reunia, mais de 10 mil mulheres de mais de 150 países para tratar de problemas relacionados a subordinação universal como “segundo sexo”, tal conferência chamava atenção da autora para a heterogeneidade da condição social , o que fez com que as questões levantadas pelos diferentes grupos de mulheres presentes especialmente as do Terceiro Mundo, servissem para sublinhar o fato de que os problemas que afetavam as mulheres não poderiam ser analisados isoladamente do contexto de desigualdade nacional e internacional.

Assim, tem-se como proposta teórica um reconhecimento dos feminismos “negro” e “branco” tratados como práticas discursivas não essencialistas e historicamente contingentes A questão-chave, então, não diz respeito à “diferença” em si, mas a quem define a diferença, como diferentes categorias de mulheres são representadas dentro dos discursos da “diferença” e se a “diferença” diferencia lateral ou hierarquicamente.

II CAPÍTULO

AS MINAS E O HIP HOP NO CENÁRIO LOCAL: EM BUSCA DE TRAJETÓRIAS

Eu sei que me tornei outra pessoa. Hoje eu sou tanto artista, quanto militante do Movimento Hip-Hop (Mariah, *La Femina*, 2017).

Evocadas pelas interlocutoras, várias frases como a transcrita acima demonstram mudanças na postura diante da vida, expressadas através da inserção no hip-hop. Deste modo, ao tomar as trajetórias femininas como elemento para uma análise sociológica, entendo que essas podem apontar sentidos de uma condição de vivência da juventude para além de abordagens consideradas mais generalistas que buscam na faixa etária um instrumento para análise deste fenômeno.

No primeiro capítulo, o objetivo se deu por parte de reflexões que acredito serem centrais para o embasamento das questões construídas em torno do objeto. Assim, ao optar pela linha teórica dos estudos de juventudes, bem como para as produções analíticas referentes ao gênero, constatei que apesar do crescimento da literatura sobre esses campos as informações e os conhecimentos produzidos não têm sido um privilégio que tem se dado por parte da academia, mas de setores como os institutos de pesquisa, tais como ONGs e órgãos públicos, tendo em vista a presença constante dos debates sociais relacionados às ações juvenis. Ainda no que se refere à presença feminina, o fator da invisibilidade ainda tem se somado como mais um empecilho para tal investigação.

Neste segundo capítulo, ao buscar aspectos da participação das mulheres com vistas para o contexto analisado, ainda foi possível construir um perfil que envolveu a junção de dados bibliográficos, as principais características das atuações femininas relacionadas ao uso das expressões artísticas, bem como das práticas políticas construídas no presente contexto. Entretanto, para tal contextualização, foi necessário também trazer aspectos da caracterização desta cultura urbana no cenário da grande Aracaju, que é considerada como região metropolitana e tem passado por modificações espaciais em sua malha urbana, constituindo-se como um cenário propício para as práticas de politização dos jovens ligados as associações.

Por fim, no último ponto desta discussão, ainda busquei evidenciar elementos de uma representação da ideia de juventude que tem sido vivenciada pelas jovens, desde os seus momentos de entrada neste universo como uma escolha, tal como atrelada às práticas culturais estabelecidas.

2.1 O HIP HOP NA GRANDE ARACAJU

A cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe está localizada no nordeste do Brasil, possui uma população de 571.149⁵ e uma extensão de 181,857km⁶. Com a criação da Lei Complementar Estadual nº 25 de 29 de dezembro de 1995 que institui a região metropolitana a partir da junção dos municípios: Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, tal região passa a ser conhecida como “grande Aracaju”.

Apesar de ser considerada uma cidade recente no que se refere aos 163 anos de sua projeção, alguns estudos vêm chamando atenção no que concerne ao processo de alteração de sua paisagem urbana. Isso significa que por ter passado em seus últimos anos por modificações espaciais significativas em prol de uma modernização e inovação de sua malha urbana (PEREIRA, 2016, p.11), também tem se constituído como um cenário propício para manifestações em relação ao uso dos espaços públicos por diferentes grupos sociais e suas práticas juvenis.

Em 2006 com a construção da ponte que passou a ligar esta cidade ao município de Barra dos Coqueiros/SE de forma direta, localizada no bairro Industrial, que é considerado um dos mais antigos da cidade, há uma emergência de um ponto que se tornou crucial para a manifestação da cultura hip-hop. É embaixo da ponte que podemos afirmar a existência de uma concentração ligada à produção, ao consumo, e a circulação dos seus elementos a partir de várias atividades desenvolvidas pelos seus adeptos⁷.

⁵ Segundo o censo 2010

⁶ Segundo o IBGE

⁷ Embaixo da ponte existe uma concentração das atividades o que não significa que os adeptos desta cultura ou movimento político não se utilizem de outros espaços. Durante a minha aproximação presenciei atividades realizadas em escolas, praças e ruas no bairro Industrial, Santa Maria, Porto Dantas, Atalaia e Marcos Freire I e II especificamente.

Imagem1: Ponte Construtor João Alves



Fonte: A autora

Cito como exemplo da atuação desses grupos em tal espaço, uma dissertação desenvolvida por Renata Pereira (2016) cujo título “O que acontece embaixo da ponte? Juventude e ocupação de espaço público” analisou o Sintonia Periférica: evento que busca promover uma conscientização política para os jovens que residem no bairro industrial e arredores, ou seja, nas comunidades periféricas da cidade por meio de várias atividades previstas, ou não, dentro da cultura hip-hop.

Segundo Pereira (2016), tal projeto foi idealizado por componentes do grupo de rap Família Mil Grau, que justificaram tal ação a partir dos episódios de violência e criminalidade em que o bairro vivenciava. A pesquisa aponta ainda que desde o seu surgimento em 2007 ao período de 2016, o evento passou por várias configurações em seu formato, inicialmente com atividades mais ligadas ao lazer, entretenimento, já nos últimos anos assumindo um caráter mais politizador, com a promoção de atividades que pudessem instigar os jovens a se preservar diante das estatísticas, atuando diante das problemáticas sociais que aparecem no bairro.

Outros dados que chamam atenção no presente estudo, que tem uma relevância ao tentar compreender como o hip-hop está configurado em Aracaju é a preocupação dos membros em criar um acervo de todas as edições do evento, pois os mesmos são gravados e disponibilizados na internet, além da questão do posicionamento dos seus organizadores, diante das questões abordadas. Tais jovens foram apontados ainda como afiliados ao partido

Comunista do Brasil e como membros da Nação Hip-Hop, associação que se encontra presente no estado e na qual os organizadores assumem cargos de direção.

Neste sentido, afirmo a existência de outros estudos que buscaram analisar as manifestações culturais do hip-hop em Aracaju, que identifica duas posses atuantes que se caracterizam por reunir jovens praticantes do grafite, do rap e da dança de rua (MARCON & FILHO, 2012). Apesar desses trabalhos se dedicarem às diferentes formas de analisar o fenômeno, eles apresentam um conjunto de elementos comuns, que buscam analisar as manifestações discursivas e as práticas políticas dos jovens em nome desses espaços. Por outro lado, como as articulações com partidos políticos e movimentos sociais implicaram na aprovação de projetos de inclusão social.

A presença do hip-hop em Aracaju, a partir da análise da Associação Sergipana Aliados pelo Verso (ALPV) e Família Ativista, atualmente Nação Hip-Hop Brasil, revela que ambas surgiram nos anos 2000. Segundo Marcon e Filho (2012) essas associações atuam especificamente nas periferias de bairros situados na zona norte e oeste da cidade, em comunidades que vivem em conflito com o poder público municipal pela incapacidade deste de suprir as expectativas e necessidades básicas para população como: educação, saúde, saneamento e espaços de entretenimento. O que faz com que haja um reclamo desses jovens por políticas públicas que supram suas expectativas, muitas vezes expressadas através dos discursos ou da manifestação dos elementos do hip-hop.

As principais formas de atuação das posses analisadas, também são entendidas como múltiplas, estruturadas, politizadas e demandam de atividades desenvolvidas pelos próprios membros como: encontros, cursos ou oficinas de música, dança, grafite e de cidadania. Esses encontros acontecem em escolas e nos bairros da periferia, esta, entendida também como local de reconhecimento desses jovens que, no caso da ALPV, se autodeclaram a partir de um estatuto utilizado em suas práticas políticas, enquanto:

[...] jovens de periferia sem qualificação pedagógica, mas com força de vontade, disposição para alcançar objetivos de transformação pessoal e coletiva, no dia-a-dia de cada um dos envolvidos. Com isso nos tornamos atores políticos anônimos em busca de mudança, somos jovens que queremos uma participação mais direta dos jovens nas decisões políticas, sociais e comunitárias, somos ativistas sociais, somos jovens que tentamos dar sentido às nossas vidas através do movimento e da cultura hip-hop, buscando a igualdade social e racial, com isso nos tornamos um coletivo que acredita no hip-hop como um movimento de transformação e reeducação, tornando-se a resistência político/sócio/cultural da nossa comunidade. (Marcon & Filho, 2012, pág. 238)

Se a análise da literatura desenvolvida a partir dos estudos sobre o hip-hop na grande Aracaju reconhece a força de sua expressão enquanto movimento juvenil dada pela caracterização das atividades desenvolvidas pelas posses, os dados da mesma pesquisa desenvolvida por Marcon e Filho (2012) ainda chamam atenção para a questão das trajetórias políticas, dos entendimentos e experiências específicas, quando analisa as formas de articulação nos dois coletivos, o que implica o envolvimento de seus participantes com outros movimentos sociais a exemplo do movimento negro e com a política partidária a exemplo do Partido dos Trabalhadores e do Partido Comunista Brasileiro, também pensadas como estratégias de acesso a outros espaços, recursos, mas também como uma forma de legitimidade e reconhecimento de suas ações.

Afirmo que tais articulações feitas com a política partidária local, trouxeram ainda um reconhecimento importante para o desenvolvimento desta cultura urbana, pois segundo dados de outro estudo que buscou investigar as práticas culturais e de inclusão social do movimento hip hop em Aracaju⁸, o ano de 2012 foi um marco pela aprovação, iniciação e execução da Lei Municipal de Aracaju nº 4.064 de 22 de agosto de 2011, que instituiu a Semana Municipal de Hip-Hop, enquanto evento oficial no calendário municipal de Aracaju. Tal projeto de lei perpassou a câmara dos vereadores, sendo uma iniciativa da vereadora Karla Trindade filiada na época ao Partido Comunista do Brasil em articulação com a coordenação da Nação Hip-Hop Brasil.

Imagem 2: Abertura da Semana de Hip Hop



Fonte: Página Portal vermelho⁹

⁸ Trata-se de um trabalho de conclusão de Curso defendido pela Universidade Tiradentes referente ao curso de Serviço Social.

⁹ Disponível em: < <http://www.vermelho.org.br/noticia/182725-1> > Acesso em Jun.2018.

Imagem 3: Integrantes após abertura da Semana Municipal de Hip Hop



Fonte: Página Nação hip hop Brasil¹⁰

Segundo a pesquisa, tal iniciativa ainda foi analisada pelos adeptos do movimento como uma ferramenta importante para inclusão social. Na organização da semana, os membros ainda são os responsáveis pela elaboração, execução e participação das atividades a serem implantadas e contam com o apoio do executivo municipal, além das secretarias de educação, assistência social, cultura, turismo e esporte e lazer. Durante a semana, as atividades a serem realizadas envolvem todos os elementos do movimento hip-hop, além de palestras, oficinas e debates.

O ano de 2012 foi único, na realização da Semana de Hip-Hop. Durante a minha aproximação com tal contexto cultural, a partir das atividades desenvolvidas pela Associação Aliados Pelo Verso – ALPV, presenciei algumas reuniões que trataram da organização do evento, mas que não tiveram respaldo por parte dos órgãos ligados à prefeitura municipal de Aracaju. Nesse período, as posses continuaram vivas e desenvolvendo suas atividades, apesar dos vínculos políticos anteriormente construídos. Porém com novas alianças, a exemplo do Levante Popular da Juventude¹¹ e o apoio eleitoral as novas figuras políticas.

Na última eleição municipal realizada em 2016 os representantes de ambas as posses lançaram seus nomes para pleitear os cargos de vereadores, pelos mesmos partidos citados anteriormente. Atualmente somente uma das posses tem atuado dentro do cenário local. As atividades anteriores, desenvolvidas pela ALPV se encontram paradas: esta atua apenas dando apoio em eventos organizados por outros grupos.

¹⁰ Disponível em: <http://www.nacaohiphopbrasil.com.br/2015/05/se-e-lei-cumpra-bom-dia-todos-e-todas.html>> Acesso em Jun.2018.

¹¹ Organização Nacional de jovens militantes que tem estado presente em Sergipe .

2.2 – AS TRAJETÓRIAS FEMININAS

Analisar como o hip-hop está configurado na cidade de Aracaju a partir de uma localização, caracterização e identificação de suas principais atividades e associações presentes é uma questão central para estendermos a discussão sobre a questão feminina. Primeiro porque em tal cenário, muito recentemente as mulheres ganharam alguma visibilidade. Mas no geral, não existem dados que trata de maneira detalhada sobre essa presença, o que demonstra que dado contexto também segue as mesmas configurações consideradas pela literatura existente.

Outra questão ainda está ligada ao caráter dessas atuações femininas, dadas a partir do viés da politização e reconhecido através da criação de coletivos dentro das posses, de redes estabelecidas fora do estado, da afiliação partidária e muito recentemente a partir do uso das redes sociais e da relação estreita estabelecida com coletivos feministas da cidade.

Atualmente as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço tanto no rap quanto nos elementos do *break dance* e do grafite, com exceção para a discotecagem, onde essas não foram encontradas. E se considerar essas informações nos estudos anteriormente citados, ou seja, que de alguma forma investigaram as manifestações culturais do Hip-Hop em tal contexto, Silva, Costa e Ferreira (2012) já reconheciam uma forte presença no elemento rap, a partir dos grupos *La Femina* e *Son Marias*. Pereira (2016) por sua vez, cita o “Sarau das Flores” como parte do circuito de atividades desenvolvidas pelo Sintonia Periférica, realizado aos domingos pela frente feminista da Nação Hip-Hop, cuja participação feminina é considerada intensa e possui a função de tratar sobre questões ligadas ao universo feminino, pelo viés político do feminismo.

A partir da pesquisa de campo realizada com militantes expoentes, constatei que em 2009, começaram a surgir às primeiras mulheres atuantes em Aracaju. Essa participação é dada a partir da formação de grupos restritamente femininos em sua maioria, com poucos casos em que tal composição é mista, ou seja, com a presença de homens e mulheres no mesmo agrupamento. Porém, com isso, não nego a existência de um contato dessas integrantes com o público masculino, mas observei que tais participações existem somente nos casos em que o objetivo está ligado às questões de militância política que envolve o Hip-

Hop, enquanto movimento social, e na socialização das experiências referentes às práticas culturais que envolvem os seus elementos de uma maneira específica.

A seguir, descrevo as trajetórias femininas de cinco mulheres integrantes do Hip-Hop na grande Aracaju. Suas participações são dadas especificamente a partir dos elementos rap, *break dance*, grafite e em função da intensidade de suas atuações nos grupos específicos, ou do envolvimento direto nas ações políticas junto às associações. Assim, entendo os discursos narrados e descritos abaixo, como importantes objetos de reflexões que possibilita entender aspectos simbólicos, referentes às principais influências no momento de entrada. Por outro lado, as dificuldades encontradas, as motivações, o modo de atuação e um discurso muito marcado pela autoafirmação de uma identidade baseada no gênero enquanto elemento de resistência, dentro de uma cultura masculinizada.

Diana Ferreira tem 22 anos e é integrante do grupo *Flow Minas*. *BGirl* há quatro anos, iniciou sua trajetória no Hip-Hop quando se mudou para Aracaju. Segundo ela, o Break surgiu como uma forma de sociabilidade, onde ela pôde estabelecer os seus primeiros contatos de amizade. Foi a partir de uma das edições do evento *Battle for Life*, em 2013, enquanto acompanhante de um ex-namorado, que já atuava na dança através do estilo pop, que ela afirma o seu interesse pelo *Break* de forma participativa:

(...) Aí quando eu vim morar aqui eu tenho o hip-hop como forma de me socializar, fazer amizades, conhecer os lugares, porque, foi o pessoal que eu tive o primeiro contato no momento, com a galera do hip-hop. Foi no evento, num campeonato de break chamado *Battle for Life* que era aqui no Bairro Industrial, embaixo da ponte, e eu tinha um namorado que dançava, dançava *pop dance*. E eu já conhecia todos os *b-boys* e todos os dançarinos, e aí eu comecei a participar dos eventos, dos treinos, aí numa batalha eu comecei a sentir vontade de começar a dançar também. Só que eu tinha vergonha de dançar com ele, e de pedir para ele me ensinar, até porque não tinha, não via mulheres dançando, então eu fiquei meio retraída, mas foi nesse momento nesse campeonato que começou a me dar vontade de dançar (Diana, membra da *Flow Minas*, 2018).

Diana se colocou enquanto multiplicadora da cultura Hip Hop, a partir do momento em que passou a perceber que a inserção das mulheres se dava de uma forma minoritária e limitada, partindo daí a ideia de criar um grupo específico. Atualmente, o *Flow Minas Crew* é considerado pioneiro no *break* feminino em Sergipe. Foi a partir de tal criação há dois anos, que sua participação passou a ser mais ativa em vários eventos, contando ainda com apresentações intensas nos finais de semana. O objetivo do *Flow Minas* é elaborado a partir de uma identificação com pautas do feminismo:

(...) Meu objetivo dentro da *Flow Minas* sempre foi um: é o que digo para minhas companheiras, minhas amigas, que o nosso objetivo principal, fundamental é ocupar todos os espaços que a gente conseguir, que são ocupados por homens e disseminar a cultura entre as mulheres (...). Eu consegui inspirar as outras meninas a terem vontade dançar também e eu pretendo continuar fazendo isso, com minha atuação de disseminadora da cultura hip-hop, além do que é muito importante ter mulheres no hip-hop, porque a gente acaba que ensinando os homens, sendo dos elementos todos, do break, do rap, do grafite, a respeitar a mulher dentro hip-hop (Diana, integrante do *Flow Minas*, 2017).

Segundo a entrevistada, a inserção no Hip-Hop de uma maneira geral e a atuação a partir de tal grupo de forma específica, lhe trouxeram alguns ganhos, como a oportunidade de viajar para outras cidades como Salvador e Brasília, para participação de campeonatos com cachês pagos, além de um novo ciclo de amizades, de convivências e de relacionamentos.

Mariah tem 31 anos e reside no bairro Aruanda. Seu momento de descoberta se deu através da música, após assistir um clip da rapper *Lauren Hill*, na MTV em 1997 e depois em 2001, a partir da descoberta do grupo Racionais Mc's. Em 2009, começou a atuar enquanto MC, formando o grupo *La Femina*, composto por mais duas integrantes.

Em 2010, entrou para Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop, considerado carro chefe de uma atuação politizada a nível nacional. Com tal inserção, Mariah buscou desenvolver um trabalho voltado para a questão do recrutamento de mulheres e aponta que fez importantes contribuições, tanto em organizações paralelas a FNMH², quanto em nível de militância local a exemplo do Hip-Hop Mulher, no Coletivo de Mulheres de Aracaju, no Coletivo de Mulheres do PT e de outros partidos considerados de esquerda.

Atualmente a entrevistada coloca que tal atuação não tem ocorrido e a justificativa é dada a partir do argumento de que houve uma necessidade de parar, para o alcance de uma reflexão, assim como de um entendimento e instrução de suas ações. Futuramente ela pretende iniciar novos projetos.

(...) hoje em dia, o projeto que eu penso em ter daqui a um tempo é um projeto diferente, é um projeto construído com banda, dessa forma, porque chega um ponto do rap que a gente precisa ter a ideia, mas a gente precisa também se entender enquanto músico. A gente precisa ter uma bagagem enquanto músico, a gente precisa se instruir. E aí eu parei, abri um hiato justamente pra começar a reformular algumas ideias. Algumas formas de atuação dentro do rap (Mariah, 2017).

Sobre as dificuldades encontradas durante a sua trajetória no Hip-Hop, Mariah traz alguns apontamentos interessantes, sendo o primeiro relacionado à questão da autoafirmação enquanto mulher. Como já afirmei anteriormente, o Hip-Hop, por ser entendido como uma cultura de rua, acaba se assumindo como uma manifestação masculinizada. Nesse sentido, o discurso colocado por Mariah está ligado ao entendimento, de que tal espaço deve ser também

ocupado pelas mulheres. Um segundo ponto está relacionado ao processo de politização de outras mulheres.

(...) Acho que a principal dificuldade que a gente tem é a autoafirmação. A gente se auto afirma dentro do movimento, entender que temos que participar daquilo dali é o primeiro ponto. Porque mulheres acabam achando que aquele espaço não é para elas. Por conta de todas as coisas que acontecem dentro do movimento. Então quando a gente começa a se auto afirmar e entender que a gente é parte daquele movimento, a gente começa eliminando etapas. Acho que a segunda questão é o diálogo com outras mulheres. Isso foi um pouco difícil com outras mulheres porque não tinham o mesmo entendimento de questão de movimento e sociedade que a gente tinha, achavam que sempre precisavam estar como coadjuvantes e não como protagonistas e sempre davam suporte para que homens fossem seus parceiros, seus irmãos, outros homens protagonizassem e elas ficassem ali atrás. Muitas escreviam, tinham suas poesias, tinham vontade de dançar *break*, grafitar, mas sempre havia um homem que dizia que aquilo dali não era para ela fazer. Ou porque outros homens iam dar em cima, ou porque certos movimentos de *break* eram sensuais, ou porque as roupas não condiziam então o machismo com certeza é a questão maior disso tudo (Mariah, integrante do *La Femina*, 2017).

Iza Jaqueline, mais conhecida como *Negratcha MC*, tem 33 anos e mora em Nossa Senhora do Socorro no conjunto Marcos Freire III. O Hip-Hop sempre existiu em sua vida através do consumo da música rap. O momento de decisão, sobre a sua participação enquanto integrante do movimento, se deu aos 14 anos e foi elaborado a partir de um momento de reflexão, associada à perda da sua mãe. Tal situação desencadeou uma identificação por formas expressivas de atuação, embora não consciente, sendo possível só algum tempo depois por intermédio de um amigo o conhecimento do Hip-Hop enquanto expressão política.

(...) Então a perda da minha mãe foi muito grande, aí eu pichava, saia pichando os muros da cidade, e sempre acabava que eu ia pra delegacia, justamente por causa disso, aí um amigo, que hoje é cantor da banda Código Fatal, o nome dele é *Lakers*. Ele me falou: “olha, tem outro jeito de você protestar pra sociedade a sua indignação, em vez de você estar indo pra delegacia por causa de piche, e aí ele me mostrou o rap”. Foi aí onde eu me inseri dentro do Movimento Hip-Hop (*Negratcha Mc*, 2017).

Iza atualmente completa dezoito anos de atuação no Hip-Hop. Através da militância e enquanto MC, ela busca um novo projeto com a sua filha a partir do grupo de rap *Negratcha e Aninha MC* desde 2017, logo após a sua saída do *La Femina*, grupo no qual atuou durante sete anos. Nessa perspectiva, Iza também tem buscado várias articulações através de sua inserção a nível nacional, como integrante da Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop e, por outro lado, a nível local recente em organizações como a Unegro e outros coletivos, tais como Entre Becos e o Sala de Reboco, a partir da construção e participação em eventos.

Sobre as motivações, objetivos e influências relacionadas ao desenvolvimento de suas atividades no Hip-Hop, a resposta de Iza, assim como a de outras integrantes entrevistadas, também perpassa pela ideia de autoafirmação enquanto mulher em um movimento que é colocado como machista, mas também pela ideia de conscientização e politização de outras mulheres através do conteúdo das letras de rap. Neste sentido, as atividades desenvolvidas em torno do Hip-Hop e principalmente articuladas com integrantes de outros coletivos a tornaram mais feminista.

(...) que me motiva é que em um movimento tão machista, as pessoas veem “caramba, duas mulheres, cantando ali”, das pessoas pararem e perceberem nosso trabalho. Outra “motivação é quando outra mulher chega e “diz” caramba, aquela letra que você fez, eu parei pra pensar e é verdade”, de eu poder ajudar uma jovem que está na criminalidade, que é o que tem nas periferias, principalmente onde eu moro jovens que usam seu próprio corpo para fins lucrativos, e o corpo delas servem, e numa letra poder chamar a atenção dela, que ela tem que ser mostrada para a sociedade, mas não como um pedaço de carne, de eu ver um menino de rua que quis estudar e hoje é alguém então tudo isso pra mim é uma motivação (...). As atividades em si me tornaram mais feminista, como uma roda de conversa, a gente sentar e perceber algumas questões políticas, sociais, econômicas que estão acontecendo em nosso país que a gente não sabia, mas pelo fato da roda de conversa te explicar e discutir determinados assuntos, me influenciou bastante e influencia porque é muito bom e a gente acaba aprendendo muito. (Negratça MC, 2017)

Ariane tem 26 anos, mora no bairro Porto Dantas, localizado na zona norte de Aracaju. A descoberta do Hip-Hop para ela se deu em dois momentos: um primeiro, por meio da dança em 2007, quando ainda era estudante secundarista a partir de uma atividade no teatro Lourival Batista, que a colocou em interação com jovens já atuantes. Mais tarde em outra atividade de cunho político, realizada pela posse no Iate Clube, onde a mesma presenciou uma batalha de rima. Em 2009 ela formou o grupo de rap *Son Marias*, juntamente com outra integrante.

Atualmente, Ariane coloca que integra a posse Nação Hip Hop Brasil e a Nação Mulher, um núcleo específico criado pela necessidade de organização do grupo feminista Flores com dores, atuante dentro das periferias. A partir desses grupos, ela desenvolve diversas atividades. Outro projeto é o *Dance Quebradas* organizado para levar a dança de rua nos bairros periféricos.

Segundo ela, as mulheres têm dificuldades em fazer parte da cultura Hip-Hop, porque não se sentem representadas, ou ainda porque o público majoritariamente masculino não possibilita tal inserção. Partindo desse posicionamento, seu objetivo se dá através do encorajamento de outras mulheres e da politização através do rap, da dança e das atividades desenvolvidas pela associação na qual ela faz parte.

(...) fazer com que outras mulheres deixem de ter medo de estar dentro do hip-hop e passem a querer fazer parte, e tenham conhecimento maior, e entender que a política é o que a gente faz no dia a dia, é o que a gente faz, e que as pessoas queiram conhecer o hip-hop de verdade para que usem essa ferramenta, pra gente salvar vidas, salvar pessoas. Se hoje algumas pessoas pedem o hip hop nas escolas, por que a gente não pode ter o hip-hop como ferramenta de educação dentro da escola? Como matéria escolar? Por que os caras não tem? Como a gente vai pegar aquele jovem, menor infrator e vai salvar, se a gente não interagir com ele? Você quer prender, castigar e que ele saia de lá melhor? (Ariane integrante da Nação Mulher, 2017).

Andreza Cintra, tem 33 anos é natural de Recife, mas mora atualmente em Aracaju no bairro Santa Lúcia. Seu momento de descoberta se deu a partir de um trabalho da faculdade, realizado quando decidiu cursar publicidade, que lhe despertou uma curiosidade em estudar sobre o Hip-Hop. Foi a partir da interação e da necessidade de gravação de um vídeo com membros do grafite, que ela decidiu participar das atividades que envolvem tal elemento.

(...) foi à primeira vez que eu vi o grafite de perto, aí nesse dia, foi um evento de hip-hop que teve, quando rolou o grafite eu fui filmar os meninos pintando, na época era até *THC Crew* quem promovia, acho que em 2010 ou 2009, foi nesse trabalho que eu comecei a ter curiosidade de pintar, eu comprei dois sprays, praticamente da mesma cor para fazer uma caveira, e a caveira saiu totalmente zoada, aí eu disse: “velho não vou desistir não”, não teve ninguém pra me dá umas dicas, disseram: “se vira, vai na tora”, e foi isso que eu fiz, eu comprei dois tons parecidos de rosa claro, aí eu vi que eu precisava de um preto, aí no outro grafite eu já comprei essas cores para contrastar e deu certo, fiz uma caveira mexicana e tal, e aí quando eu vi que tinha talento pra coisa eu continuei, continuei (Andreza integrante da *Arteiras Crew*, 2017).

A partir daí, surgiu à necessidade de viajar no intuito de conhecer a cena do grafite de outros estados. Em São Paulo por intermédio de um amigo ela conta que teve contato com várias referências. Mas foi em Belo Horizonte que surgiu a ideia de formar uma *Crew* só de mulheres grafiteiras em Aracaju.

(...) BH no mesmo ano e foi só força pra voltar e querer levantar o Movimento aqui também principalmente o Movimento Feminino, porque eu passei muitos anos só eu de mulher, eu queria muito chamar só as meninas pro rolê: “ah”, vamos pra um rolê só de minas Foi nesse momento que eu me encontrei, eu precisava me encontrar na vida, até então eu fazia faculdade de Publicidade, mas não era bem o que eu queria fazer da minha vida, eu fazia o curso que mais me identificava na UFS, mas não “morria de amores”, tanto é que nunca exerci a profissão, a não ser como freelance. E eu precisava me encontrar, assim artisticamente, aí foi quando eu vi que era o grafite mesmo, aquilo preencheu uma lacuna que estava faltando, de realização pessoal (Andreza, *Arteiras Crew*, 2018)

Atualmente, Andreza participa do grupo *Arteiras Crew*, fundado juntamente com suas amigas Buga e Taci. Tal grupo também integra outras jovens de estados como Paraíba, Recife, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e foi criado no intuito de reunir mulheres em torno

da arte do grafite. Andreza também está articulada a outros grupos como Os Loucos do Sul e 710, que são de Recife e aos Registrados e a União Tira a Paz, de São Paulo. Sua atuação se dá tanto através do grafite, quanto da pichação. E ambas são compreendidas como formas de expressão livres, sem que haja uma separação quanto aos seus entendimentos.

(...) tanto é que essa palavra pichação é brasileira, na gringa não existe, é tudo grafite, tem muitos lugares que o grafite é proibido, é crime e a galera tem que pintar muito rápido, que dá cadeia mesmo, e aqui no Brasil, já descriminalizou o grafite, a pichação é considerada crime, essa separação só existe no Brasil, na gringa é tudo uma coisa só. (...) Então, eu não gosto dessa galera que só pinta no autorizado, só pinta em evento, desses grafiteiros que comercializa demais o grafite porque eu vejo o grafite como um instrumento... O grafite não surgiu para agradar ninguém, e hoje em dia, a mídia principalmente aqui no Brasil tem isso: “grafite é legal, é bonitinho” e a galera deturpa muito as coisas, acredita no que a televisão fala: “ah, aí sim, porque aquelas pichações são horríveis” e isso me incomoda demais, eu fico calada porque não adianta discutir, mas eu digo meu Deus do céu, como a galera é leiga, de achar que uma coisa é diferente da outra. (Andreza, Arteiras **Crew**, 2018).

Sobre as motivações e dificuldades, a entrevistada aponta para a questão do apoio dado as outras participantes, através da comunicação nos grupos desenvolvidos pelas redes sociais, tais como o *Whatsapp* e o *Facebook*, assim como nos encontros e eventos. O objetivo gira em torno do fortalecimento e da troca de experiências, enquanto mulheres atuantes no grafite. O machismo aqui também tem sido apontado como uma dificuldade experimentada em suas experiências com os grafiteiros, a partir de um não reconhecimento pessoal de suas participações nas atividades que envolvem tal arte, ou ainda no apagamento de seus grafites sem autorização.

2.3 OS SIGNIFICADOS DE SER JOVEM E HIP HOP

Através dos discursos emanados pelas integrantes, também entendo que existe uma ligação do Hip-Hop com juventude, onde tal representação estaria sendo vivenciada atrelada as práticas culturais estabelecidas neste universo. Nesse sentido, percebo a existência de alguns elementos importantes nas trajetórias femininas que possibilitaram seus momentos de descoberta no Hip-Hop, a partir de um período comumente atribuído à condição juvenil quando houve, por exemplo, uma busca por redes de amizade:

(...) Eu conheci o hip-hop há cinco anos – seis anos atrás, quando eu vim morar aqui. Eu já conhecia lá em São Paulo, mas não tinha atuação ainda no movimento. Aí quando eu vim morar aqui eu tenho o hip-hop como forma de me socializar, fazer amizades, conhecer os lugares, porque, foi o pessoal que eu tive o primeiro contato no momento, com a galera do hip hop. (Diana, integrante do *Flow Minas*, 2017).

Aliada às expressões culturais, a sociabilidade é considerada uma dimensão central dada a partir da formação de grupos de pares e desenvolvida em vários aspectos da vida em sociedade, no caso dos jovens, preferencialmente nos espaços de lazer e entretenimento. Assim, a turma de amigos tem sido tomada como uma referência nas trajetórias juvenis e expressa uma dinâmica de relações significativas que envolvem uma definição de quem são os mais próximos daqueles que são os mais distantes (Dayrell, 2007, p. 1110).

Ainda segundo Sposito (2005), para a juventude brasileira, o espaço principal de fazer amigos é o bairro ou a vizinhança, seguido pela escola. Assim, os estudos de juventudes têm colocado em evidência a necessidade de um reconhecimento por parte da escola, visto que tal espaço é considerado um ponto de encontro dos jovens, no que se refere à dimensão da sociabilidade. Uma das entrevistadas evidencia o seu momento de descoberta por meio da dança como algo propiciado pelas atividades desenvolvidas no meio escolar, quando ainda era estudante secundarista. Em seu discurso, tal atividade a colocou em interação com outros jovens que vivenciavam o estilo Hip-Hop:

(...) O hip-hop em si foi por meio da dança, em 2007, teve uma apresentação na escola, e a escola tinha que levar algo para o teatro Lourival Batista, e aí a gente levou uma dança qualquer, eu não tinha vivência, e quando a gente chegou lá eu descobri o hip hop, não o hip hop em si, mas a dança (.). Foi a partir dali, eu vi uns meninos dançando, eu morava na zona sul, daí eu descobri que eles moravam no lado de cá, na zona norte, eu pagava os meninos pra me trazer de bicicleta e os meninos traziam (risos). De lá do Leandro (Maciel). Eu dizia à minha mãe que eu ia treinar na escola, às vezes chegava e nem dançava, ficava olhando, mas só de olhar era massa. (Ariane, integrante do Flor Marias, 2017).

Dayrell (2002) tem chamado atenção para o fato de que nas trajetórias de vida dos jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como uma forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. Neste sentido, o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado, que envolve um conjunto de significados no qual buscam demarcar uma identidade juvenil. E nesse processo a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Em um dos casos pesquisados, foi através do consumo propiciado pela aquisição de bens culturais, que possibilitou o conhecimento do rap:

(...) O que me levou ao movimento hip hop foi à descoberta do rap. O rap eu descobri, identifiquei o que era rap em 97, ouvindo a Lauren Hill num clipe na MTV, e me identifiquei, porque na época eu gostava muito das Spice Girls e tinha Mel B, que ela tinha um Black, e todas as roupas que eu me identificava, e eu vi isso, e essa característica na *Lauren Hill* também. E aí eu associei a imagem das

duas, e foi quando eu descobri que a Lauren Hill cantava rap. Então o primeiro contato que eu tive no rap foi na verdade em 97 com a *Lauren Hill*, depois em 2001 com Racionais. (Mariah Médici, 2017)

A problematização em torno dos significados relacionados aos grupos juvenis, tem sido elaborada de diversas maneiras. Reguillo (2003), chama atenção para a importância de dois tipos de enfoques nesses estudos. Um primeiro que ao tomar a constituição dos grupos traz considerações gerais sobre os anseios e dilemas vividos pela juventude brasileira. Por outro lado, a referência dos estudos que partem das questões sociais e a configuração das práticas juvenis são analisadas como fenômenos sociais a exemplo da violência, das novas tecnologias, da política, entre outros. Esses se convertem em significados sociais, quando são apropriados especificamente pelos jovens.

Dayrell (2003) reconhece a importância desses estudos, mas atenta que apesar das suas contribuições essa produção teórica apresenta uma lacuna, pois ao construir os grupos juvenis enquanto objeto de estudos, tais investigações recortam de tal forma a realidade dos jovens que dificultam a sua compreensão, enquanto sujeitos em um contexto social.

Tabela 1: Perfil das entrevistadas

Nome/ elemento	Idade	Cidade/ Bairro	Estado Civil	Filho	Escolaridade	Ocupação Profissional	Cor/etnia
Diana/ break	22	Socorro	Solteira	1	2º grau completo	B.girl	Não declarou
Mariah/ Rap	31	Aruanda	Casada	-	Superior Incompleto	Funcionária pública	branca
Isa/Rap	33	Socorro	Casada	4	Superior Incompleto	Cabeleleira	negra
Ariane/Rap	26	Porto Dantas	Casada	1	Superior Incompleto	Professora de dança	branca
Andreza/ Grafite	33	Santa Lúcia	Solteira	-	Superior Incompleto	Funcionária pública	parda

Fonte: A autora

A tabela acima apresenta o perfil das entrevistadas. Assim, existe uma média de idade de 29 anos, a maioria reside em bairros considerados socialmente periféricos, localizados na zona norte e na grande Aracaju e moram com os filhos e/ou companheiros que também integram o Hip-Hop. Ainda foi possível analisar que nos dois casos, em que as jovens se encontram solteiras, esta condição é vivenciada dentro da casa dos pais.

No geral, quase todas tiveram acesso ao ensino superior, especificamente nos cursos de Administração, Direito, Dança, Publicidade e Letras¹². Em um dos casos relatados, a escolha foi feita em uma tentativa de conciliação com a atuação específica no elemento da dança, em outro caso, em função de uma situação problemática ocorrida durante a sua trajetória pessoal¹³. Nas outras situações, tais buscas se traduziram em uma forma de qualificação no qual se visou diretamente à importância social de um diploma, mas que em alguma medida também existia uma preocupação com a questão da identificação pessoal em relação ao curso escolhido.

Atualmente, duas das entrevistadas permanecem estudando. Também foi possível constatar que todas exercem uma atividade remunerada, algumas em trabalhos que possuem uma relação direta com o Hip-Hop, como no caso das *break girls*,¹⁴ em outro caso a partir de uma relação indireta e específica da jovem com a militância política, que lhe proporcionou o exercício de um cargo no serviço público.

Com relação à definição étnico racial, no ato da entrevista duas integrantes se auto identificaram enquanto brancas e se colocaram numa condição de privilegiadas em seus discursos, no que se refere a nunca terem vivenciado atos de discriminação racial no entorno de suas vivências; uma se definiu enquanto parda; outra integrante se auto afirmou enquanto negra e uma não quis se definir, tendo em vista que o principal mito de origem associado ao Hip-Hop o considera como uma manifestação cultural originária dos subúrbios de população negra dos Estados Unidos, afro-americana, o que faz com que a jovem sinta essa tensão dentro de sua inserção no universo desta cultura urbana, por parte de alguns membros.

Nos estudos sobre juventudes, algumas pesquisas têm ressaltado a importância dos estilos de vida como base analítica para compreensão dos significados, com os quais os

¹² Uma das entrevistadas acessou primeiro o curso de publicidade na UFS mas afirma que não conseguiu se encontrar profissionalmente nessa escolha e atualmente cursa letras em uma faculdade particular.

¹³ A integrante viveu um longo período de encarceramento e após o cumprimento da pena decidiu cursar direito com a ajuda de programas do governo.

¹⁴ No período das entrevistas também ficou constatado que uma das jovens dançava break nos sinais de trânsito da cidade como uma forma de tirar o seu sustento. Em outro caso a jovem atua enquanto professora em uma academia particular em Aracaju.

jovens vivenciam as suas experiências culturais. Ainda segundo Marcon e Filho (2013), tais significados podem refletir valores acionados, por questões ligadas aos marcadores de classe, gênero e etnia. Mas por sua vez, também podem estar cobertos por outra série de questões, a exemplo da disputa por acesso e a utilização de espaços urbanos locais, ou ainda a produção e recursos para ouvir, desenhar e dançar (p. 512).

Nessa perspectiva, foi possível perceber a atribuição de alguns fatores em comuns que dão sentido a questão do estilo e aos seus momentos de inserção, muito associada no que se refere às escolhas das jovens: a música, a vestimenta, a uma maneira própria de se comunicar, mas também a história do movimento atrelada a uma forte identificação com a periferia, como um local de moradia e de reconhecimento das mesmas:

(...) eu comecei a perceber que o hip-hop era uma cultura própria, é um estilo de música, um estilo de se vestir, dialeto, é, várias coisas, então eu quis começar a fazer parte da cultura justamente eu comecei a perceber que o hip hop era uma cultura própria, é um estilo de música, um estilo de se vestir, dialeto, é, várias coisas, então eu quis começar a fazer parte da cultura justamente porque quando eu comecei a estudar e pesquisar o que era realmente, o que era hip hop, como ele se organizou, devido à pobreza, a marginalidade, eu comecei a me ver dentro daquela cultura e percebi que o estilo dela, da fundação dela, da criação dela tinha muito a ver com minha realidade, e a realidade das pessoas que eu convivia. (Diana, *Flow Minas Crew*, 2017).

(...) Eu acho que a opção, ela vem muito da questão da sua identificação dentro da sociedade. Então eu morava em periferia, o hip-hop é a voz da periferia, a gente pode dizer que a representação que a gente tem são deles (...) (Mariah, 2017).

(...) Na verdade eu vivo né?! Até porque quem mora na periferia não tem como dizer que não vive, até pessoas que não estão inseridas no movimento hip-hop acabam vivendo isso dentro de casa porque eu acho que isso são vivências, são cotidianos que a gente tenta se expressar. (*Negratcha Mc*, 2017).

“Ter bagagem na dança e ser atuante, passar conhecimento para as pessoas, ter posicionamento político no rap, ter responsabilidade ao representar o Hip-Hop, ter cuidado, está no sangue, é tudo em minha vida, é o meu trabalho, é o que me mantém, é onde eu atuo, é o que fez eu me encontrar na vida”, também foram frases constantes que apareceram relacionadas à pergunta prevista no questionário (ver apêndice) que teve o objetivo de investigar o significado específico que cada expressão artística ligada a música rap, a dança e o grafite assumem nas experiências cotidianas dessas integrantes.

Nessa lógica é possível perceber que, para além do momento de inserção, a vivência no entorno de tal manifestação cultural também possibilita a construção de uma condição de juventude, que é perpassada pela construção de um processo de identificação que se assume

dinâmico, contextual e relacional, sem contar denota pertencimento, reconhecimento mútuo e visão *adultocêntrica*, permeada por regras instituídas no entorno da militância política do Hip-Hop.

CAPITULO III

ATUAÇÃO POLITICA E AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS: EXPLORANDO IDENTIDADES FEMININAS

“Mas eu também penso que o movimento Hip Hop precisa entender que as portas para os homens, elas são escancaradas, mas para as mulheres não. Nós temos muitas coisas ainda para chegar até lá”. (Mariah, *La Femina*, 2017).

“Feminismo é a luta pela igualdade de gênero, tem se mostrado uma luta constante na nossa vida, não só pela igualdade de gênero, mas enquanto vivência. A gente tem essa postura de quanto somos mulheres e merecemos respeito”. (*Negratcha Mc*, 2017)

“Quando a gente fala algo específico para mulher, vem mulher que a gente nem imagina, a gente passa a conhecer essas mulheres e acontece a identificação”. (Ariane, Flor Marias, 2017).

Com sentimentos de busca pela igualdade, as integrantes acima evocam outro sentido dado à cultura urbana – a perpetuação de valores relacionados ao pertencimento e a percepção de vivências em comuns, como discutido no final do capítulo anterior. Com segurança e atenção, essas falas foram feitas durante o ato das entrevistas gravadas junto às cinco lideranças dos grupos femininos, acompanhados em locais públicos e privados escolhidos por estas.

As epígrafes acima me chamaram atenção, quando percebi que na fala das entrevistadas, os elementos da atuação política, estavam a todo o momento sendo enfatizados. Na primeira frase, a atenção recai na diferenciação entre os membros com relação ao gênero. Na segunda, a bandeira do feminismo é ressaltada como um elemento presente nas práticas políticas construídas pelas integrantes e na terceira, vemos um discurso ligado à valorização das experiências femininas ao mesmo tempo em que tal experiência também é pensada como estratégica política nas ações dessas integrantes.

Este momento é dedicado especialmente à atuação dos grupos femininos em questão. Deste modo, busco perceber como se configuram essas organizações e por outro lado, quais as suas histórias, as motivações de existência, as mudanças e alterações no entorno de suas composições, as dificuldades enfrentadas e o modo como são produzidas as expressões artísticas. No decorrer deste recorte tento mostrar aspectos das experiências femininas. As discussões versaram sobre as observações em campo, com a finalidade de compreender os valores construídos em meio às experiências com outras jovens.

Em seguida, trago as noções de atuação política a partir da articulação entre o uso dos elementos e a organização dos grupos, mediada pela ideia de movimento social. Esta abordagem remete ao anunciado deste capítulo quando as jovens evocam a respeito das desigualdades de participação. Desta forma, o segundo momento deste capítulo será dedicado à relação entre jovens mulheres e atuação política. Essa relação foi percebida e evidenciada, por vezes em campo, nos eventos e atividades, nas redes sociais e nas entrevistas. Assim cabe aqui entender se a questão política é fator preponderante nas relações sociais e de poder, no seio do universo hip-hop em Aracaju.

No terceiro ponto deste capítulo, o escopo principal é traçar a partir dos dados observados, o perfil dos eventos e a percepção das relações estabelecidas. Dentro desses eventos será realizada uma análise sobre a emergência dos processos identitários, ponto crucial da pesquisa com a finalidade de perceber como ocorre a rede de relacionamentos entre os membros. Entretanto, não cabe aqui tecer um estudo sobre identidades, mas a partir dos estudos das culturas juvenis, entender como se dão as relações estabelecidas com foco nas identidades femininas que emergem tanto nos eventos e atividades que as jovens constroem, quanto naquelas em que elas participam enquanto convidadas.

3.1 AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS A PARTIR DOS GRUPOS

O grupo Flor Marias é formado por duas integrantes Ariane e Shirley que atuam no papel de vocalistas e compositoras. Além das duas jovens, o grupo ainda conta com um produtor que desde seu surgimento é responsável por direcioná-lo. O Flor Marias iniciou na cena do rap sergipano em 2009 com o “Son Marias”, por iniciativa das duas jovens que já se conheciam a partir da dança e desde então sentiram a necessidade de falar sobre as suas vivências atuando enquanto MC’s:

Tudo vem com a dança, e a partir daí, como Mc, por exemplo, enquanto Mc, quando eu me juntei com Shirley e a irmã dela, a gente quis falar sobre o que a gente vivia, enquanto mulher, só que depois há pessoas que chegam para orientar o que a gente vai fazer (...). Anderson, meu esposo, porque ele dava ideia de dica, de base, de testar a gente, ele dava uma base e dizia: “faz aí”, o JB, que era o DJ dele, que sempre estava disposto a mixar, aquela coisa de realmente querer somar, não tem como não interligar, o ex-marido de Shirley, que não está mais entre nós, ele ajudava muito, ele dançava. mas também ajudava, ele fazia até os reforços às vezes. (Ariane, Flor Marias, 2017).

Em 2015, tal configuração experimenta mudanças. Ao considerar a presença marcante do feminismo na maioria dos grupos de composição feminina existente no cenário Hip-Hop e, especificamente nos discursos e práticas políticas de militância em Aracaju, o grupo passa a construir uma atuação mais voltada para a valorização de tal bandeira de luta. O Flor Marias como passa a se chamar, busca encorajar outras mulheres a participar do Hip-Hop, assim como se coloca enquanto apoio àquelas que já atuam na cena.

Ao recuperar a sua história, constatei que sua composição sofreu algumas alterações. Inicialmente era composto por três jovens e após a saída de uma delas, até meados de 2013, passou a contar com uma DJ que atualmente já não faz parte da sua configuração. Neste sentido é importante pensar sobre os critérios estabelecidos para a entrada de novas participantes que nesse caso não se dá de forma aleatória, o que significa que para além da afinidade pessoal ainda é preciso estar alinhada as ideias e o propósito do mesmo.

Por ser encarada como uma cultura marginalizada, a jovem Shirley sofreu reações negativas por parte da família, no início da sua atuação enquanto MC. Assim, foi necessário empreender todo um trabalho de convencimento aos pais da jovem, que se deu por parte do discurso de referência do rap enquanto ferramenta promotora da conscientização social, para que esta pudesse continuar atuando.

(...) e a gente se conheceu dançando, e quando a gente começa a atuar dentro do rap, é outro obstáculo para derrubar, o hip hop já é marginalizado, e a mulher é assim o dobro, então para a gente convencer os pais delas, foi trabalhoso, para convencer que a nossa ferramenta pode educar, ensinar e salvar vidas. (Ariane, Flor Marias, 2017).

Ainda devido ao contexto vivido pelas integrantes, associado ao casamento, ao cuidado com os filhos, ao trabalho, a falta de recurso financeiro para locomoção e a inserção em outros espaços que também demandam compromissos, o grupo não possui uma rotina

rígida de ensaios. Na maioria das vezes esses acabam sendo negociados a partir do tempo disponível de cada uma, somado ao grau de importância de suas agendas de apresentação. Assim, quando tais encontros acontecem, as jovens procuram se reunir em um local privado o que geralmente é a residência de uma delas.

A produção musical da maioria dos grupos de rap, parece ser quase sempre marcada por um tom de protesto e de indignação. Desse modo, esses grupos preocupam-se em denunciar os contrastes sociais a partir de vários temas. No caso do Flor Marias, a dupla mostra-se consciente em relação às questões que envolvem o universo feminino, o que faz com que tal perspectiva seja ressaltada em suas produções musicais. Assim, entendo que os temas retratados ainda são frutos de uma escolha coletiva que envolve inclusive o produtor do mesmo.

Imagem 4: Apresentação do grupo Flor Marias no projeto Sescconção.



Fonte : Página do Grupo Flor Marias¹⁵

Elas trazem consigo nas letras de suas músicas, abordagens em um tom de denúncia de todas as suas vivências. Por meio delas, as jovens procuram trazer questões pertinentes à desigualdade de gênero, a discriminação contra as mulheres assim como buscam retratar o cotidiano das mulheres periféricas, comumente caracterizadas como fortes, guerreiras e

¹⁵Disponível

em: <https://www.facebook.com/FlorMariasRAP/photos/pcb.1781965585429380/1781965252096080/?type=3&theater>. Acesso em Jun.2018.

trabalhadoras. No plano da música *Abram Alas*, por exemplo, o grupo se apresenta ressaltando a presença feminina no Hip-Hop.

(...) E Abram alas que nós chegamos com o poder da fala.
 Meninas mulheres rimas que ferem
 E abram alas que nós chegamos com poder da fala
 Mulher no rap só com bases passos para a correria
 E abram alas que nós chegamos com o poder da fala
 Boas novas que as ruas anunciam
 Flor Marias¹⁶!

Uma representação da Mulher é ainda ressaltada na música *Unidas*, como uma forma de afirmação de uma identidade que também é reconhecida pelas integrantes:

(...) Somos as filhas das Marias.
 Somando todas as Marias
 Fazendo som pra Marias
 Guerreiras todo dia

A questão do assédio sofrido pelas mulheres tem sido retratada em *Deixa Noz*, associado ao machismo e a discriminação de gênero. Deste modo, como contraponto a tal atitude, as integrantes ressaltam a liberdade feminina em relação ao corpo.

Andam falando por ai
 Que não temos proceder
 Só porque eu visto short e minissaia
 (...) eu sou preta, loira eu sou mulher.
 Eu mostro peito a bunda a quem eu quiser

Após a formação do *Son Marias* no ano de 2009, três jovens que atuaram como vocalistas, compositoras e que exerciam também o papel de produtoras do próprio grupo formaram o *La Femina*. Assim, anos depois após a saída de uma de suas integrantes, este passou a ser composto apenas pelas rappers *Negratcha* e *Mariah*.

Ao buscar sua história, entendo que a mesma se entrelaça com as experiências pessoais das integrantes, que de alguma forma já atuavam no cenário hip-hop. Nessa perspectiva, *Negratcha* por ter sido moradora de uma comunidade periférica em São Paulo, já atuava a partir da música. Daniele, mais conhecida como a Dama do Rap por assumir uma forte referência da rapper Dina Di¹⁷ em suas apresentações, chamava atenção pela forma

¹⁶ Letra da musica retirada do site < <https://soundcloud.com/flormarias.> >
 Em 20/05/2018.

¹⁷ Vocalista do grupo Visão de Rua Dina Di foi considerada um dos grandes ícones do rap feminino nacional.

como imprimia sua postura no palco. Mariah por sua vez ao adquirir a experiência advinda também de outros estilos musicais, afirma ter trazido junto a sua bagagem a questão da liberdade de expressão como uma forma de consciência. A partir de então as jovens conversaram e o grupo foi formado automaticamente, passando a atuar nos eventos que aconteciam na grande Aracaju.

Eu comecei no hip hop atuando enquanto Mc, a gente conseguiu contar um grupo de Mc's somente mulheres aqui, em Sergipe, o *La Femina*, em 2010, (...) Isso, a gente formou o *La Femina* em cinco dias, em cinco dias nós já tínhamos música e evento pra tocar. E aí, essa necessidade de identificação foi o que acabou juntando dessa forma rápida, até hoje eu não entendo muito bem como formou, mas com certeza foi dessa necessidade, até porque as meninas sempre falavam depois: “ah, eu cantava num grupo que era homens, eu era a única mulher, geralmente eu era *backing vocal* (Mariah, *La Femina*, 2017).

Ao serem questionadas sobre as motivações relacionadas a tal composição, uma das integrantes explica que vislumbrou a possibilidade de existirem mulheres protagonizando e dialogando na cena hip-hop em Sergipe, também a partir da expressão de temas sociais, ao mesmo tempo trazendo tantas questões de gênero, a exemplo de discussões relacionadas à mulher na sociedade, no espaço da rua, quanto ao empoderamento, ao corpo, à raça e à classe.

Nessa perspectiva, o *La Femina*, assim como o Flor Marias também conviveu com reações negativas ao dar início a sua trajetória. Porém tal situação não se deu por parte da família, mas pelas atitudes de outros integrantes que passaram a vê-las como uma ameaça em relação as suas aparições dentro da cena.

A gente começou a entender os embates logo nas primeiras apresentações, porque, até tinham homens que fizeram com que a nossa caminhada desse o primeiro passo, mas em contrapartida, esses homens queriam protagonizar o nosso grupo, eles queriam tomar conta do nosso grupo, enfim, se apropriar daquilo que era nosso, e quando a gente não aceitou esse tipo de apropriação, a gente começou a entender que esses homens estavam se articulando para ir contra a gente. Então eles começaram a se articular de uma forma diferente, e aí a gente entendeu que aquilo estava sendo embate de gênero dentro do hip hop por conta de ocupações de espaço. (Mariah, *La Femina*, 2017).

Na época da realização da pesquisa de campo, também foi possível constatar que o *La Femina* se encontrava com alguma regularidade. Porém, se comparado ao grupo anterior, tais encontros ocorriam com menos frequência, pois esses passavam a ser motivados quando existia uma agenda de apresentações. Os ensaios aconteciam sempre na casa de uma das integrantes. Aqui o objetivo do grupo é elaborado a partir de um interesse ligado a questão da visibilidade feminina, que é colocada no discurso das jovens como contraponto ao sucesso midiático.

Em tal caso, também se vê um grupo consciente da sua feminilidade, porém, tal leitura já se realiza sob a perspectiva das relações de gênero. No que diz respeito à produção musical, constato que esta é elaborada entre a dupla e sem quaisquer intervenções, o que faz com que essas sejam as principais responsáveis pelo resultado final de suas composições.

Suas letras abordam temas ligados à questão da inserção da mulher no hip-hop, elaborada a partir da representação de uma identidade e do argumento de que essas também podem construir um rap consciente, como podemos perceber na composição musical *Minas contra o sistema*:

*Minas contra o sistema
Esse é o lema nada pode nos parar
Minas de atitude mas não se ilude
Somos mulheres somos pretas de atitude
(...) Rimas progressivas, combativas, alucinantes.
é a mulher que manda rima no real instante
procurando nosso dom você pode não ver
mas eu vou te mostrar que tenho rima e proceder*

Imagem 5: Integrantes do grupo La Femina no ato contra Pec 241



Fonte: A autora

Com o desmembramento do La Femina em 2016, por uma decisão das próprias integrantes, *Negratcha* decidiu se juntar a sua filha e formar a dupla *Aninha e Negratcha Mc*. Assim, as duas têm atuado como vocalistas, compositoras e produtoras de uma composição feminina que, desde o seu surgimento, buscam tratar de temas ligados a questões raciais.

Não foi uma coisa forçada, foi uma coisa que ela viu que ela precisava falar algo pra sociedade, mas sozinha ela não conseguia, e eu como mãe e mulher sentei com ela, e

conversei, porque o rap é isso Ritmo Alternativo Protestante, o que é que você quer protestar? O que você quer falar? e a gente se juntou, por enquanto a gente tem falado muito sobre o racismo (Negratcha Mc, 2017)

Aqui, também foi possível compreender que tal configuração não possui um modelo ou ainda uma rotina rígida de ensaios, devido às atividades cotidianas desenvolvidas por *Negratcha*, relacionadas à profissão de cabelereira, ao trabalho doméstico, a faculdade e a maternidade que passa a ter uma maior atenção, dada o nascimento recente de mais uma integrante da família.

Além disso, tal junção também não pretende assumir um caráter profissional, estando mais associado às experiências momentâneas vivenciadas por mãe e filha. Assim, sua principal produção é representada pela música *Mercado Negro* que, ao ressaltar a violência contra a mulher negra, assim como a discriminação racial de um modo geral é construída a partir de uma leitura das integrantes, que se pauta no processo histórico da escravidão.

*Até quando vou sentir as dores do meu passado
quando escuto o barulho da corrente e cadeado
e saber que o meu corpo era marcado
outras pretas escravizadas tinha o corpo violado
Um século depois de toda essa agressão
o meu corpo ainda luta contra a discriminação
arco íris foi criado para criar uma só cor
parda, moreninha e o negro onde ficou¹⁸?*

Imagem 6: Dupla Aninha e Negratcha MC no Festival de Cultura Negra



Fonte: Página no facebook ¹⁹

¹⁸ Letra retirada do youtube <https://www.youtube.com/watch?v=Kt1yi49hE5s>. Acesso em: Jun. 2018

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2133714106849085&set=t.10006315486715&type=3&theater> Acesso em : Jun. 2018.

No que se refere ao elemento do grafite, a *crew* que se autodenomina de Arteiras, também se configura como mais um grupo presente no cenário Aracajuano, composto só por mulheres. Segundo uma de suas criadoras, o coletivo surgiu em Aracaju de forma independente entre os anos de 2010 a 2011, a partir da iniciativa das amigas Deza, Buga e Taci, que tinham o intuito de colorir e dar vida as ruas da cidade a partir da propagação, não só da arte do grafite, mas também das práticas da pichação, do lambe-lambe, do estêncil e do sticker.

Imagem 7: Integrantes do grupo Arteiras Crew no evento “Sopa de letras”



Fonte : A própria autora

No decorrer de sua trajetória, as mudanças na composição deste grupo também ocorreram. Devido aos afastamentos momentâneos e definitivos das grafiteiras Buga e Taci, o coletivo passou cada vez mais a assumir uma política de incentivo à participação feminina como critério de entrada de novas integrantes. Assim, o que era composto por um número restrito de mulheres, atualmente assume uma composição que tomou uma maior proporção dada à diversidade de jovens que se sentem representadas pela *crew* e que estão presentes dentro e fora do estado a exemplo de São Paulo, Rio Grande do Sul, Recife, Paraíba, Minas Gerais e Pará. Neste sentido, dada a sua nova realidade a interação entre as jovens passa a ser feita de forma primordial, através das redes sociais.

O que motiva é isso mesmo, é o poder feminino, o empoderamento, através dos grupos do *whatsapp* e do *facebook* a gente está se encontrando, eventos, somos amigas, e a gente tem ideia que a gente é uma família, a gente tá pra se ajudar, pra se fortalecer, trocar experiências (...) Mas com a gente assim é super de boa, uma ajudando a outra a crescer, eu mesmo o pouco que eu sei eu passo, coisa que nunca ninguém fez comigo, por isso que eu faço com as meninas que estão começando, ajudo mesmo. (Andreza, Arteiras Crew, 2017).

Ao acompanhar uma das atividades promovidas pela junção de grupos de grafite em Aracaju em que algumas das jovens também se fizeram presentes, podemos afirmar que tal agrupamento assume uma rotina de atuação, que se dá com alguma regularidade aos finais de semana quando essas estão mais livres no que se refere ao trabalho e aos estudos.

Nessa perspectiva, tanto as práticas de grafite quanto aquelas que são mais ligadas à pichação, também possuem um modelo que muitas vezes diz respeito ao estilo da intervenção que deve ser impressa nos muros e que passa a ser combinada entre as integrantes, antes de suas atuações.

Tal produção visual por ser feita de forma coletiva, ainda se dá geralmente através criação de personagens que assumem características femininas, ou a partir das letras e *tags* que são utilizadas como uma forma de demarcação do grupo, no território amplo que envolve ruas, praças, muros, viadutos e outros elementos que são presentes na grande Aracaju.

Quando eu comecei, eu comecei fazendo personagens, meu personagem não tinha mão, não tinha pé (...). Eu botava a mão dela, tipo, no bolso, no pé eu não fazia por questões de dificuldades mesmo, fazia o corpo, uma roupinha, o rostinho dela assim bem *barbie*, só que eu via que eu precisava de uma identidade, ou criar um persona meu, ou criar uma letra minha, e como eu já sabia desenhar, e eu tinha muita dificuldade pra fazer letra, no início, eu não sabia por onde começar, (risos) (Andreza, *Arteiras Crew*, 2017).

Imagem 8: Grafite produzido na Orla de Atalaia em Aracaju



Fonte: Perfil do facebook do grupo Arteiras Crew²⁰

Imagem 9: Alerquina Galerosa



Fonte: Perfil do facebook do grupo Arteiras Crew²¹

Ao refletir sobre as formas de participação feminina, a partir das configurações apresentadas até o momento, entendo que Aracaju possui uma presença significativa de mulheres que atuam no hip-hop. Tal presença ainda tem sido acompanhada de um crescimento cada vez maior, se tomarmos ainda as jovens que assistem enquanto expectadoras aos eventos e atividades ou ainda a formação de novos grupos.

Nesse sentido, considero a existência de dois *booms* em relação a essa participação ativa de mulheres. Um primeiro, relacionado aos anos de 2009, 2010 e 2011 como acompanhamos nos relatos anteriores. Por sua vez, um segundo mais recente iniciado em 2015, que acredito ainda ser fortemente motivado pelo contexto de emergência de formas de militância feminista presente no cenário contemporâneo brasileiro, mas que tem alcançado visibilidade em Sergipe, a partir da ampliação das auto-organizações e do *cyber ativismo* (SOUZA, 2017, p. 65).

Assim, como um exemplo, posso citar a formação do grupo *Flow Minas* considerada a primeira *crew* de *break girls* de Sergipe composta por seis integrantes, abrangendo ainda, jovens da cidade de Salvador. Não diferente dos outros contextos evidenciados, o grupo surge a partir da necessidade de diálogo entre as mulheres, que estão inseridas de forma direta com

²¹ Disponível em : <
<https://www.facebook.com/arteirasgraff/photos/a.2012808885415075/2022626774433286/?type=3&theater>
 > Acesso Jun.2018

as práticas artísticas da dança de rua. Porém, segundo uma de suas principais representantes, essa não foi a primeira tentativa de fundação do grupo.

A Flow Minas foi a minha quarta tentativa de fazer uma crew só de mulheres, só de b-girls, e uma crio chamada Lady's break que não deu certo, ai tentei mais umas duas ou três vezes, e também não deu certo, e já tem, vai fazer um ano, agora em janeiro que eu estou na Flow Minas. (Diana, Flow Minas, 2017).

Por motivos ligados à falta de interesse, as questões de assédio sexual e disciplina, bem como a existência de uma visão deturpada da dança, encarada como algo lúdico, pelas iniciantes. Diana aponta que essas foram as principais dificuldades que fizeram com que tal iniciativa, não tivesse alcançado uma progressão anterior.

Ao acompanhar o surgimento e as principais atuações dessa nova configuração, também afirmo que em sua trajetória o grupo apresentou mudanças no que se refere à saída e a entrada de novas integrantes. Neste sentido, aqui acredito existir a presença de critérios baseados em duas atitudes esperadas pelo grupo. Uma primeira, ligada tanto à disciplina quanto aos ensaios marcados. Uma segunda, mais relacionada às questões ideológicas, já que o grupo busca uma atuação feminista, o que traz divergências em relação às regras e atitudes tomadas de forma rotineira pela organização.

Meu objetivo dentro da Flow Minas sempre foi um, é o que digo para minhas companheiras, minhas amigas, que o nosso objetivo principal, fundamental é, ocupar todos os espaços que a gente conseguir, que são ocupados por homens e disseminar a cultura entre as mulheres. (Diana, Flow Minas, 2017).

Os treinos do *Flow Minas* acontecem de forma frequente durante a semana, já que boa parte das integrantes têm estado fora do mercado de trabalho e não se encontram estudando. Para, além disso, suas principais agendas de apresentações ocorrem aos finais de semana, o que faz com que as jovens optem por ensaiar as coreografias anteriormente. Esses treinos acontecem em espaços públicos a exemplo das praças localizadas no município de Nossa Senhora do Socorro, ou ainda embaixo da ponte que liga Aracaju ao município de Barra dos Coqueiros, localizada no bairro industrial.

No que se refere à produção das coreografias, *o break* tem sido reconhecido como um dos elementos do Hip-Hop, onde a atuação é dada a partir de movimentos vigorosos que exigem força e resistência. E é por esse motivo, que tem sido associado a um estilo

predominantemente masculino. Neste sentido, as jovens também se submetem a testes rigorosos, o que se configura como motivação do grupo que opta por produzir coreografias e se apresentar coletivamente.

Imagem 10: Crew Flow Minas na Semana de Luta contra a violência à mulher



Fonte: Página do Sindicato dos trabalhadores técnicos administrativos em educação- UFS²²

3.2. O QUINTO ELEMENTO: A CONSCIÊNCIA POLITICA E AS REDES SOCIAIS

Ao tratar sobre as diferentes formas de atuação feminina presentes no cenário Hip-Hop na grande Aracaju, entendo que existe uma articulação entre o uso das expressões artísticas e a organização política dos grupos, que tem sido fortemente mediada pela ideia de movimento social. Assim, a consciência política tem sido presente quando tais integrantes percebem a presença feminina no cenário dessa cultura urbana de forma minoritária, bem como vivenciam situações de restrições impostas as suas participações. Isso faz com que as temáticas de gênero passem a assumir uma conotação central, se tornando também um conteúdo político nas ações destes grupos.

Assim, outro sentido dado a essas atuações femininas tem se configurado para além dos elementos artísticos e tem estado mais associado às redes estabelecidas com mulheres de outros estados. Por sua vez, a reprodução de núcleos ligados a organizações nacionais

²²

Disponível em <<https://www.facebook.com/sintufs/photos/a.680507315472748/680510668805746/?type=3&theater>> Acesso Jun.2018.

importantes e, mais recentemente, ao uso das redes sociais, mostra aproximações com a bandeira política do feminismo.

Atualmente, Sergipe conta com a presença de duas frentes que se referem a organizações nas quais tem buscado representar, em unanimidade, as mulheres do Hip-Hop no cenário nacional. Assim, uma pesquisa realizada no intuito de tomar conhecimento sobre a história dessas organizações, coloca em um entendimento de que essas surgem inicialmente a partir de encontros de integrantes de vários estados, que buscavam se conhecer dentro do contexto desta cultura urbana e atualmente assumem um objetivo mais ligado ao interesse de demandas construídas em torno da participação de mulheres inseridas no Hip-Hop, não apenas no contexto nacional, mas também em alguns países.

O início para que Sergipe pudesse contar com um núcleo da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop – FNMH², foi dado quando as integrantes do grupo *La Femina* participaram do I Fórum de Mulheres no Hip Hop, realizado na cidade de Carapicuíba em São Paulo no ano de 2010 e, desde então, passaram a se inserir de forma incisiva nas decisões construídas no entorno dessa importante organização, principalmente após a concessão de um cargo diretivo assumido pela jovem Mariah, dentro da frente nacional.

Neste sentido, em 2012, ao elaborar a necessidade de diálogo com as mulheres presentes no cenário Aracajuano, que a partir de então já ultrapassava o número de simpatizantes, passando de uma tímida presença a uma participação mais ativa dada a quantidade de grupos restritamente femininos que aos poucos foram se formando, tal núcleo inicia as discussões que envolvem de um modo particular, as demandas das mulheres em tal contexto. Porém, apesar da sua presença, as atividades iniciais dessa organização perduraram por pouco tempo dado o cenário de conflitos iniciado pelas militantes que possuíam opiniões diferentes quanto aos direcionamentos tomados pela organização e, portanto, não conseguiram levar tal objetivo adiante.

Em 2015, já imersa nas questões que envolviam o cenário Hip-Hop feminino em Aracaju, fui convidada a participar da retomada de tal organização por algumas das integrantes envolvidas. Essas elaboravam o objetivo da frente a partir de um discurso que se pautava em unificar, fortalecer e inserir cada vez mais a participação feminina em Sergipe a partir da retomada, bem como da discussão de novas demandas que surgiam naquele momento porém, com vistas também para a execução de atividades de politização direta, que assumiram vários direcionamentos a exemplo da promoção de eventos itinerantes em bairros

da cidade, bem como da ministração de palestras educativas em escolas públicas. Entretanto, mesmo presente e na tentativa de retomar suas atividades aos poucos, ficou notável que essa organização representava apenas uma pequena parcela das jovens ligadas ao Hip-Hop na grande Aracaju.

Outro objetivo que chamava atenção por ser considerado significativo para as jovens naquele momento, estava ligado à preocupação constante sobre o gerenciamento da página criada no *Facebook*, que tinha o intuito de servir como fonte de divulgação das atividades realizadas, além de um instrumento de posicionamentos da FNMH²-SE em relação às questões imersas no universo Hip-Hop, de uma forma geral. Tal preocupação, dava margem para longas conversas no grupo criado através do *Whatsapp*, a respeito dos direcionamentos tomados pelas integrantes ou ainda dos conteúdos a serem postados no entorno das pautas, discutidas diariamente.

Após novos conflitos e afastamentos, por parte da maioria das jovens ao longo desses últimos dois anos em que estive envolvida no trabalho de campo, notei que a frente tem desenvolvido de forma mínima, suas atuações. Assim, tal articulação política tem se validado a partir de posicionamentos constantes, ligados aos acontecimentos relacionados ao universo feminino no Hip-Hop, a exemplo dos casos de violência contra a mulher, bem como a partir da construção de reuniões, organizadas com o objetivo de mobilizar jovens interessadas em participar dos encontros promovidos pela nacional, fora do estado.

Paralela à construção do núcleo ligado a FNMH², outra organização que tem ganhado legitimidade enquanto representação feminina dentro do universo Hip-Hop, olhando ainda para o contexto das posses existentes a nível nacional é a Nação Mulher. Desde 2015, várias ações de cunho político vêm sendo produzidas em nome de tal organização, como o coletivo interno ligado a Nação Hip-Hop/SE.

Em Sergipe, Ariane Passos considerada sua única representante naquele momento, ao pensar novas formas de atuação com vistas para a politização do público Hip-Hop, tem buscado promover de lá para cá, diversos eventos e atividades que assumiram configurações diferentes a partir do debate de temas sensíveis, ligados às questões de gênero e feminismo. Nesta perspectiva, o coletivo Nação Mulher, tem contado atualmente com novas integrantes que ao afiliar-se a posse Nação Hip-Hop, também passam a integrar tal configuração. Porém, mesmo com a afiliação a posse seu quadro é restrito, tendo em vista que para compor tal coletivo a afiliação a posse não é uma regra.

Atualmente, tenho acompanhado um crescimento significativo do uso de metodologias qualitativas, nos estudos de fenômenos culturais específicos, a partir da internet. Em geral, pesquisas evidenciam que a internet pode ser tomada enquanto um objeto, mas igualmente também como instrumento de coleta de informações. Em outros casos, tal universo possibilita ainda uma observação múltipla, que pode ser desenvolvida a partir da obtenção de informações acerca da realidade fora do espaço virtual, mas paralela a uma recolha organizada também online.

Simões (2012), ao considerar o Hip-Hop enquanto movimento juvenil, contemporâneo e em constante transformação, tendo em vista a versão sobre o imaginário no qual este é fabricado e comercializado a partir da globalização e dos interstícios da indústria cultural, evidencia aspectos do seu primeiro contato com as práticas culturais que envolvem este universo. Neste sentido, foi através dos eventos observados, da relação com os produtos que adquiriu e das conversas que teve com pessoas ligadas ao Hip-Hop, que o autor elenca a experiência online como crucial e inseparável da rua.

Do ponto de vista metodológico, Simões (2012), procurou tirar partido da interdependência entre os dois contextos que acabou por definir uma estratégia de observação, que se desdobrou online e off-line. Em termos genéricos, a estratégia off-line se estruturou em torno de locais determinados, onde se observou o desenvolvimento de atividades práticas também determinadas. Por outro lado, o itinerário estabelecido em rede possibilitou identificar o modo como se estabeleciam as relações entre os interessados nas mesmas práticas.

Há alguns anos, ao iniciar as minhas primeiras aproximações com o Hip-Hop, movida pela curiosidade de entendimento das práticas políticas e culturais presentes na grande Aracaju, especificamente atrelada a uma das associações atuantes, mas já com um interesse na participação feminina, relatei uma situação ocorrida no primeiro evento observado por mim, em que uma situação no mínimo curiosa me chamou atenção.

O evento se referiu à última edição do *Battle for Life* e chamou atenção pelo fato particular, relacionado a um conflito entre o produtor e uma *break girl* do estado de Alagoas ainda no alojamento, mas que posteriormente foi socializado nas redes sociais, especificamente na página de divulgação do mesmo, visto que houve um posicionamento da

integrante que colocou em questão, o impedimento da sua participação em uma das modalidades.

Esta situação abriu uma discussão sem precedentes, entre ambos os participantes, onde os posicionamentos foram centrais para um entendimento de como as relações de gênero são construídas neste universo, sobretudo em como são estruturados os discursos que servem de manutenção das desigualdades de participação feminina. Para, além disso, ainda foi possível refletir se tal situação também era recorrente no rap e no grafite e se confirmada, me questionava sobre quais seriam as estratégias utilizadas politicamente pelas integrantes, para garantia de um espaço de atuação dentro dos mesmos.

Foi a partir destas primeiras incursões, que as redes sociais passaram a adquirir um lugar central no que se referem as minhas observações de campo, principalmente sobre novos conflitos, sendo fundamental também no processo de localização das mulheres que integravam o Hip-Hop em Aracaju. Apesar de inicialmente esse espaço ter sido de pouca relevância no que concerne a recolha dessas informações, no decorrer da pesquisa as redes sociais assumiram um novo contorno, dado o elemento do feminismo, que trouxe mudanças na forma de atuação dessas jovens atualmente.

Neste sentido, ao considerar o contexto de identificação desta bandeira de luta política, iniciado nos três últimos anos, o que anteriormente era um espaço mais ligado à socialização de atividades rotineiras em que o Hip-Hop era notável enquanto um elemento integrado a vida pessoal, ou seja: enquanto era um estilo de vida, passou a ser um espaço central em que principalmente os posicionamentos, as denúncias e a divulgação dos eventos e atividades construídas sobre tal perspectiva, se tornaram marcantes.

Entendo assim que, o feminismo enquanto um instrumento político, propiciou um olhar e um entendimento das integrantes, para as opressões vivenciadas no entorno da subordinação de gênero, especificamente no que concerne aos recortes de classe e raça. Por outro lado, a socialização dessas experiências acabou por se configurar em novas formas de atuação em um cenário off-line, mas que também está presente virtualmente.

Mas tal contexto não é específico das jovens ligadas ao Hip-Hop. Souza (2017), ao apontar para a emergência de formas de militância feminista no cenário contemporâneo brasileiro a partir das chamadas manifestações de junho de 2013, ainda chama atenção para o

contexto de ampliação das auto-organizações e do cyber ativismo, especificamente no caso de Aracaju.

Segundo a autora, a partir de 2012, quando houve alguns eventos influenciados por protestos internacionais e em outros estados brasileiros, como a Marcha das Vadias e a marcha unificada dos “08 de Março”, algumas jovens militantes sentiram-se motivadas a se organizar também localmente. E a partir daí, surgem os primeiros protestos e as auto-organizações.

No que concerne ao cyber ativismo Souza (2017), também traz considerações importantes a partir do contexto de atuação dos coletivos feministas em Aracaju, quando enfatiza este enquanto um espaço de debates, de protestos, de reivindicações e de denúncias públicas, onde as redes sociais e outros sites de comunicação da internet têm sido utilizados de forma frequente, servem como instrumento político de contraponto das feministas aos discursos dominantes acerca do comportamento, dos papéis estabelecidos e aceitos socialmente para o gênero feminino. E é neste meio, que as diferentes formas de participação política, a exemplo dos diversos tipos de denúncias e as análises das relações de gênero, também ganham uma notoriedade através de vários suportes como textos, vídeos, anedotas etc.

Assim, para além das formas de atuação política anteriormente citadas, como a composição de grupos especificamente femininos, as redes estabelecidas com outras mulheres fora do estado, à criação de núcleos específicos ou coletivos dentro das posses, as denúncias nas redes sociais relacionadas aos casos de violência contra as mulheres, dentro do universo Hip-Hop atualmente, também demarcam outra forma de atuação dessas integrantes.

Deste modo, uma denúncia veiculada sobre o caso de uma MC no ano de 2017, que na volta de um evento realizado no bairro Santa Maria foi agredida dentro do ônibus, após um conflito desencadeado com outro integrante naquele momento. Outro caso mais emblemático, ligado a uma *breaker girl* que, após uma agressão física sofrida enquanto atuava em uma roda de *break*, em um evento ocorrido no município de Pirambu/SE no ano de 2016, relatou a situação em seu perfil pessoal do *Facebook*, expondo o agressor e colocando a tona a questão do machismo como elemento que tem sido presente nas relações de gênero, que envolve o universo Hip-Hop.

Esses fatos repercutiram nas redes sociais e, no último caso, ainda foi possível perceber os comentários sobre a notícia nas mais variadas páginas de divulgação relacionadas ao universo Hip-Hop, principalmente aos grupos e associações nacionais, que a todo o momento postavam seus posicionamentos sobre ocorrido.

3.3. EVENTOS DAS MINAS

Para além das análises no espaço virtual, as práticas políticas construídas em torno das redes sociais ainda possibilitaram um acompanhamento extenso de atuações, que foram divulgadas ao longo desses dois anos por tais integrantes e que passaram também a ser acompanhadas por mim, no universo off-line. Essas assumem três sentidos diferentes: a) eventos e atividades protagonizadas pelos grupos femininos acompanhados; b) eventos protagonizados por grupos ligados aos coletivos feministas da cidade e c) eventos organizados por grupos ligados ao universo Hip-Hop.

Tabela 2- Eventos e atividades realizadas por Mulheres do Hip Hop-SE

Título	Organização/ Grupos	Data
Rima D` Mina	Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop –SE	26/02/2016
II Sarau das Flores	Coletivo Nação Mulher	28/02/2016
I Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop em Sergipe	Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop- SE	27/08/2016
Mulheres de Luta	Coletivo Nação Mulher	12/112016
Dance quebrada	Coletivo Nação Mulher	19/09/2017

Fonte: A autora

Assim, considerando o contexto marcado pela militância em que tal cultura urbana se manifesta na grande Aracaju, caracterizada pela presença das associações que fazem do uso dos elementos artísticos na rua, palco central de suas atividades de entretenimento, politização e tendo como público alvo outros jovens, as ações das mulheres no espaço off-line não fogem a esta configuração. Porém as mesmas apresentam características diferenciadas, já que são construídas a partir do olhar em torno das experiências de gênero, mas que também passam a

ser significativas no que se refere à inserção de novas práticas na configuração de suas atuações, proporcionadas pelo atual contexto de aproximação com o feminismo.

Neste sentido, ao refletir sobre o quadro considerável de eventos e atividades construídas, posso elencar seis das atuações protagonizadas pelas jovens que nos chamaram atenção, dado os sentidos específicos de suas abordagens políticas, bem como a periodicidade em que essas costumavam ocorrer.

Era sexta-feira 23/02/2016 às 17h30min, quando após um dia corrido e cheio de responsabilidades relativas ao meu emprego de professora de Sociologia, em uma escola privada na grande Aracaju, me desloquei até a praça da juventude, localizada no conjunto Marcos Freire II, município de Nossa Senhora do Socorro para participação do evento “Rima D’ Mina”. Assim, a ida a tal evento me interessou pelo fato deste ser considerado o primeiro que marcara a volta das atividades desenvolvidas pelo núcleo da Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop, que desde 2013 estava com suas atuações paradas.

Nesta perspectiva, para além da minha aproximação ainda naquele momento, junto ao grupo enquanto militante em favor da participação feminina no movimento Hip-Hop, na qual me deixava a par dos mínimos detalhes de sua construção, ainda criei um entendimento de que o evento também assumia grande importância para as mesmas, tendo em vista que tal junção alimentava uma expectativa relacionada à retomada das atividades do núcleo e as demandas referentes à participação de mulheres no Hip-Hop, que a partir de então passariam a ser ouvidas e enfrentadas coletivamente.

O evento assumia, em sua estrutura, a proposta de um circuito previsto para ocorrer mensalmente nas periferias dos bairros e, apesar de ser um consenso para as jovens que tais atuações fossem construídas em favor de uma proposta feminista, tal evento não se apresentou acompanhado do slogan político do feminismo, já que as integrantes buscavam para além de uma rerepresentação do núcleo, o diálogo com as mulheres da comunidade, bem como atrair a presença dos homens como um público alvo que, no discurso elaborado pelas jovens, precisava ser sensibilizado em relação às questões sociais de gênero.

Tal atitude revela um modo estratégico da organização, que se relaciona ao recrutamento das mulheres, bem como ao não embate com os homens do movimento no que se refere à discussão das pautas de interesse das jovens. O evento contou com a apresentação de três elementos artísticos que, embora distintos, possuem aproximações por se tratarem de

expressões orais que buscam a improvisação. Assim, os shows de rap, a poesia e o cordel foram apresentados por militantes envolvidas na cena cultural da grande Aracaju.

Ao observar essa atuação específica, ainda posso tecer algumas reflexões que considero importantes para o entendimento do sentido atribuído pelas jovens mulheres no entorno deste evento, a exemplo da divisão de responsabilidades assumidas pelas integrantes, bem como o grau de aproximação existente entre as convidadas que compuseram a programação do mesmo, ou ainda as questões pertinentes à infraestrutura, que demonstraram umas das principais dificuldades enfrentadas pela organização, no que se refere à manutenção de suas práticas políticas.

Outro dado observado se referiu ao pequeno número de integrantes que o assistiam na plateia, o que justifica um esvaziamento do evento pelo fato deste ser construído durante a semana e também por ser organizado por mulheres, o que denota uma sensação de menosprezo, principalmente do público masculino, imerso neste universo às ações construídas pelas jovens.

Imagem 11: Integrantes da FNMH² e convidadas no evento Rima D'Mina.



Fonte: Página da Frente de Mulheres do Hip Hop em Sergipe²³

²³

Disponível em : <
<https://www.facebook.com/mulheresdohiphopdesergipe/photos/a.910995245657860/969952499762134/?type=3&theater> > Acesso em: Jun.2018.

Paralela a tal atuação e durante o final de semana, a praça da Juventude contou com mais uma edição do circuito Sarau das Flores. Aqui a motivação a observação assumia a sua importância, dada à insistência do coletivo em promover práticas políticas de sensibilização a temas ligados às desigualdades de gênero. Como a programação do evento anterior, tal atividade promovida pela Nação Mulher, também assumia uma preocupação referente ao estabelecimento de um diálogo com as mulheres da comunidade, mas também buscava atenção do público jovem masculino.

Além do Sarau que se deu a partir da apresentação de grupos de rap, reggae e MPB, como sempre tem sido constante nas atividades promovidas pela Nação Hip Hop-SE, o objetivo do coletivo Nação Mulher buscou levar o conhecimento político a partir do tema “Levante-se contra o Machismo: Somos Marias”, dialogado a partir de uma intervenção teatral e poética.

Segundo as produtoras do Sarau das Flores, tanto a intervenção teatral quanto a poesia tem sido justificada em suas atuações, com o objetivo de fazer com que o público assistido compreenda mais facilmente o que está sendo abordado, o que demonstra a estratégia política do coletivo em promover entretenimento atrelado à conscientização social, bem como a construção de uma pedagogia no modo de abordar as suas práticas políticas.

Ainda posso afirmar que nem todos os eventos promovidos pelos núcleos femininos em Aracaju, têm sido pensados com o objetivo de atingir um público externo expressivo. Em alguns momentos essas organizações promovem atividades internas, com vistas para a politização das próprias integrantes.

Em 2016, participei do I Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop em Sergipe que tinha enquanto proposta, servir de vivência as experiências femininas em prol de um fortalecimento do movimento. Tal estrutura foi organizada a partir de uma programação, que perdurou por todo um sábado e contou com apresentação de mesas redondas, cuja proposta incluiu o tema da participação de mulheres no movimento Hip-Hop, além de oficinas artísticas.

Imagem 12 e 13: Integrantes da FNMH² e participantes do Fórum

Fonte A Autora

O fórum foi realizado na Escola Municipal Doutor Carvalho Neto, localizada no centro de Aracaju como espaço negociado pelas integrantes junto à direção da escola, que já mantinham uma relação tendo em vista, outras atividades pedagógicas desenvolvidas pela Frente Nacional junto a escolas públicas.

Diante das atividades realizadas pelo núcleo da FNMH2-SE e do Coletivo Nação Mulher, há ainda um fato que tem chamado à atenção, que é a questão dos temas propostos serem discutidos por mulheres não inseridas no universo Hip-Hop. Neste sentido, ao mesmo tempo em que tais convites são feitos voluntariamente pelas integrantes dessas organizações, constantemente percebi a existência de um incômodo, quando as jovens ligadas aos coletivos feministas em meio ao compartilhamento das experiências sobre a subordinação de gênero, constroem uma autoafirmação identitária como justificativa de tal sofrimento.

O Mulheres de Luta, tem sido um exemplo expressivo dessa relação estabelecida com mulheres de outros coletivos. O evento vem sendo construído desde 2016 pelo coletivo Nação Mulher. Aqui acredito que a chegada de novas integrantes no coletivo proporcionou o conhecimento do feminismo enquanto prática política, que por sua vez trouxe aproximações com coletivos feministas da cidade. Em contrapartida, tal evento tem sido organizado numa tentativa de busca por visibilidade e reconhecimento das jovens ligadas ao Hip-Hop, enquanto sujeitos coletivos.

Ao acompanhar a divulgação de suas edições, através das chamadas construídas nas redes sociais, as integrantes do coletivo Nação Mulher costumam trazer uma apresentação do evento, que passa a ser elaborado a partir da discussão de pautas ligadas ao feminismo dentro das periferias. Neste sentido, tais edições ocorrem ainda aos finais de semana embaixo da ponte Aracaju/Barra. Ao iniciar a programação, as jovens apresentam o coletivo acompanhado de justificativas a respeito do tema, bem como do local escolhido para tal atuação, o que muitas vezes surge como elemento central para os discursos identitários utilizados como uma forma de provocar certos tensionamentos às convidadas.

Imagem 14: Roda de poesia realizada durante o evento Mulheres de Luta



Fonte: Página online do Coletivo Nação Mulher-SE²⁴

²⁴ Disponível em < https://www.facebook.com/pg/mulheresdohiphopSE/photos/?ref=page_internal > Acesso Jun.2018.

Imagem 15: Roda de conversa realizada por integrantes de coletivos feministas



Fonte : Página do coletivo Nação Mulher²⁵

Imagem 16: Apresentação do grupo Guerrilheiras na 3ª edição das Mulheres de Luta



Fonte: Página oficial do coletivo Nação Mulher-SE

²⁵ Disponível em < https://www.facebook.com/pg/mulheresdohiphopSE/photos/?ref=page_internal >
Acesso Jun. 2018.

Tabela 3: Participação em eventos e atividades promovidas por coletivos feministas

Nome	Organização/ Grupo Envolvido	Data
2º Baile das Bruxas	Coletivo de Mulheres de Aracaju / La Femina	26/11/2016
Minas no Front	As Guerrilheiras/ Flor Marias, La Femina e Flow Minas Crew.	18/03/2017

Fonte: A autora.

Ao tecer análises sobre os elementos constitutivos da relação existente entre as militantes expoentes, tomando como observação ainda os eventos promovidos pelos grupos ligados aos coletivos feministas em que as jovens inseridas no Hip-Hop estão presentes enquanto convidadas, entendi que tais tensionamentos discursivos desaparecem. Porém, o incômodo parece estar mais associado ao local de ocorrência desses eventos construídos fora do território de atuação das jovens do Hip-Hop, ou ainda parece se referir ao comportamento do público assistido que constantemente faz do uso de bebidas alcoólicas, bem como das substâncias ilícitas uma forma de recreação, o que vai de encontro às pautas antidrogas defendidas muitas vezes pelos integrantes ligados ao universo desta cultura urbana.

Assim, posso citar dois exemplos de eventos analisados em que tal situação ocorreu de maneira explícita, provocando reações por parte das integrantes ligadas aos grupos femininos analisados. A primeira delas se deu no evento intitulado “2º Baile das bruxas-nenhuma a menos”, ocorrido no ano de 2016 em uma sexta-feira, na véspera do feriado que marcava historicamente a Proclamação da República, embaixo do viaduto Jornalista Carvalho Deda, localizado no distrito industrial de Aracaju (DIA).

Tal evento surgiu a partir de uma construção por parte de coletivos, partidos políticos de esquerda, bem como de frentes compostas por mulheres feministas, que memoravam a data que marcara o Dia Internacional da não-violência contra a mulher, no *1º Encontro Feminista da América Latina e Caribe* realizado na cidade de Bogotá, no ano de 1891.

Ao chegar ao local, fui surpreendida ao perceber que boa parte do público feminino presente se utilizava de um modo de vestimenta que se relacionava com a identificação de suas organizações, o que foi possível confirmar a partir dos discursos elaborados no início do evento. Após algumas apresentações, percebi a chegada das integrantes do *La Femina*, porém, essas se mantiveram a todo o momento distanciadas das interações que ocorriam ao meio do viaduto, inclusive tal interação mínima somente ocorreu com as organizadoras, nos momentos que antecederam suas apresentações.

Durante o evento *Minas no Front* realizado em 2017, considerado o marco da junção feita entre essas mulheres foi possível constatar que a percepção sobre essa relação estabelecida se deu de forma mais comunicativa devido ao contexto de formação de grupos de rap, que passaram a surgir no referido ano também por parte das mulheres integrantes da classe média universitária.

O resultado de tal relação, trouxe à construção de práticas políticas onde as experiências entre essas jovens ficaram em evidência, a exemplo dos ensaios realizados de modo mais íntimo nas residências das mesmas, no intuito de se ter um preparo para as batalhas de rima que costumam ocorrer no universo Hip-Hop da grande Aracaju, na gravação das chamadas *cyphers* ou ainda na promoção de eventos que buscaram reunir mulheres MC's do estado.

Imagem17- Mulheres reunidas para gravação da Cypher “Conto do Vigário”



Fonte: Página criada no facebook para divulgação do lançamento²⁶

²⁶ Disponível em < https://www.facebook.com/events/396759704024929/?active_tab=discussion> Acesso Jun.2018

Nesta perspectiva, ainda foi interessante notar durante a realização do *Minas no Front*, a participação de boa parte dos grupos de rap feminino que se encontravam atuantes na grande Aracaju, mas também um esforço por parte das organizadoras do grupo *Guerrilheiras*, que nos seus modos políticos de articulação e com o apoio das jovens do Hip-Hop, trouxe grupos de fora do estado como o “*Poder Feminino Crew*”, composto por mulheres MC’S de Pernambuco e o *Rap Plus Size* de São Paulo, composto pelas rappers Sara Donato e Isa Paz, mulheres consideradas de grande prestígio na cena do rap nacional.

O evento foi realizado em São Cristóvão, em um local recentemente ocupado pelo movimento estudantil universitário localizado no bairro Rosa Elze, por ser situado em uma comunidade periférica, parece não ter trazidos os incômodos esperados pelas jovens. Porém esses se tornaram evidentes em alguns momentos em que o público acadêmico presente, fazia do consumo de drogas ilícitas uma forma de recreação, o que provocou um afastamento físico por parte de um grupo que preferiu ficar do lado de fora esperando a apresentação das maiores atrações, bem como do seu momento de atuação.

Tabela 4: Participação em eventos organizados por grupos ligados ao universo Hip Hop

Nome	Organização/ Grupos participantes	Data
3º Salve Favelas	Conexão Lamarão/ La Femina	15/09/2016
Sarau da quebrada	Coletivo Entre Becos / La Femina e Flow Minas Crew	22/07/2017
1º Sopa de Letras	Arteiras Crew	07/01/2018
4º Encontro de quebradas	Coletivo Boca Secas/ Negratcha e Aninha MC	27/01/2018

Fonte : A autora

No rol dos protagonismos, bem como das participações relativas às jovens analisadas, ainda avaliei as relações estabelecidas em meio aos eventos e atividades construídas dentro do Hip Hop. Assim, entendi que quando se trata deste universo, tais construções tem sido ligadas

a grupos e coletivos que, em sua maioria, possuem uma composição masculina, já que tal cultura urbana por ser comumente associada à rua também tem sido construída pelos homens, que atualmente ainda se configuram como maioria.

Dessa forma, ao observar a participação feminina ao longo dos dois anos, entendo que embora exista uma presença significativa de mulheres no cenário Hip-Hop em Aracaju, nos eventos construídos pelos homens esses grupos quase não eram presentes, ou ainda: suas presenças pareciam denotar um valor menor, tendo em vista as expectativas do público masculino, construídas sobre as apresentações de outros grupos.

Nessa perspectiva, tais participações femininas eram justificadas devido ao fato das jovens fazerem parte da construção destas atividades enquanto organizadoras ou ainda motivadas pelo contexto de tensionamentos ligados ao feminismo que tem forçado os integrantes a pensar as questões das desigualdades de gênero dentro desse universo, especificamente no que se refere à inclusão mínima de grupos femininos na programação dos seus eventos.

Por outro lado, tal presença tem sido minoritária atualmente por não haver um interesse por parte das jovens que passaram a reelaborar o caráter dessas relações, entendendo que essas se dão de forma menos conflituosas quando construídas com outras mulheres, bem como a percepção de maior poder de decisão por parte desta configuração. Aqui ainda afirmo a presença de um comportamento seletivo por parte das jovens, no que diz respeito a esses convites, principalmente quando avaliam se o grupo promotor possui envolvimento relacionados a práticas machistas dentro do universo Hip-Hop da grande Aracaju.

Imagem 18: Debate sobre cultura do estupro no evento Salve Favelas



Fonte: Página da Frente Nacional de Mulheres do hip hop em Sergipe²⁷

Ao analisar o contexto das relações de gênero, no que se refere ao Hip-Hop na grande Aracaju, visualizei um cenário positivo, nas configurações que envolvem homens e mulheres a exemplo das posses ou, ainda, dos diversos grupos formados no intuito de socialização dos elementos. Por outro lado, em que os conflitos envolvendo denúncias e as exposições dos casos de violência contra as mulheres têm sido presentes, também busco entrevistar alguns membros para o entendimento de como os homens avaliam essas relações, bem como os discursos de gênero têm sido construídos. Assim como as mulheres, os jovens também foram selecionados em função da intensidade de suas participações no cenário Hip-Hop e, especificamente, nos elementos *rap*, *break* e grafite.

Ronicley tem 26 anos, é empresário de confecção e bordado na empresa Nordeste me Veste. Segundo Roni foi o contato com o *street dance* que lhe possibilitou o conhecimento do *break* de forma mais específica.

Eu lembro que eu conheci um pessoal do Bugio, num evento que rolou numa escola. Eu conheci, peguei o contato, comecei a ir para o treino deles e fui aprendendo. Hoje sou uma das representatividades do Estado. (Ronicley, Aracaju *Force Breakers*, 2017))

Assim, ao perceber a carência de atividades e eventos no estado, Roni passou a participar de forma mais efetiva na construção de eventos, tanto quanto divulgando a dança de

rua. Porém, da mesma forma como acontece na maioria dos casos envolvendo jovens que atuam no hip-hop, o jovem também enfrentou dificuldades advindas da família, o que lhe fez optar em viver o *break*, também enquanto um estilo de vida.

Na verdade, primeiro começou uma briga com a minha família para poder isso acontecer, porque meu pai sempre foi contra. Na opinião dele, esse tipo de dança era para quem não tinha o que fazer (risos) e primeiro foi essa briga. Essa briga dele me incentivou mais ainda, ao invés de me tirar da cena. Me incentivou mais ainda, porque eu vi que se meu pai era assim, outros pais poderiam ser assim também. E era o único caminho que eu tinha, porque todas as pessoas que andavam comigo, hoje uns estão presos, outros morreram, e eu continuei no *break* e estou aqui bem, firme e forte. (Ronicley, Aracaju *Force Breakers*, 2017)

Atualmente a atuação de Roni, tem se dado tanto na produção de eventos, quanto na participação dos mesmos fora do estado enquanto jurado e representante da *Crew Aracaju Force Breakers*, onde ele também se destaca enquanto liderança. No que diz respeito as diferenças de gênero no universo do *break*, Roni coloca que não vê diferenças entre a atuação de *b-boys* e *b-girls*.

Não, não, não. É justamente isso que eu sempre falo e sempre toco na tecla. No *break* eles são iguais, acho que tem que ser tratados iguais e deve haver respeito. Por exemplo, numa batalha de *break*, ali está dois seres humanos batalhando, não é um homem contra uma mulher, é dois seres humanos. *B-boy* contra *b-girl*, *b-girl* contra *b-boy*, *b-boy* contra *b-boy*, *b-girl* contra *b-girl*, uma batalha é isso. Numa *cypher* é a mesma coisa: não é porque é uma *b-girl* que eu vou bater palmas. A mesma coisa é *b-boy*, se ele fizer algo interessante eu vou bater palmas. Pra mim não diferencia não. Não é à toa que têm várias *b-girls* que eu digo assim: “se eu batalhar contra essa menina eu perco”, porque eu sei que ela é melhor que eu e muito. O que influencia é a força de vontade de cada um. (Ronicley, Aracaju *Force Breakers*, 2017)

Porém, ao tratar sobre as relações de conflito presentes no universo do *break* em Aracaju, o *b-boy* avalia como incômoda e coloca a relação das mulheres com o feminismo, como pivô dos conflitos que tem acontecido recentemente. Esse seria o principal motivo de dificuldade enfrentada com as mulheres no cenário do *break*.

Chata. Porque o que está acontecendo é vitimismo. [...] Era legal até vir essa parte de mulheres dizer que toma posição. Era legal e eu acho desnecessário essa briga toda. O movimento feminista veio, muitas brigam pelo real e eu bato palmas. Agora umas e outras brigam para se “aparecer”, ou seja: adotou algo como modismo. E

isso tá vindo para o movimento Hip-Hop, que na minha concepção é um movimento machista. Não só o *rap*, como o grafite, como o *b-boy*, o *break* e os *Dj's*. [...] é machista pois, quando vai ter evento, sempre se fala: “vai ter um evento de *b-boy*”, e nunca fala: “vai ter um evento de *b-boy* e *b-girl*” ou “vai ter um evento de *break*”. Isso é algo machista, e eu concordo que isso tem que acabar. Agora, nem por isso deve haver esse vitimismo todo, porque as mulheres, elas mesmas estão se rebaixando, se diminuindo. (Ronicley, Aracaju *Force Breakers*, 2017)

Johnny tem 24 anos é grafiteiro. Seu momento de descoberta nessa arte, se deu ainda quando criança a partir do gosto pelo desenho. Mas foi na escola, no período da adolescência, que ele conheceu o grafite especificamente.

Dois caras que sabiam que eu desenhava, chegaram com essa ideia e eu achei massa! Interessante! E no colégio, um rapaz era da organização de grafite e pichação, começou a conversar comigo sobre esse tipo de arte. Também revista de arte de pichação, com vários estilos de grafite, aquilo ali foi um estalo, “é isso aqui que eu quero fazer, grafite, pronto”! (Johny, 2017).

Johny optou em participar mais ativamente das atividades que envolvem o grafite, quando descobriu que para além de uma forma de expressão, o grafite tem seu lado crítico e educativo. Assim, sua atuação é dada no dia-a-dia a partir da pintura na rua, como instrumento de consciência social que pode levar a instrução e ao pensamento crítico à sociedade, bem como através da participação e organização de eventos.

Isso aconteceu em 2012, porque antes eu via o grafite como forma de expressão. Porque o grafite tem seu lado crítico, educativo, mas tem a questão artística, porque se eu for fazer um grafite sem arte e temática nenhuma, não vai deixar de ser arte, porque arte não se explica. Porém ele tem esse paradoxo. Não é só arte, mas também algo que possa despertar, reeducar, informar e instruir quem está passando por perto daquela obra, ou seja: não é uma arte por arte, mas sim algo comunicativo com a sociedade e com todo tipo de pessoa. (Johny, 2017)

Atualmente Johny participa de dois grupos. O SNE, uma *crew* de caráter nacional, que abrange membros de vários estados e outra a nível local, a GDC *crew* a qual organiza junto a um amigo. No que diz respeito as questões relacionadas a participação de gênero no universo do grafite, o entrevistado também relata que não percebe essas diferenças e assim como Roni, ele coloca que as relações têm se dado de uma forma conflituosa em Aracaju.

Não há diferença: o que vale é o grafite, o trampo e o talento, independente de quem seja. Aqui em Aracaju já é um pouco complicado. Algumas pessoas se

vitimizam e não compreendem que o mais importante é o trampo. [...]. Um hip-hop feminista, acho que vai chegar um momento de se tornar contraditório e eu não estou falando que o hip-hop é machista. Por uma visão, um ângulo, a gente pode dizer que esta luta é viável, mas tudo tem um limite. Às vezes eu vejo muito extremismo nessa área, que vai além da lógica e até vitimismo. É tão forte isso, que quem diz que “fulano é machista”, as vezes está sendo preconceito dela para com ele. (Feik, 2017)

Gelo tem 25 anos e é integrante do Família Bocas Secas. Seu momento de descoberta no *rap*, se deu de forma mais direta quando conheceu através de amigos seus companheiros de grupo a 07 anos. Assim, os jovens resolveram se unir e formar a família Boca Secas que, além de grupo musical, atua produzindo eventos de *rap* e conta também com um dos poucos estúdios de gravação musical no estado.

Tudo mora aqui no Orlando (Dantas). Aí todo dia eu vinha de *bike*, na praça, “tá ligada”?! E aí “tava” na praça, fumando uma e escutando *rap*. Eu só passava escutando *rap*, mas só que eu não sabia o que ele fazia, “tá ligada “?! Umases.... Aí a galera dizia: “pô, aquele mano ali gosta de um *rap* pra c**” e fica falando de mim. E o povo falava de mim pra ele: “pô aquele cara gosta de um *rap* pra c**” mas a gente nunca “se batia”. Mas um dia eu passei e ele me chamou, me mostrou o som e perguntou se eu queria cantar, porque ele só fazia, mas não cantava. Hoje em dia ele já canta com nós. Ele criou coragem e começou a cantar com nós. E até hoje. Me chamou, mostrou o som e até hoje. Há 06, 07 anos, que a gente vem. E em 2015, 2016 a gente “juntou” com Rato. Antes era eu, ele e o primo, a família Boca Seca. Mas ele (o primo) precisou sair e em 2016 nós “se bateu” com Rato. (Gelo, coletivo Boca Secas, 2017)

Gelo lembra que sua participação no *rap*, se deu de forma mais efetiva, quando sentiu uma necessidade maior de expressar sua indignação frente às questões sociais, que atingem a maior parte da população na periferia aonde mora e, a partir daí, encontrou no *rap* uma forma de protesto.

Quando eu vi que a população tinha vontade de falar, mas não sabia como. E também eu via as coisas erradas, achei uma forma de protesto, de eu falar para todo mundo escutar o que a gente passa aqui. Porque tem uma imagem de Aracaju, na orla de atalaia, cidade projetada, isso e aquilo. Mas quando a pessoa para pra ver realmente o que é, vê que não é só essas coisas boas [...] Todo mundo que está aí na coisa errada, tá por necessidade. É certo que alguns são por gastar, mas eu conheço muitos por necessidade e eu via a gente ser oprimido dentro da nossa própria favela.

Mas o governo não fazia nada pra que tire essa galera da rua e a gente faça alguma coisa. Eu via gente se matando no ponto de droga e eu pensava: “poxa, a gente vai passar batido”? (Gelo, Família Boca Secas, 2017)

Com relação as discriminações de gênero que envolvem o universo *rap*, o entrevistado reconhece que essas diferenças existem, apontando, não só no *rap* mas na sociedade em geral, a presença do machismo. Assim, como uma forma de combater esse tipo de conduta, Gelo coloca que o seu grupo tem se somado as causas trazidas pelas mulheres dentro do hip-hop.

Nós homens já sofremos preconceito, imagine as “minas”: correria, preconceito... Porque além de estar no *rap*, é uma caminhada louca. As “minas” sofrem bastante, assédio. Tem várias causas que a gente apoia, junto com elas. (Gelo, Família Bocas Secas, 2017)

Assim, o grupo Família Bocas Secas tem produzido músicas, *cypher* com mulheres e têm se destacado em seus eventos, por convidar grupos femininos atuantes na cena hip-hop, tanto em Aracaju quanto fora do estado. Na avaliação de Gelo, o crescimento da cena feminina tem se dado de forma positiva em todos os elementos em Aracaju.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de escrever as conclusões de uma pesquisa, nos traz um olhar sobre um texto que pontualmente nos mostra reflexões, lacunas e o desejo sobre as possibilidades de novas investigações a respeito do presente objeto. E se por um lado essas constatações causam certa insegurança, por outro, o sentimento de gratidão e amadurecimento intelectual tem estado presente ao refletir sobre desenvolvimento do trabalho de campo. Acredito que haveria muito a percorrer, e até mesmo rever, mas ao final de todo ciclo é preciso colocar um ponto final.

Ao iniciar as “considerações finais”, retorno ao início da minha trajetória no mestrado. Vejo-me como uma pesquisadora inexperiente e que apesar de carregar inúmeras dúvidas sobre como desenvolver uma dissertação, ao mesmo tempo me sentia ansiosa e atenta à compreensão dos significados que as culturas juvenis assumiam, na construção das identidades de jovens mulheres. Entretanto, apesar da importância que ganha à dimensão cultural, traduzida claramente no aumento das pesquisas relacionadas aos grupos juvenis, percebi que as mulheres eram invisíveis embora houvesse evidências sobre suas participações.

Foi possível observar que, principalmente em grupos de estilos essencialmente juvenis, como é o caso hip hop, a existência de uma predominância masculina tem estado sempre presente. Pois poucos são os agrupamentos em que as mulheres participam e raros são aqueles formados somente por mulheres. Alguns estudos falavam sobre as mulheres como acompanhante dos homens, enquanto outros centravam na ausência da participação feminina.

Analisar sobre como o hip hop se configura na grande Aracaju a partir da localização, caracterização e identificação de suas atividades e associações presentes, foi central para tratar sobre a participação feminina. Em tal cenário muito recente, as mulheres ganham visibilidade mas, por outro lado, existe uma ausência de dados que tratam com detalhes sobre essa presença, o que demonstra que neste aspecto dado contexto também segue as mesmas configurações, apontadas na literatura existente.

Outra questão que chamou atenção, esteve ligada ao caráter das atuações femininas que, dadas a partir de um viés fortemente político é reconhecido através de algumas práticas, como a criação de coletivos dentro e fora das posses, de redes estabelecidas com outras mulheres fora do estado, da afiliação partidária e, muito recente, a partir do uso das redes sociais e da relação estabelecida com o feminismo. Deste modo, no presente contexto as mulheres têm ganhado cada vez mais espaço nas expressões artísticas ligadas ao rap, na dança e no grafite, apresentando uma ausência total para discotecagem onde essas não foram encontradas.

Para além do mapeamento dessa presença nos elementos, foi constatado que tal atuação é dada a partir da formação de grupos restritamente femininos em sua maioria, com poucos casos em que tal composição se dá de forma mista, porém, tal atitude não tem a intenção de negar um contato com os homens que integram esta cultura urbana. Tais participações mistas são mais visíveis nos casos em que se está em questão, discussões ligadas à militância, bem como sobre as experiências referentes às práticas culturais que envolvem os elementos de uma maneira específica.

Diana, Mariah, Isa, Ariane e Andreza são cinco mulheres que integram o Hip-Hop na grande Aracaju. Seus discursos representaram importantes objetos de reflexões, que possibilitou entender aspectos significativos que se referem às principais influências no momento de entrada: as motivações. Por outro lado, as dificuldades encontradas na inserção deste universo bem como os modos específicos de atuação que em alguns momentos tem sido

marcado pela autoafirmação de uma identidade baseada no gênero enquanto elemento de resistência em uma cultura de forte predominância masculina.

Ao investigar as trajetórias femininas, também foi possível notar a existência de alguns elementos que possibilitaram seus momentos de descoberta no Hip-Hop, atrelada a um período comumente atribuído a juventude. Nesse sentido, as jovens buscavam redes de amizade e, na maioria dos casos analisados, a escola foi o espaço principal seguido do consumo de bens culturais.

No que se refere ao recorte da realidade das jovens, a média de idade é de 29 anos, ou seja, a maioria reside em bairros considerados socialmente periféricos, localizados na grande Aracaju e moram com os filhos e/ou companheiros. No geral, quase todas tiveram acesso ao ensino superior nos cursos específicos de administração, direito, dança publicidade e letras. Tais escolhas ainda chamaram atenção por se traduzir em uma valorização das integrantes pela importância social de um diploma, mas que em alguma medida também foi notável uma preocupação com a identificação pessoal em relação aos cursos escolhidos. No ato da pesquisa, ainda foi constatado que apenas duas das jovens permaneciam estudando. O que mostra como o espaço acadêmico é visto como espaço de exclusão, pois as jovens relataram não se identificar com tal ambiente.

Todas exercem uma atividade remunerada em trabalhos que possuem, ou não, uma relação direta com o Hip-Hop e, com relação à definição étnico racial, as identificações se mostraram diversas, o que mostra que apesar de ser considerada uma manifestação cultural originária dos subúrbios de população negra dos EUA, atualmente o hip-hop tem sido um movimento articulador de vivências juvenis e, como um estilo de vida, assume diversos significados para os jovens, independente de raça, classe ou gênero.

Nessa perspectiva, ainda foi possível perceber a atribuição de alguns fatores em comuns que deram sentido ao estilo de vida nos momentos de inserção no universo desta cultura urbana, associados à valorização da música, ou de uma maneira própria de se vestir e de se comunicar. Porém, tal associação ao estilo de vida ainda foi fortemente identificada com a periferia, como um local de moradia e reconhecimento das integrantes analisadas.

Outro aspecto que aparece com destaque, foi relacionada ao tipo de atuação das jovens nos grupos. No decorrer deste recorte, são inúmeros os valores e significados propiciados pelas experiências femininas. Ao evidenciar as diferentes formas de atuação feminina

presentes no cenário Hip-Hop na grande Aracaju, entendo que existe ainda uma articulação entre o uso das expressões artísticas e a organização política dos grupos, que tem sido fortemente mediada pela ideia de movimento social. Assim, a consciência política tem sido presente, quando tais integrantes percebem a presença feminina no cenário dessa cultura urbana de formas minoritárias, bem como vivenciam situações de restrições impostas às suas participações. O que faz com que as temáticas de gênero, passem a assumir uma conotação central se tornando também um conteúdo político nas ações destes grupos.

Atualmente, Sergipe conta com a presença de duas frentes que se referem às organizações que tem buscado representar em unanimidade, as mulheres do Hip-Hop no cenário nacional. Assim, para além das análises no espaço virtual, as práticas políticas construídas em torno das redes sociais ainda possibilitaram um acompanhamento extenso de eventos que foram divulgados ao longo dos dois anos por tais integrantes e que passaram também a ser acompanhados no espaço off-line. Esses eventos assumem três sentidos diferentes e ressaltam as relações estabelecidas com mulheres de coletivos feministas e com os homens integrados ao universo hip-hop, o que evidencia a emergência de múltiplas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. n. 5 e 6, p. 25-36, mai. Dez. 1997.

ALMEIDA, Elmir. (1999-2006). **Os estudos sobre os grupos juvenis: presenças e ausências.** Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo, Hucitec, 1997.

BRAH, A. (1996) Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu. Jan/ Jul, p p.329-376, 2006.

CERQUEIRA, Renata de Melo Pereira. **O QUE ACONTECE EMBAIXO DA PONTE? JUVENTUDES E OCUPAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO.** 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DURANS, Claudimar Alves. **As Anastácias do quilombo: uma análise da participação e representação da mulher no hip- hop maranhense.** 2014. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Maranhão, São Luis.

Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

FREIRE FILHO, João. **Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político Contemporâneo** – Revista de Comunicação e Cultura. Vol. 3, nº 1, pp. 138-166, janeiro/junho. Salvador, 2005.

FREIRE, Sobral Rebeca. **Hip Hop feminista?: Convenções de Gênero e Feminismos no movimento Hip Hop soteropolitano**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares), Universidade Federal da Bahia. Salvador.

LIMA, Mariana Semião de. **Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MAFFESOLI, Michel. (1987), **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. 2003 Tese (Doutorado em Educação) **Meninas do graffiti : educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MARCON, F.; FILHO, F. de S. **Estilo de vida e atuação política de jovens ligados ao hip-hop em Sergipe**. In: Peças e engrenagens dos jogos políticos no Brasil. São Leopoldo: Oikos, São Luís: EDUFMA, 2012, pg. 231-255.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. **Mulheres no hip hop: identidades e representações**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Campinas, São Paulo.

MORENA, Margarida. Miradas Femininas Mulheres no Muro: **Traços Femininos nos Grafittes de Salvador**. IN: Quinto Encontro Multidisciplinares em Cultura, n. 5, 2009, Salvador.

McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. “Girls and Subcultures.” In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance Through Rituals. Youth Subcultures** in Post-War Britain. London: Hutchinson; Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies from the University of Birmingham, 1975. p. 209-222.

NOVAES, Regina Reyes. **“Hip Hop: o que há de novo?”** In: Proposta- Revista Trimestral de Debate da FASE- Novas ONGs, novos desafios. Rio de Janeiro: FASE. Ano 30. Setembro/Novembro de 2001. P.66-83.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** Análise Sociológica, 1990, v. 25, n. 105-106. 66

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SIMÕES, José Alberto. **Entre a rua e a internet. Um estudo sobre o hip-hop português.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

SIMÕES, José Alberto; NUNES, Pedro; CAMPOS, Ricardo. **“Entre subculturas e neotribos: propostas de análise dos circuitos culturais juvenis. O caso da música rap e do hip-hop em Portugal”.** Fórum Sociológico, n. 13/14 (2ª série), p. 171- 189 2005.

SOUZA, Maria Erica Santana de. **Formas de militância feminista em cenário de auto-organização e cyber ativismo no Brasil contemporâneo: tendências atuais a partir do caso de Aracaju/SE.** 2017. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. **Em busca da autoestima: interseções entre gênero, raça e classe na trajetória do grupo Melanina.** 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), UFRJ, Rio de Janeiro.

SILVA, J. **Juventude, Cultura e Política: Repensando os Estudos Culturais, Revisando o Hip Hop.** Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 39-68, Mai.-Ago. 2016.

SAID, Camila do Carmo. **Minas na Rima: jovens mulheres no movimento hip-hop de Belo Horizonte.** 2007 . Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte.

SILVA, Célia Regina da. **Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Midiática: Estudo sobre a participação de jovens negras no hip- hop, a construção de identidades e sua presença na internet.** 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Izabela Nalio. **Entre “ perifeminas” e “Minas de artilharia” : participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk.** 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Maria Natália Matias. **Jovens mulheres rappers: reflexões sobre gênero e geração no movimento hip hop.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SAMICO, Shirley de Lima. **Lideranças femininas e feministas : um estudo sobre a participação de jovens mulheres no movimento hip hop.** 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PATEMAN,C. Confusões Partriarcais. In: PATEMAN, C. **O contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993, p.38- 65.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Aceito participar da pesquisa sobre “Jovens Mulheres no Hip-Hop: Atuação Política, Estilos de vida e relações de sociabilidade na Grande Aracaju/SE da aluna Mara Raissa Santos Silva e Freitas, referente ao curso de Mestrado em Sociologia.

Declaro que fui informada(o) que a pesquisa pretende analisar os significados que o Hip-Hop assume pra jovens mulheres e as implicações dessa participação na construção das identidades femininas através das práticas e discursos acionados na grande Aracaju/SE.

Como participante da pesquisa declaro que concordo em ser entrevistada (o) pela pesquisadora em local e duração previamente ajustado permitindo a gravação das entrevistas.

Fui informada (o) pela pesquisadora que tenho a liberdade de deixar de responder a qualquer questão ou pergunta, assim como recusar a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo minha participação temporária ou definitivamente.

() Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

Aracaju, ___/___/___.

Assinatura do participante

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTAS (MULHERES)

BLOCO 1: - Identificação

1- Identificação: nome (anonimato); idade ; naturalidade; onde reside atualmente; estado civil; escolaridade; cor (auto declara); filhos (se tem, quantos), ocupação profissional;

BLOCO 2 – O conhecimento do Hip Hop

1- Em que momento da sua vida você descobriu o hip hop?

2- Em que momento da sua vida você decidiu pela participação no hip hop?

3- Em que momento da sua vida você optou pelo hip hop enquanto um estilo de vida próprio?

BLOCO 3- Os significados da participação

1-Como se dá a sua atuação enquanto b. girl, grafiteira ou mc no hip hop?

1-O que é o grafite, o break ou rap para você?

3- Você participa de algum grupo atualmente? Qual(s)?

4- Já participou de outros grupos, associações, coletivos? Porque saiu?

4- Por que você escolheu este grupo?

5- O que te motiva a dançar, grafitar ou cantar nesse grupo?

6- Quais são as dificuldades que você encontra para participar do Hip-Hop?

7- Qual o objetivo e a importância de sua participação no Hip-Hop?

8- Como as atividades no Hip-Hop interferem e influenciam sua vida?

BLOCO 4- As relações de gênero

1- Você acha que existem diferenças entre ser *break girl* ou *break boy*, grafiteira ou grafiteiro, MC? Se sim, quais?

2- Como se dá a relação entre homens e mulheres no Hip-Hop?

- 3- Como se dá a relação entre as mulheres em seu grupo?
- 4- Na sua opinião, como se dá a participação das mulheres no Movimento Hip-Hop?
- 5 – Como se apresentam os elementos do Hip-Hop nas ações dos grupos de Mulheres em Aracaju?
- 6 – Você enfrenta dificuldades com homens no Hip-Hop? Quais? E com mulheres?
- 7 - O que você acha que seria importante mudar na relação entre homens e mulheres no Hip-Hop?

BLOCO 5- parcerias e relações

- 1 – Que grupos/ iniciativas vem ajudando/ colaborando de alguma forma com a atuação do grupo? De que forma? Há quanto tempo? Como essa relação começou?
- 2 – Existe alguma relação com o movimento feminista em suas atuações? Quem são esses grupos ou pessoas? Há quanto tempo? Como essa relação começou?
- 3- O que é feminismo pra você? Em sua opinião é possível um hip hop feminista?

APÊNDICE 3: ROTEIRO DE ENTREVISTAS (HOMENS)

BLOCO 1: - Identificação

- 1- Identificação: nome (anonimato); idade ; naturalidade; onde reside atualmente; estado civil; escolaridade ; cor (auto declara); filhos (se tem, quantos), ocupação profissional;

BLOCO 2 – O conhecimento do Hip-Hop

- 1- Em que momento da sua vida você descobriu o (grafite, break ou o rap)?
- 2- Em que momento da sua vida você decidiu pela participação nas atividades do (grafite, break ou rap)?
- 3- Em que momento da sua vida você optou pelo (grafite, break ou rap) enquanto um estilo de vida próprio?

BLOCO 3- Os significados da participação

- 1-Como se dá a sua atuação enquanto b. boy, grafiteiro ou MC no hip hop?
- 1-O que é ser (*break boy*, grafiteiro ou MC) para você?
- 3- Você participa de algum grupo atualmente? Qual (s)?
- 4- Já participou de outros grupos, associações, coletivos? Porque saiu?
- 4- Por que você escolheu este grupo?
- 5- O que te motiva a dançar, grafitar ou cantar nesse grupo?
- 6- Quais são as dificuldades que você encontra em sua atuação? (no rap, grafite ou break)
- 7- Qual o objetivo e a importância de sua participação no rap, grafite ou break?
- 8- Como as atividades no rap, grafite ou break interferem e influenciam sua vida?

BLOCO 4- As relações de gênero

- 1-Você acha que existem diferenças entre ser *break girl* ou *break boy*, grafiteira ou grafiteiro, MC? Se sim, quais?
- 2- Como se dá a relação entre homens e mulheres no Hip-Hop?
- 3- Como se dá a relação entre as mulheres em seu grupo?
- 4- Na sua opinião, como se dá a participação das mulheres no Movimento Hip-Hop?
- 5 – Como se apresentam os elementos do Hip-Hop nas ações dos grupos de Mulheres em Aracaju?
- 6 – Você enfrenta dificuldades com as mulheres no (rap, break ou grafite)? Quais? E com os homens?
- 7 - O que você acha que seria importante mudar na relação entre homens e mulheres no Hip-Hop?

8- Algumas mulheres vêm levantando a bandeira do feminismo no hip hop. Em sua opinião é possível um hip-hop feminista?

BLOCO 5- parcerias e relações

1 – Que grupos / iniciativas vem ajudando / colaborando de alguma forma com a atuação do grupo? De que forma? Há quanto tempo? Como essa relação começou?

ANEXOS

Anexo 1: Divulgação do evento Rima D` MINA

ENMH2
Apresenta

RIMA D` MINA

26 Fev 2016
18 Hs

RAP:
RELATO VERDADEIRO
PRETAS DE FÉ
DJ MISS.ANDRYA

POESIA:
CLARA DE NORONHA
DÉBORA AARUDA

CORDEL:
IZABEL NASCIMENTO

 PRAÇA DA JUVENTUDE
M. FREIRE II

APOIO:

Anexo 2: Divulgação do evento Sarau das Flores



*Dia: 28 de fevereiro
(domingo),
às 18:00h.*

*Local: Praça da
Juventude do
Conj. João Alves
Filho*

**LEVANTE-SE
CONTRA O
MACHISMO!**

SOMOS MARIAS

Apresentações:

*Voz e violão com Robert Magalhães
Teatro (Deixa noiz)
Claqueira mulher
Poesia com Anne Souza
Palestra sobre violência contra a mulher
Relato Verdadeiro
Lu Lion reggae*

Logos: UJS, Prefeitura de São Paulo, and a pink silhouette logo.

Anexo 3: Cartaz do 1º Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop- SE

1º FÓRUM ESTADUAL
DE MULHERES
NO HIP HOP
Sergipe

27
AGOSTO

A PARTIR DAS 9H

LOCAL: ESCOLA MUNICIPAL CARVALHO NETO
(ANTIGO COLÉGIO MILITAR) - RUA BOQUIM, 185 - CENTRO

Debates - Palestras - Oficinas - Rodas de Conversa

Emuita Música!

REALIZAÇÃO:

APOIO:

The poster features a stylized illustration of a woman with long hair, wearing a pink tank top with a white star and a black belt, making peace signs with both hands. She is positioned in front of two large black speakers. The background shows a cityscape with buildings and musical notes floating around. A large yellow swirl is also present. The bottom section contains event details and logos.

Anexo 4: Divulgação da 1ª edição do Mulheres de Luta

MULHERES
DE Luta

28/05
14:00

RODA DE CONVERSA
YALA SOUZA
LINDA BRASIL
RENATA CRUZ
RAISSA FREITAS
FABRICIA ALVES
ARIANE TRINDADE
BEATRIZ RODRIGUES
IZABEL NASCIMENTO

POESIA
ANNE SOUZA
LÍRIA REGINA
DÉBORA ARRUDA
BRENDA ANDRADE
CLARA DE NORONHA

POCKET SHOW
ANNE CAROL
FLOR' MARIAS
RELATO VERDADEIRO

EXPOSIÇÃO
TODAAAMOR
CASA DO CORDEL

 **Ponte. Aracaju - Barra |**
Av. Gen. Calazans | 1135-1333
Bairro Industrial Aracaju - SE

Realização:


Anexo 5: Cartaz de divulgação da 2ª edição do Evento Mulheres de Lutas

We Can Do It!

MULHERES De LUTA

12/11 ÀS 16:00

**INTERVENÇÕES
POÉTICAS**
Marcela
Blenda Pereira
Amansye Soares
Thamyres Dayanne
Daiene Sacramento

DANÇA
Flow Minas
Nana Vasconcelos
Part.
Leandro Matos

RODA DE CONVERSA
TEMA: MULHERES NEGRAS NOS ESPAÇOS DE PODER

Sara Noêmia
Laila Oliveira
Layne Almeida
Thaty Meneses
Michelle Souza
Zenaide Sandres
Caroline Meireles

FEMINIST

POCKET SHOW
DIRETAMENTE DE MACEIÓ-AL
Arielly Oliveira

#GIRLPOWER

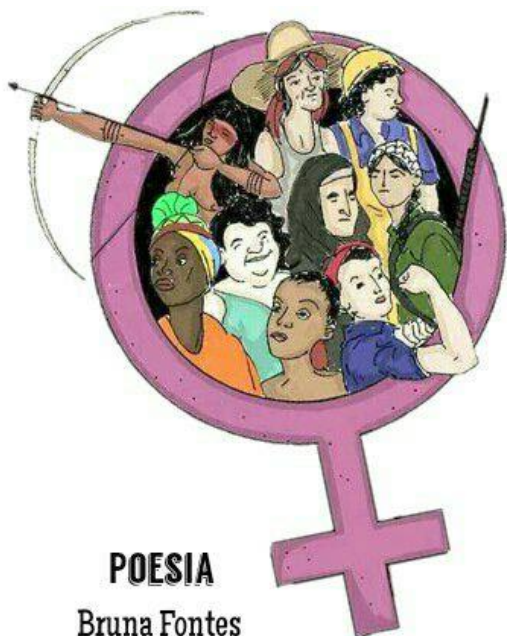
♀ FEMINIST ♀

Realização:

Orlinha do B. Industrial
Avenida General Calazans
Aracaju SE - CEP 49065-420

MACEIÓ-AL

Anexo 6: Divulgação da III edição do Evento Mulheres de Lutas



MULHERES De LUTA

26.11 ÀS 15:30

POESIA

Bruna Fontes
Camilla Galvão
Daiene Sacramento
Jahênia Prado
Theresa Menezes

DANÇA

Ariane Passos

RODA DE CONVERSA

TEMA: MULHERES NO ESPAÇO URBANO

Alessandra Santos
Bruna Noveli
Iza Jackeline
Jéssica Dias
Linda Brasil



POCKET SHOW

Guerilheiras



Ponte Aracaju-Barra
Av. General Calazans | B. Industrial



Anexo 7: Divulgação do Aniversário da Crew Flow Minas

Aniversário Flow Minas Crew

SERGIPE
ARACAJU
PONTE DO BAIRRO INDUSTRIAL

16H 15H
03 e 04
MARÇO

Cypher FLOW

BREAK
Premiação: o arrecadado + troféu
1 VS 1 20\$

B.GIRL MARIA **B.GIRL DIIH** **B.GIRL MARIN**

BATALHA DE RIMA
Premiação: beat + troféu

YALA **LÍRIA REGINA** **CLARA NORONHA**

ALLSTYLE
Premiação: o arrecadado + troféu
10\$ 1 VS 1

DRICCA **ARIANE** **NATALY**

SHOWS
GUERRILHEIRAS
RELATO VERDADEIRO

APOIO  **REALIZAÇÃO** 

Anexo 8: Divulgação do evento Minas no Front



Anexo 9: Programação do evento Sarau da quebrada e a participação de Mariáh Médici

SARAU

DE QUEBRADA

A RESISTÊNCIA DOS FILHOS QUE MAIS SOFREM





APRESENTAÇÕES

SOULJINHA MC
 MARIÁH MÉDICI
 GUERRILHEIRAS
 OS NOVO CABEÇA
 THE HIPNOSE GANG
 INSPIRAÇÃO SONORA







SÁBADO - 22 ABRIL - 17HRS

AVENIDA AUXILIAR 2 S/N - SANTA MARIA (AO LADO DO BANCO BANESE)

Anexo 10: Programação do evento Sarau da quebrada e a participação do grupo Flow Minas

Sarau de Quebrada
Contra o Genocídio da Juventude Negra



Bruas do Cangaco



E.Q.M.
(Experiência de Quase Morte)



Identidade Urbana



Conexão Litoral



Meados de Maio



Flow Minas

Horário:
17 hrs

Local:
Avenida Alexandre Alcino
ao lado do Banese Santa Maria

Data:
22 de Julho

 @Entre Becos  @EntreBecosEnbe